



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS:  
CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA**

**MBIAVANGA ADÃO GARCIA**

**ESCRITAS SILENCIADAS: O RACISMO EDITORIAL/SISTÊMICO  
BRASILEIRO NA SELEÇÃO DE AUTORIA AFRICANA E SUAS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO E NA PESQUISA NO BRASIL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**MBIAVANGA ADÃO GARCIA**

**ESCRITAS SILENCIADAS: O RACISMO EDITORIAL/SISTÊMICO  
BRASILEIRO NA SELEÇÃO DE AUTORIA AFRICANA E SUAS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO E NA PESQUISA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem: Contexto Brasil-África, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa 2: Estudos literários e suas Interfaces.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lílian Paula Serra e Deus.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Garcia, Mbiavanga Adão.

Escritas silenciadas: O racismo editorial/sistêmico brasileiro na seleção de autoria Africana e suas implicações no ensino e na pesquisa no Brasil / Mbiavanga Adão Garcia. - São Francisco do Conde, 2024.

158 f : il.

Dissertação - Curso de Estudos De Linguagem: Contéxtos Lusófonos Brasil-áfrica, Coordenação Do Mestrado Em Estudos De Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-áfrica, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024. Orientadora: Profa. Lílian Paula Serra e Deus.

1. Literaturas africanas em língua portuguesa. 2. Autoria negra africana. 3. Mercado editorial. 4. Lei 10.639/03. I. Título.

CE/UF/BSCA

CDD Af869.09

---

**MBIAVANGA ADÃO GARCIA**

**ESCRITAS SILENCIADAS: O RACISMO EDITORIAL/SISTÊMICO  
BRASILEIRO NA SELEÇÃO DE AUTORIA AFRICANA E SUAS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO E NA PESQUISA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem: Contexto Brasil-África, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Data de defesa: 28/02/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lílian Paula Serra e Deus (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Eni Alves Rodrigues**

Universidade Federal de Viçosa - UFV

**Prof. Dr. Wellington Marçal de Carvalho**

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

**Prof. Dr. Mário César Lugarinho**

Universidade de São Paulo - USP

## **DEDICATÓRIA**

Dedico estas palavras a vocês, que têm enfrentado desafios e dificuldades em terem suas obras reconhecidas e divulgadas no mercado editorial brasileiro. Sabemos que não é fácil encontrar espaço em um mundo literário cada vez mais competitivo, mas quero encorajá-los a continuarem acreditando em seu talento e em sua mensagem.

Suas vozes são importantes e necessárias para ampliarmos a diversidade e a representatividade na literatura. Vocês trazem histórias, culturas e perspectivas únicas, que precisam ser ouvidas e valorizadas.

Não desistam de seus sonhos e de suas paixões pela escrita. Continuem a criar, a se inspirar e a compartilhar suas obras com o mundo. Vocês têm muito a contribuir para o enriquecimento da literatura brasileira e mundial.

Parabenizo a todos vocês pela coragem e pela perseverança em seguir seus caminhos literários. Que suas histórias possam tocar e transformar muitas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Em meio às brumas da incerteza, adentrei os portões do mestrado com poucas moedas no bolso, uma saúde frágil e ares desconhecidos do novo estado que agora habitava. Entretanto, mesmo nas profundezas da incipiente jornada, a estrela que iluminava meu caminho nunca vacilou: minha esposa, a verdadeira guardiã dos sonhos, alicerce sólido quando tudo parecia incerto. Tu, minha fiel âncora nas marés tumultuadas, és o farol que guiou meus passos nessa empreitada audaciosa.

E àquela que se ergueu como uma esfinge de sabedoria, minha orientadora, expresso minha mais profunda admiração. Como um oráculo das letras, traçaste um caminho de iluminação, revelando os segredos ocultos das literaturas africanas em língua portuguesa. Cada conselho, como o sussurro do vento nas páginas de um manuscrito antigo, desvendou novas perspectivas e horizontes literários.

És o elo entre a antiguidade e o presente, a ponte que une eras de sabedoria literária. Cada discussão, como os compassos de uma sinfonia celestial, permitiu-me percorrer os corredores do conhecimento e encontrar beleza em cada detalhe das palavras.

E quando os céus se abriram e me presentearam com a maior joia deste ano, minha primogênita, senti-me como o herói das lendas, agraciado com um tesouro valioso. Seu nascimento é como o prólogo de uma saga épica, prenunciando aventuras incontáveis e emoções que transcendem o entendimento.

Que estas palavras, como as tintas de um quadro renascentista, retratem a profundidade da minha gratidão. Que o som destas frases, como os acordes de um madrigal, ecoe nas câmaras da memória e reverberem nas paredes da eternidade. Que esta expressão de agradecimento, como um verso de um soneto, permaneça imortalizada, como uma tapeçaria tecida com fios dourados, na história do meu percurso.

## **LISTA DE SIGLAS, ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS**

**UNILAB:** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**PUC-Minas:** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

**PALOP:** Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**CPLP:** Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

**MPLA:** Movimento Popular de Libertação de Angola

**FRELIMO:** Frente de Libertação de Moçambique

**PIDE:** Polícia Internacional e de Defesa do Estado

**MVDA:** Movimento vamos descobrir Angola

**MEL:** Mestrado em Estudos da Linguagem

**CEI:** Casa dos Estudantes do Império

**CEA:** Centro de Estudos Africanos

**USP:** Universidade de São Paulo

**CAA:** Coleção dos Autores africanos

**UNEB:** Universidade do estado da Bahia

**UFBA:** Universidade Federal da Bahia

**LLP:** Literaturas em Língua Portuguesa

**GS:** Grupo Sul

## RESUMO

O presente estudo concentra-se na literatura africana escrita em português no Brasil, com foco particular na identificação de lacunas na pesquisa acadêmica e no mercado editorial brasileiro. Este estudo revela que autores respeitados são frequentemente citados em discussões acadêmicas, levando à exclusão de vozes anônimas, especialmente escritores negros africanos. O presente estudo analisa diferentes partes das literaturas africanas em língua portuguesa em seis capítulos. Os capítulos subsequentes tratam da participação das universidades e do mercado editorial na formação de professores, a relevância das literaturas africanas na eliminação de estereótipos e da inclusão de autores africanos nos livros didáticos. O corpo docente brasileiro e a africanização da literatura brasileira, com o objetivo de incentivar mudanças nas editoras. A investigação, utilizando uma abordagem distribuída, enfatiza a importância de reunir vozes menos reconhecidas, promovendo uma valorização da diversidade cultural e de questões imaginadas. O objetivo deste estudo é ampliar a compreensão da literatura africana em língua portuguesa no atual ambiente literário brasileiro, por meio da análise de diferentes campos e contextos.

**Palavras-chave:** autoria negra africana; literaturas africanas em língua portuguesa; lei 10.639/03; mercado editorial.



## **ABSTRACT**

The present study focuses on African literature written in Portuguese in Brazil, with a particular focus on identifying gaps in academic research and the Brazilian publishing market. This study reveals that respected authors are often cited in academic discussions, leading to the exclusion of anonymous voices, especially African Black writers. The present study analyzes different parts of African literature in Portuguese in six chapters. Subsequent chapters address the participation of universities and the publishing market in teacher training, the relevance of African literature in eliminating stereotypes, and the inclusion of African authors in textbooks. The Brazilian faculty and the Africanization of Brazilian literature aim to encourage changes in publishing houses. The research, using a distributed approach, emphasizes the importance of bringing together lesser-recognized voices, promoting appreciation of cultural diversity and imagined issues. The aim of this study is to broaden the understanding of African literature in Portuguese in the current Brazilian literary environment through the analysis of different fields and contexts.

**Keywords:** African literature in Portuguese; black African authorship; law 10.639/03; publishing market.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL – QUESTÃO EDITORIAL E A INSERÇÃO POR MEIO DAS UNIVERSIDADES</b>	16
2.1	ESTUDANTES AFRICANOS E AFRICANAS NO BRASIL (1960)	25
2.2	EDITORAS PRECURSORAS DAS LITERATURAS AFRICANAS NO BRASIL	34
2.3	O RECONHECIMENTO TARDIO DAS LITERATURAS AFRICANAS PELO MERCADO EDITORIAL	46
<b>3</b>	<b>LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA ESTUDADAS NAS UNIVERSIDADES DA BAHIA E NO CEARÁ</b>	58
3.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS (ESTUDANTES DA UNEB, UFBA, UNILAB-CE E UNILAB-BA)	67
3.2	REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS: VOZES, LACUNAS E INOVAÇÕES	70
3.3	ABORDAGENS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS	71
3.4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO QUADRO DE ENTREVISTA	74
<b>4</b>	<b>RELEVÂNCIA DA LEI 10.639/03 NA FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES</b>	80
4.1	O CONTATO ENTRE ESTUDANTES E LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	84
4.2	FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR	87
<b>5</b>	<b>A INFLUÊNCIA DAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA NA DESCONSTRUÇÃO DOS RÓTULOS SOBRE ÁFRICA</b>	91
5.1	AUTORES AFRICANOS ESTUDADOS NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA	94
5.2	EXPLORANDO A DIVERSIDADE DA AUTORIA AFRICANA EM LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA: NACIONALIDADE, PUBLICAÇÃO NO BRASIL E O PAPEL DAS PEQUENAS EDITORAS	96
5.3	AUTORES AFRICANOS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP) ESTUDADOS NO BRASIL	103
<b>6</b>	<b>AUTORES AFRICANOS, NACIONALIDADE E OBRAS NOS MANUAIS ESCOLARES BRASILEIROS</b>	108
6.1	AFRICANIZANDO O PANORAMA LITERÁRIO BRASILEIRO: DESVELANDO O SILENCIAMENTO DAS VOZES AFRICANAS E PROMOVENDO TRANSFORMAÇÕES EDITORIAIS	122
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	130

**REFERÊNCIAS**  
**ANEXOS**

138  
146

## 1 INTRODUÇÃO

Nos meus esforços para explorar e superar os dilemas e a diversidade das literaturas africanas, descobri lacunas persistentes nos estudos brasileiros. Como pesquisador angolano radicado no Brasil há mais de sete anos, tive a oportunidade de visitar diversos lugares e vivenciar diferentes culturas. Porém, nesse período percebi que as investigações acadêmicas sobre as literaturas africanas muitas vezes se limitavam a escritores já consagrados no mercado editorial e nas universidades brasileiras, como Mia Couto, Chimamanda Ngozi Adichie, Pepetela, Luandino Vieira e José Eduardo Agualusa. No campo das literaturas africanas estudadas no Brasil, é raro encontrar estudos aprofundados de autores desconhecidos ou de menor visibilidade. Esta situação me atraiu a realização de pesquisas que visam apresentar uma visão ampla e diversificada das literaturas africanas e de seus autores, desde os mais conceituados até os menos reconhecidos.

Essa situação me motivou a realizar uma pesquisa que pretende apresentar uma visão mais ampla e diversificada das Literaturas Africanas e seus autores, desde os menos visíveis até os mais conhecidos e premiados. Com este trabalho, pretendo contribuir para a desconstrução do padrão que limita as discussões acadêmicas sobre Literaturas Africanas no Brasil, apresentando uma visão inclusiva sobre essa temática. É importante ressaltar que a lacuna existente no mercado editorial brasileiro em relação aos autores africanos não se dá por falta de produção literária de qualidade, mas sim por questões relacionadas à circulação e divulgação dessas obras. As discussões sobre as Literaturas Africanas no Brasil são complexas e multifacetadas, envolvendo questões de ordem histórica, política, econômica e cultural. Ao considerarmos especificamente a presença de autoras negras africanas no mercado editorial brasileiro, percebemos que essa é uma lacuna ainda mais profunda e preocupante.

As autoras negras africanas enfrentam, em geral, uma série de obstáculos e dificuldades para ter suas obras publicadas e divulgadas no Brasil. Muitas vezes, as editoras brasileiras priorizam obras escritas por autores brancos ou ocidentais, reproduzindo assim uma lógica de exclusão e invisibilidade das vozes negras, que historicamente têm sido marginalizadas e subalternizadas na sociedade brasileira.

Além disso, é importante destacar que, mesmo quando as autoras negras africanas conseguem ter suas obras publicadas no Brasil, elas, muitas vezes, são encaixadas em uma categoria à parte, como se sua produção literária não pudesse ser lida como parte integrante das Literaturas Africanas em geral. Essa categorização pode reforçar a ideia de que as obras

produzidas por autoras negras africanas são menos relevantes ou menos autênticas do que as produzidas por autores homens ou brancos, o que é profundamente equivocado.

Dessa forma, é importante destacar ainda que, no mercado editorial brasileiro, existem autores africanos que acabam sendo invisibilizados e excluídos. Muitas vezes, esses autores não se enquadram nos estereótipos e padrões pré-concebidos que o mercado espera encontrar nas Literaturas Africanas, o que acaba por limitar a sua circulação e divulgação.

Um exemplo de estereótipo relacionado às literaturas africanas é a percepção de África como um país não um continente, o que traz uma visão universalizante, despreza as diferenças entre as diversas nacionalidades, culturas e tradições presentes no continente. Essa visão simplista e inexata pode levar a uma compreensão limitada e à invisibilidade de autores africanos que não se enquadram nos estereótipos construídos acerca de África.

Além disso, o mercado editorial internacional é frequentemente dominado por autores ocidentais, e os canais de distribuição e publicidade são controlados por grupos editoriais poderosos. Isso pode dificultar a circulação e divulgação de literaturas africanas relevantes para o contexto global. É fundamental que os editores brasileiros estejam abertos a uma maior diversidade de vozes e narrativas, a fim de que as Literaturas Africanas possam ser apreciadas em toda a sua riqueza e complexidade.

Faz-se imprescindível ressaltar que a análise das Literaturas Africanas no contexto brasileiro deve considerar não apenas os desafios enfrentados pelos escritores africanos de maneira geral, mas também abordar a sub-representação e exclusão de numerosas autoras negras africanas, assim como de autores que não se encaixam nos estereótipos e padrões preestabelecidos. Torna-se vital reconhecer a importância e a diversidade intrínseca à produção literária africana, empenhando-se ativamente para ampliar sua visibilidade e acesso nos domínios editoriais e acadêmicos brasileiros.

Nesse sentido, as discussões propostas estão divididas em seis capítulos, cada um com seus respectivos subcapítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil - Questão editorial e a inserção por meio das universidades”, busca fazer uma reflexão sobre a presença das literaturas africanas de língua portuguesa no cenário literário brasileiro, sobretudo a sua inserção no meio universitário.

O segundo capítulo, denominado “Literaturas Africanas em Língua Portuguesa estudadas nas Universidades da Bahia (UFBA e UNEB) e do Ceará (UNILAB – CE e UNILAB -BA)”, tem como objetivo principal analisar o ensino e a pesquisa das Literaturas Africanas de língua portuguesa nessas universidades, enfatizando suas contribuições para a formação acadêmica e cultural dos estudantes.

Já o terceiro capítulo, intitulado “Relevância da Lei 10.639/03 na formação de futuros professores”, aborda a importância da lei que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras, destacando seu papel na formação de professores capacitados a lidar com a diversidade cultural presente nas salas de aula.

O quarto capítulo, intitulado “A importância das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na desconstrução dos rótulos sobre África”, traz uma reflexão sobre a relevância das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na desconstrução dos estereótipos e rótulos negativos que foram historicamente atribuídos ao continente africano.

O quinto capítulo, denominado “Autores africanos, nacionalidade e obras nos manuais escolares brasileiros”, busca analisar a presença dos autores africanos de língua portuguesa nos manuais escolares brasileiros, destacando a importância de se incluir obras desses escritores no currículo escolar como forma de ampliar o conhecimento sobre as literaturas africanas e sua relevância para a cultura brasileira.

E por fim, o capítulo seis intitulado “Autores africanos, nacionalidade e obras nos manuais escolares brasileiros”, que aborda o racismo editorial/sistêmico no campo literário brasileiro, destacando as barreiras enfrentadas por autores africanos/as para terem suas vozes ouvidas e suas obras reconhecidas. Teorias críticas da raça e pós-coloniais, ancoradas em perspectivas africanas, como a Afrocentricidade e o Pós-colonialismo, revelam a complexidade intrínseca ao cenário literário. Autores renomados, como Chimamanda Ngozi Adichie e Ngũgĩ wa Thiong'o, fornecem exemplos tangíveis dessas dificuldades de inserção de suas obras no mercado editorial brasileiro. A resistência à diversificação editorial, a falta de financiamento adequado e a ausência das literaturas africanas nos currículos escolares são apontados como obstáculos cruciais que demandam superação.

Ao abordar diferentes aspectos das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil, a estrutura proposta busca proporcionar uma visão abrangente e multifacetada dessas produções literárias. Ao explorar a sua inserção no meio acadêmico, é possível compreender como essas literaturas têm conquistado espaço nas universidades e contribuído para uma formação mais ampla e enriquecedora dos estudantes. Além disso, ao analisar o impacto dessas obras na formação de professores, destaca-se a relevância da Lei 10.639/03, que promove a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, capacitando os educadores a lidar de forma mais sensível e abrangente com a diversidade cultural presente nas salas de aula.

Outro aspecto relevante abordado, é a importância das literaturas africanas na desconstrução de estereótipos e rótulos negativos historicamente associados à África. Ao

apresentar narrativas e perspectivas diversas, essas obras desafiam visões simplistas e preconceituosas, proporcionando uma compreensão mais complexa e rica do continente africano e de suas múltiplas culturas. Nesse sentido, a literatura se revela como uma poderosa ferramenta para a promoção do diálogo intercultural.

Por fim, a análise da presença dos autores africanos nos manuais escolares brasileiros enfatiza a importância de incluir suas obras no currículo escolar, a fim de expandir o conhecimento sobre as Literaturas Africanas e sua relevância para a cultura brasileira. Essa inclusão não apenas enriquece o repertório literário dos estudantes, mas também fortalece a valorização da diversidade cultural e estimula a reflexão sobre as relações históricas, sociais e culturais entre o Brasil e o continente africano.

Dessa forma, a estrutura abrangente da dissertação, ao contemplar esses diferentes aspectos, vislumbra uma análise mais aprofundada e significativa das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil, evidenciando sua importância para a formação acadêmica, a promoção da diversidade cultural e a desconstrução de estereótipos.

## 2 PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL – QUESTÃO EDITORIAL E A INSERÇÃO POR MEIO DAS UNIVERSIDADES

O panorama das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa no Brasil nas décadas de 50, 60 e 70 é marcado pela presença de alguns autores africanos. Nesse período, destaca-se o *Grupo Sul*, liderado por Salim Miguel, um importante movimento literário e cultural que surgiu no sul do Brasil. Seus membros eram escritores e artistas que buscavam uma literatura independente e comprometida com a realidade brasileira e latino-americana, em contraposição à literatura europeia que ainda predominava no país à época. Segundo Falcon (2013), em seu artigo intitulado *Ler o Sul. Os estudos de literaturas africanas em Portugal na década de 80*, aponta que a revista *Grupo Sul*, teve um papel fundamental na divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil. A autora menciona as diferentes abordagens e formas de tradução usadas pela revista para fazer ecoar a voz de escritores africanos e discute a relação da *Revista Sul* com o partido angolano Movimento de Libertação Nacional de Angola (MPLA) e a influência dessas relações na divulgação das Literaturas Africanas no Brasil. Alguns dos escritores africanos apresentados na revista são os angolanos Luandino Vieira, Agostinho Neto, Rui de Noronha e a moçambicana Noémia de Sousa.

Segundo a pesquisador Godoy (2013), o *Grupo Sul* realiza-se como um espaço de liberdade e de crítica ao poder da época, de luta contra a cultura europeia oficial e de busca da autenticidade local. Essa postura crítica e independente do *Grupo Sul* abriu espaço para a publicação de autores africanos, que encontravam dificuldades em divulgar suas obras em um contexto marcado pela censura imposta pelo governo português, que controlava o acesso à educação e à cultura nos países africanos sob seu domínio colonial, sendo esse o motivo principal para detenções, como veremos posteriormente. Autores como Luandino Vieira, que foi preso diversas vezes por sua militância política, encontraram em publicações como a *Revista Sul* uma forma de divulgar suas obras e reforçar as lutas de libertação dos povos africanos.

O Grupo Sul, conforme descrito pela *Enciclopédia Itaú* (2015), incorporou as Literaturas Africanas, especialmente as de língua portuguesa, em sua publicação, a *Revista Sul*. Esta inclusão foi motivada pela presença de autores angolanos notáveis, como Luandino Vieira, António Jacinto e Viriato da Cruz. Embora tenha aberto espaço para as Literaturas Africanas, a *Revista Sul*, em sua abordagem editorial, concentra-se primordialmente na literatura brasileira e latino-americana. Tal foco, no entanto, não diminui a importância da



decisão do Grupo Sul em promover a diversidade cultural e literária ao incluir expressivamente as produções africanas em sua plataforma. A *Revista Sul* abriu espaço para as Literaturas Africanas, o que demonstra a importância do grupo em promover a diversidade cultural e literária.

Além da *Revista Sul*, outras publicações no Brasil começaram a incluir autores africanos em suas páginas, como o caso da *Editora Ática* que publicou a obra do escritor de Guiné-Bissau Djibril Tamsir Niane intitulada *Sundjata* ou a *Epopéia Mandinga*, que fez parte da *Coleção Autores Africanos* publicada em 1982 e a *Revista Raça* que foi fundada em São Paulo, em 1996, e se dedicou a promover a literatura e a cultura negra, publicando obras de autores como José Craveirinha e Luís Bernardo Honwana, de Moçambique.

Durante a década de 1960, houve a institucionalização dos estudos africanos no Brasil, impulsionada por dois fatores principais: o interesse do governo Jânio Quadros pelas independências africanas e a fundação de três centros de estudos africanos no país, esses que são: o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundado em 1959; Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), fundado em 1961, e transformado no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) em 1973, junto à Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro (UCAM) e o Centro de Estudos e Cultura Africana junto à FFLCH/USP (1963), hoje denominado Centro de Estudos Africanos (CEA). Essa institucionalização permitiu a criação de cursos de graduação e pós-graduação em estudos africanos, a realização de pesquisas e a publicação de livros e artigos sobre o tema. Os estudos africanos no Brasil abrangiam diversas áreas, como história, antropologia, sociologia, literatura, política, economia, entre outras. Os pesquisadores brasileiros se interessavam por temas como as culturas africanas, as relações entre África e Brasil, a história das colônias africanas, as lutas pela independência, as políticas externas dos países africanos, entre outros. Além disso, os estudos africanos também se relacionavam com os estudos afro-brasileiros, que se dedicavam ao estudo da cultura e da história dos afrodescendentes no Brasil, como aponta Schlickmann (2016).

A introdução das Literaturas Africanas em língua portuguesa no cenário literário brasileiro marcou um passo significativo na formação de uma compreensão mais abrangente da realidade do continente africano e de seus povos. Além disso, contribuiu para a apreciação da diversidade cultural e linguística que caracteriza o Brasil. Embora seja um fato inegável que as literaturas africanas tenham conquistado um espaço específico nas universidades brasileiras, é importante destacar que este espaço ainda é limitado e tem enfrentado desafios importantes. Ainda assim, é possível afirmar que a presença das literaturas africanas de língua

portuguesa nas universidades brasileiras deve-se, em parte, ao trabalho pioneiro do *Grupo Sul* e de outros movimentos literários e culturais que abriram caminhos para a difusão dessas obras no país. Portanto, apesar dos avanços alcançados até o momento, há uma necessidade urgente de ampliar e consolidar esse espaço para as literaturas africanas nas universidades brasileiras, promovendo assim a difusão de novas vozes e perspectivas na sociedade brasileira.

Como sinaliza Nedilson Jorge (2018), a valorização das literaturas africanas e a busca por uma representação mais autêntica do continente também se refletem nas conexões entre a produção literária e os movimentos políticos de libertação, como evidenciado na experiência angolana. O partido comunista angolano Frente para a Libertação Popular de Angola, conhecido por suas siglas MPLA, foi fundado em 1956, em Luanda, por um grupo de estudantes e intelectuais angolanos, incluindo figuras proeminentes como Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto, que viria a se tornar o primeiro presidente de Angola. A literatura angolana, influenciada pelo MPLA, desenvolveu uma forte relação com a causa da independência, com autores como Luandino Vieira, Agostinho Neto e Pepetela engajando-se ativamente no movimento de libertação. O partido, reconhecendo o poder da cultura e literatura como ferramentas de resistência e mobilização popular, incentivou a produção de obras que dialogassem com a luta pela independência, exemplificado pelo livro *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, que retrata de forma vívida a busca pela independência de Angola. Essa interligação entre a literatura e os movimentos políticos destacam a importância não apenas de reconhecer as obras literárias africanas, mas também de compreender seu papel intrínseco na construção de narrativas de resistência e emancipação.

É interessante salientar a importância dos autores como Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Viriato da Cruz entre outros na criação do Movimento literário *Mensagem – Vamos descobrir Angola* criado nos anos de 1948. Os autores associados ao movimento cujo lema era “Vamos descobrir Angola” participaram ativamente na produção literária e cultural que buscava fraturar a muralha de silêncio construída pelo colonialismo e que separava os intelectuais filhos de colonos e de assimilados do povo angolano. Embora o movimento nunca tenha publicado um livro, em virtude, sobretudo, da repressão salazarista, as obras desses autores foram publicadas em revistas literárias, como a *Mensagem* e *Cultura*. Eles também participaram de palestras e discussões sobre temas angolanos, buscando renovar a literatura e a cultura do país. Alguns dos autores mais conhecidos associados ao movimento são

Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, António Jacinto, Luandino Vieira, entre outros. De acordo com Garcia (2022):

É ao Movimento dos Novos Intelectuais, que utiliza como lema *vamos descobrir Angola*, que se deve a grande revolução da sociedade colonial em fins da década de 40, colocando-se contra o assimilacionismo e a alienação a partir da descoberta da verdadeira Angola. Vamos descobrir Angola representa, neste momento, a expressão da necessidade de afirmação do povo. É, então, que se cria a Mensagem- a voz dos naturais de Angola, em 1951, que, denunciando a opressão, a aculturação, a marginalização social, seria agente do renascimento de Angola ao proclamar o sentimento de angolanidade, um sentimento libertador. E, em sua segunda fase, angolanizar e reafrikanizar. (Garcia. 2022. p.18)

A intrincada relação entre a literatura e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) revelou-se complexa e repleta de controvérsias. Figuras proeminentes, como Luandino Vieira, António Jacinto e Viriato da Cruz, desempenharam papéis cruciais na fundação do partido comunista angolano, que fervorosamente buscava a independência do país do jugo português. No entanto, essa interligação entre a literatura e o MPLA não transcorreu sem tensionamentos. Dentre os autores angolanos, destaca-se o caso de José Luandino Vieira, que enfrentou prisão e perseguição por parte da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado português). Em 1961, Luandino foi sentenciado a 14 anos de detenção, não por deliberação do MPLA, mas como resultado do colonialismo português, sob a égide de Salazar, que o rotulou como subversivo. Essa condenação foi baseada na alegação de que seus escritos não apenas refletiam, mas, na verdade, promoviam um engajamento político insuficiente.

É relevante sublinhar que, durante esse conturbado período, Luandino Vieira produziu uma obra significativa intitulada *Papéis da Prisão* (2015). Este texto tornou-se uma peça importante ao explorar as experiências vividas durante o período de detenção, adicionando uma dimensão profunda à narrativa literária e à resistência contra as adversidades impostas pelo regime colonial.

Os autores africanos de língua portuguesa e suas literaturas também tiveram que lidar com a censura imposta pelo governo português, que controlava o acesso à educação e à cultura nos países africanos sob seu domínio colonial. Ainda assim, as Literaturas africanas, incluindo a Literatura angolana, conseguiram encontrar espaço e expressão no Brasil.

De acordo com Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro Cecierj (2019), as literaturas africanas escritas em língua portuguesa enfrentam inúmeros obstáculos, além dos políticos e sociais, como a falta de acesso à educação e à leitura em muitos países do continente. Durante o regime ditatorial de Salazar em Portugal e

as suas colônias, incluindo Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) perseguiu e prendeu muitos escritores africanos devido às suas posições políticas e críticas à colonização portuguesa. Antes de alguns desses autores serem transferidos para a famosa prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, muitos desses escritores foram detidos, interrogados, torturados e submetidos a condições desumanas em prisões, enquanto outros foram exilados.

A prisão de Tarrafal, também conhecida como Campo da Morte Lenta, foi criada em 1936 aos moldes de um campo de concentração durante o regime salazarista em Portugal e utilizada para deter prisioneiros políticos. Entre os prisioneiros estavam escritores africanos notáveis, como Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade, que foram submetidos a condições extremamente precárias, incluindo trabalho forçado, privação de sono, isolamento e tortura. Muitos prisioneiros morreram devido às condições desumanas a que foram submetidos ou foram executados pela PIDE.

A perseguição aos escritores africanos pela PIDE teve como objetivo silenciar vozes críticas ao regime colonial português e manter o controle sobre as colônias africanas, como no caso do autor Luandino Vieira e outros intelectuais. Apesar disso, muitos desses escritores continuaram a lutar pela independência e pela liberdade de expressão, mesmo sob as condições mais adversas. (Junior, 2011)

Os autores compartilharam a mesma experiência de viver na lendária prisão do Tarrafal em Cabo Verde, onde passaram por processos semelhantes, desde as detenções até a resistência ao sistema, em que se valeram da criação literária como arma de combate, segundo a expressão usada por Luandino Vieira. Durante a sua prisão, Luandino Vieira escreveu uma série de cartas, que são consideradas uma importante fonte de informação sobre a sua vida e a situação política em Angola na época. Nessas cartas, Luandino Vieira abordou uma série de temas, como sua vida na prisão, a luta pela independência de Angola, a situação política em Portugal e a solidariedade entre os presos políticos africanos.

Segundo a professora Vima Lia Martin da Universidade de São Paulo - USP (2006), as cartas de Luandino Vieira que estão disponíveis no acervo da Universidade de Coimbra (Acervo digital *papeis da prisão*)<sup>1</sup>, escritas durante seu período de detenção na prisão do Tarrafal, foram uma forma de resistência e de manter viva a cultura e a literatura angolanas. Vima Lia Martin, destaca a importância dessas cartas para a construção da identidade do autor e da literatura angolana;

---

<sup>1</sup> Papéis da Prisão, de José Luandino Vieira disponível no acervo da Universidade de Coimbra disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/79388>

As cartas de Luandino, escritas durante seu período de detenção no Tarrafal, de 1961 a 1972, foram uma forma de resistência e de manter viva a cultura e a literatura angolanas. São documentos preciosos para a história da resistência anticolonialista de Angola e para a história da literatura angolana. Como bem assinala Teresa Cristina Cerdeira em *Fala, Luandino*, essas cartas e outros textos que Luandino escreveu na prisão são peças fundamentais para a compreensão da identidade do autor e para a construção da literatura angolana. (Martin, 2006, p. 1).

Nessas correspondências, Luandino Vieira compartilhou reflexões e sentimentos sobre a prisão, a situação política de Angola e Portugal. Ele também abordou temas relacionados à literatura e cultura, mencionando autores e obras que o inspiraram. Vale destacar que as cartas eram dirigidas a amigos e companheiros de luta, responsáveis por retirá-las da prisão e entregá-las a destinatários externos, incluindo Carlos Everdosa, membro da *Revista Cultura*. Seguem alguns trechos da correspondência de Luandino Vieira para Carlos Everdosa durante seu período em Tarrafal;

Tarrafal, 14-10-66

[...] Meu caro Carlos: só não compreendo como insistes em alcunhas ainda que sinceras como a do maior ficcionista angolano. Isto para te falar no estares desiludido de ti próprio, como dizes, e de muitos outros. Isso era inevitável, é um constante suceder e é preciso compreendermos que não há outros homens para com eles construir o mundo. É com esses mesmos que se fará - ou nunca se fará. E, portanto, me regozijo que digas que ainda vai havendo sementeiras para o futuro. Nós somos responsáveis, pouco ou muito não importa, ou o que importa é que o sejamos na medida em que nos foi permitido ou o soubemos ser, por essas sementes. Portanto não se justifica essa desilusão de nós próprios, mas é necessário não cairmos nas mistificações da sementeira que parimos. É só isso que fará a nossa justificação: lucidez. Mas para que não penses que o teu primo é um super-homem e para que se dissolvam ainda mais as idéias feitas, sempre te digo, meu caro irmão, que há dias em que os seguintes versos são possíveis: é necessário o ódio/ só ele impele/ o vermelho estrebuchar do sangue/ quieto insone/ sob o medo...// só ele sacode/ o cansado sono do pensamento/ puro fraterno/ sob o amor// é necessário o ódio/ só ele liberta/ só ele não cansa! Deixo-te com toda a amizade, hoje: o poema é de ontem. (Martin. 2006, p. 2)

As orientações de incentivo de Luandino Vieira para seu amigo desiludido, expressam de maneira clara a lucidez tão necessária para lidar com a realidade. A atitude pragmática adotada pelo autor, ao afirmar que é preciso compreendermos que não há outros homens para com eles construir o mundo, alia-se à esperança de que as sementeiras já plantadas possam germinar no futuro. Contudo, ele alerta que é necessário não cairmos nas mistificações das sementeiras que parimos. Para o autor, utopia não deve ser confundida com ilusão, pois enquanto a primeira deve considerar as contingências, a segunda é completamente fantasiosa. Nessa perspectiva, o trabalho de disseminação da ideologia libertária, de formação de quadros, de conscientização, enfim, foi realizado na medida em que nos foi permitido ou o

soubemos ser. E o resultado dessa tarefa dependia principalmente dos sujeitos que iriam sucedê-los.

Ao afirmar que não há outros homens para com eles construir o mundo, Luandino Vieira mostra a importância dos escritores e intelectuais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, ao falar sobre a necessidade de sementeiras para o futuro, ele destaca a importância da continuidade do trabalho dos escritores.

Essa mensagem de esperança e responsabilidade é fundamental para incentivar os escritores angolanos e africanos em geral a continuarem produzindo, apesar das dificuldades, e para estimular a criação de uma literatura que reflita as lutas e as aspirações do povo angolano. Além disso, as cartas de Luandino Vieira contribuíram para fortalecer o diálogo entre os escritores e para o desenvolvimento de uma literatura angolana (africana) autônoma e comprometida com as questões da terra.

Vima Lia Martin (2016), destaca a importância dessas cartas como um ato de ficcionismo, em que Luandino Vieira usou a literatura como uma forma de resistência política. Suas cartas e sua literatura em geral foram fundamentais para a construção de uma identidade angolana e para a luta contra o colonialismo português. Em particular, destaco um trecho significativo em que, ao se referir à sua ida para o Tarrafal, Luandino Vieira menciona o Brasil e expressa a necessidade de enviar seu trabalho a Jorge Amado, destacando a importância dessa ação como uma forma estratégica de difusão da literatura angolana no Brasil. Este episódio específico evidencia a intenção consciente de Luandino Vieira em estabelecer conexões e promover a disseminação de sua obra, contribuindo assim para a internacionalização e reconhecimento da literatura angolana, especialmente no contexto brasileiro.

Conforme o artigo publicado pela editora Kapulana em 5 de abril de 2019, Luandino Vieira confessou que as notificações referentes a prêmios, notadamente o caso do livro *Luuanda*, pelo qual, em 1965, fora agraciado com o Grande Prêmio de Novela pela Sociedade Portuguesa de Escritores, chegaram às dependências do Tarrafal posteriormente ao esperado. Tal demora foi atribuída ao retardo na disseminação da informação por parte do diretor prisional. Tanto o autor quanto seu editor, impossibilitados de formalizar a inscrição da obra devido a infortúnios circunstanciais, surpreenderam-se ao constatar que ela havia sido reconhecida, mérito atribuído à intervenção do crítico literário Alexandre Pinheiro Torres.

A censura portuguesa, contudo, proibiu qualquer menção ao prêmio, culminando na extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores naquele mesmo ano. *Luuanda* marcou um feito notável, ao ser a primeira obra redigida por um autor angolano a conquistar um

prestigioso prêmio literário em solo português. Sua vitória naquela conjuntura histórica reverberou como um marco significativo para a literatura angolana e, concomitantemente, para a causa da independência de Angola. (Kapulana. 2019)

Luandino Vieira foi também vencedor do Prêmio Camões no ano de 2006, mesmo ano em que foi detido em Luanda, Angola, sob acusação de crimes contra a segurança do Estado. Na ocasião do prêmio, Luandino Vieira optou por não fazer nenhum pronunciamento público, e a sua presença só foi revelada durante a conferência de entrega em Portugal. No entanto, ele escreveu uma carta em que protestava contra a presença de tropas portuguesas em território angolano, decidindo devolver o prêmio em sinal de protesto. A atitude de Luandino Vieira evidencia a importância da literatura como uma forma de resistência política e social, e destaca a necessidade de se considerar a diversidade de vozes e perspectivas na produção literária. As literaturas africanas em geral, em particular as de língua portuguesa, tem sido historicamente marginalizada e sub-representadas no mercado editorial brasileiro e português, e é fundamental que se ampliem a diversidade de vozes e perspectivas literárias. Luandino Vieira argumentou que o prêmio constituía uma política cultural de dominação e uma tentativa de corrupção moral. A recusa de Luandino Vieira ao Prêmio Camões foi um gesto corajoso e emblemático de resistência à opressão colonial e à interferência política na cultura. (Kapulana. 2019)

Moraes (2012), destaca a menção que Luandino Vieira faz em suas cartas ao escritor brasileiro Jorge Amado, que se tornou uma espécie de inspiração para ele durante a prisão. Amado era conhecido por sua luta contra a censura e o autoritarismo, o que fez com que sua obra fosse proibida durante a ditadura militar no Brasil. A menção a Amado também evidencia a relação entre as literaturas dos países de língua portuguesa e a importância do diálogo entre elas.

É fundamental ressaltar a interação estabelecida entre os escritores José Luandino Vieira, Jorge Amado e António Agostinho Neto, em um contexto no qual as literaturas começavam a estreitar seus primeiros laços. Ao estabelecer conexões com o renomado escritor brasileiro Jorge Amado, observa-se posteriormente um vínculo mais direto entre este autor baiano e o primeiro presidente de Angola, Agostinho Neto, que desempenhou um papel significativo na promoção da literatura angolana no Brasil. Isso se evidenciou particularmente na publicação da obra *Sagrada Esperança* em 1974, na qual Amado assumiu a responsabilidade de escrever o prefácio. (Meloni e Franco, 2019)

Segundo a Editora Nzila (2016), a colaboração multicultural entre esses autores adquire uma relevância excepcional para o diálogo entre as literaturas, uma vez que enriquece

a compreensão e o conhecimento de diferentes contextos sociais e culturais. Além disso, a cooperação entre escritores de língua portuguesa contribui significativamente para o fortalecimento do idioma como uma ferramenta de expressão cultural e política compartilhada, promovendo um sentimento de fraternidade entre os povos. A observação feita sobre o texto ressalta a relevância da cooperação entre escritores de língua portuguesa, destacando sua contribuição para o fortalecimento do idioma como uma ferramenta de expressão cultural e política compartilhada. Esta colaboração transcende fronteiras geográficas e culturais, enriquecendo a compreensão dos diversos contextos sociais e culturais presentes na literatura lusófona. Além disso, ao promover um sentimento de fraternidade entre os povos, essa cooperação estimula o diálogo intercultural e a troca de ideias entre as diferentes comunidades de língua portuguesa.

Do outro lado do atlântico, a troca cultural entre diferentes países e regiões passou a seguir a mesma linha de ideia, a difusão da literatura e criação de novos diálogos literários. Nesse sentido, o escritor moçambicano Mia Couto, teve contato com a obra de Guimarães Rosa durante seus estudos de medicina em Portugal na década de 1970. Segundo o artigo *Guimarães Rosa lido por africanos: impactos da ficção rosiana nas literaturas de Angola e Moçambique* de Moraes (2012), Couto teria lido a obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa durante esse período e, a partir dessa experiência, teria se fortalecido no ideal de criar sua própria escrita, explorando temas como a oralidade.

De acordo com Moraes (2012), no contexto do artigo mencionado anteriormente, é possível destacar que no livro *Grande Sertão*, Mia Couto encontrou um mundo novo de escrita que se alinhava com suas preocupações relativas à transgressão linguística e ao desejo de resgatar uma escrita que não nasceu apenas do livro, mas da experiência, do real, da oralidade (Laban, 1980). Nesse sentido, Mia Couto descreveu como a leitura desta obra de Guimarães Rosa se tornou uma verdadeira obsessão ao longo de sua trajetória literária. Segundo o autor, foi a partir dessa obsessão que Mia Couto buscou uma compreensão mais profunda da linguagem e um reencontro com a oralidade, que ele denominou de oralitura. Assim, o livro *Grande Sertão: Veredas* do autor brasileiro Guimarães Rosa na produção literária de Mia Couto é fundamental para fortalecer a ideia de explorar novas e instigantes possibilidades de escrita, enquanto ao mesmo tempo o conectava às suas raízes culturais.

No universo literário dos países de língua portuguesa, as interações entre os autores transcenderam as fronteiras geográficas e históricas, aproximando culturas aparentemente distantes e revelando conexões profundas entre as literaturas africanas em língua portuguesa e a literatura brasileira. Ao examinarmos as produções desses escritores, percebemos que estas



vão além de meras narrativas, sendo reflexos das influências culturais e das lutas enfrentadas por seus criadores. Nesse contexto, torna-se evidente que as referências e menções que aparentemente estão desvinculadas dos textos têm o propósito de estabelecer diálogos e conexões entre os diferentes universos literários. Ao revisitar essas interações, somos levados a refletir sobre como as literaturas africanas em língua portuguesa e a literatura brasileira são, de fato, uma faca de dois gumes, ao estarem juntas, mesmo distantes uma da outra.

Esses diálogos entre os autores vão além das páginas dos livros, transcenderam o espaço físico e temporal, e continuam a ressoar em nossas mentes e corações até agora. Eles nos mostram que, embora separados por oceanos e continentes, esses escritores compartilham uma herança linguística comum que os une em uma teia cultural intrincada e enriquecedora.

Sendo assim, ao reconhecermos e valorizarmos essas interações entre os autores, abrimos as portas para uma compreensão mais profunda e enriquecedora das diversas manifestações literárias presentes no mundo lusófono. É através desses diálogos e trocas que podemos vislumbrar um futuro onde as fronteiras literárias são menos rígidas e mais permeáveis, permitindo que as vozes de diferentes culturas e experiências sejam ouvidas e apreciadas em toda a sua diversidade e riqueza.

## 2.1 ESTUDANTES AFRICANOS E AFRICANAS NO BRASIL (1960)

Segundo o artigo *Estudantes africanos e africanas no Brasil (1960)* de Luiza Nascimento dos Reis (2021), o contato dos estudantes africanos com o Brasil em 1960 se deu principalmente por meio de acordos firmados entre os governos dos países africanos e o Brasil, visando a cooperação em diversos campos, incluindo a educação. Esses acordos previam a concessão de bolsas de estudos a estudantes africanos para que viessem estudar em instituições brasileiras. Além disso, também havia a iniciativa de algumas instituições brasileiras, como a Universidade de São Paulo, em promover os estudos sobre a África e, consequentemente, atrair estudantes africanos para seus programas acadêmicos.

Os primeiros estudantes africanos que chegaram ao Brasil eram provenientes de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, e vieram em meados da década de 1950 para cursar o ensino médio no Colégio da Bahia, em Salvador. Eles foram selecionados por meio de um convênio entre os governos desses países e o Brasil. Posteriormente, alguns desses estudantes africanos conseguiram bolsas de estudo para cursar o ensino superior em outras cidades brasileiras. De acordo com Reis (2021), o número de estudantes bolsistas africanos no Brasil

já era considerável no início da década de 1960, quando a ideia de promover os estudos sobre a África na Universidade de São Paulo surgiu.

Em entrevista conduzida pelos pesquisadores Jaime e Lima (2013), o sociólogo Congolês Kabengele Munanga se descreve como uma exceção à regra, pois estava concentrado apenas em questões relacionadas ao seu curso no Brasil. Sua decisão de permanecer no Brasil foi influenciada tanto pelas oportunidades de trabalho que surgiram após a conclusão do doutorado em Antropologia na USP, em 1977, como pelas limitações políticas e profissionais enfrentadas no Congo durante aquele período. Kabengele Munanga, nascido na República Democrática do Congo e estabelecido no Brasil, construiu uma sólida carreira intelectual. Na Universidade de São Paulo, desempenhou cargos de vice-diretor do Museu de Arte Contemporânea (MAC), diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e diretor do Centro de Estudos Africanos (CEA). Além disso, foi nomeado professor Titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) (Jaime e Lima, 2013).

Criou-se então, em 1963, o Centro de Estudos de Cultura Africana (CECA) uma fundação privada sem fins lucrativos, onde Munanga passou a trabalhar com a disciplina de Sociologia II na Universidade de São Paulo. O CECA não era simplesmente composto por professores do curso de Letras ou bolsistas africanos no Brasil, mas também por professores de diversas áreas que tinham interesse em estudar e ampliar os conhecimentos sobre a África fora dela.

Já em 1966, se deu início ao primeiro curso sobre África Negra, na Universidade de São Paulo (USP). Para isso, foi atribuída a responsabilidade de ministrar o curso ao professor moçambicano Fernando Monteiro de Castro Soromenho. O interesse por estudar a África na Universidade de São Paulo (USP) era bastante evidente nas diversas áreas da instituição, como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLH da USP). Disciplinas como Geografia e História decidiram promover a ideia e participar diretamente na ampliação do campo de estudo. Assim, em 19 de novembro de 1968, foi criado o Centro de Estudos Africanos (CEA), em substituição ao CECA. A diferença principal reside no fato de que o CECA, uma instituição privada sem fins lucrativos criada em 1963, focava principalmente na cultura africana. Por outro lado, o Centro de Estudos Africanos (CEA), estabelecido em 1968 em substituição ao CECA, não apenas abordava a cultura africana, mas também explorava outras questões fundamentais relacionadas ao continente. O CEA, portanto, representava uma expansão e aprofundamento dos estudos africanos na USP, indo além da abordagem cultural oferecida pelo CECA. (Munanga. 2012)

Apesar de existirem vários professores trabalhando para o desenvolvimento da recente área, precisava-se de uma estrutura sólida para discussões formais e representações em reuniões principalmente, desta forma, foi composta a primeira diretoria do CEA, constituída por: Ruy Galvão de Andrade Coelho, no cargo de diretor; Fernando Augusto Albuquerque Mourão, no cargo secretário e do professor Paul Etamé Ewané, como tesoureiro. Além da diretoria, o CEA era composto por um conselho de plenário com poderes deliberativos sobre as atividades do Centro de Estudos Africanos.

De acordo com Munanga (2012), na Universidade de São Paulo (USP), o professor Castro Soromenho ministrou durante anos o curso optativo (A Formação da sociedade angolana ao longo de quatro séculos), aos alunos do 3º e 4º ano nas áreas de Ciências Sociais, História e Geografia. Ganhando forma própria no novo campo de estudo, em 1968 o CEA sofre uma das maiores perdas da época. Professor Castro Soromenho acaba por falecer, deixando um grande vazio não só na área que ministrava, mas também se perdeu uma grande biblioteca viva que o CEA teve na sua formação.

Com a passagem física do professor Soromenho, o curso de Sociologia da África Negra, passa a ser ministrado pelos professores Ruy Galvão de Andrade Coelho, Fernando Augusto Albuquerque Mourão e o tesoureiro Paul Etamé Ewané.

Depois de ter passado no conselho técnico Administrativo (CTD) e na direção da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FFCL), foi aprovado em decreto a formalização e a legalização do CEA em 1969.

No mesmo ano, dá-se a volta ao Camarões o professor Paul Etamé Ewané, que trabalhava como voluntário, fazendo com que o CEA passasse em outro momento de dificuldades, já que era recente a perda do professor Soromenho e a reestruturação e enquadramento dos órgãos que fazem parte da Universidade de São Paulo, inclusive o CEA. Todas essas circunstâncias contribuíram significativamente para interromper o progresso do programa de cursos sobre a África na USP.

Já em 1973, em resultado das viagens ao continente africano, o Vice-diretor do CEA, professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão, não só estabeleceu relações de cooperação e intercâmbios entre a Universidade de São Paulo com as universidades africanas, mas também criou laços importantes pelo interesse particular do professor sobre estudos africanos, que mais tarde serviriam de base para o estudo do campo e na história de criação sobre os programas dos cursos sobre a África no Brasil. Deste modo, como se esperava, os primeiros alunos africanos começaram a chegar ao Brasil nos cursos de graduação e pós-graduação.

A Revista do Centro de Estudos Africanos<sup>2</sup>, intitulada *África*, oferece uma plataforma significativa para os pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e de outras instituições de ensino ao redor do mundo. Com 45 anos de existência desde sua criação em 1978, a publicação proporciona uma oportunidade valiosa para o intercâmbio de pesquisas voltadas para a África e o estudo abrangente do continente. Seu escopo aberto e diversificado possibilita uma ampla gama de explorações acadêmicas e científicas, permitindo que acadêmicos compartilhem seus conhecimentos, descobertas e contribuições para o entendimento aprofundado da realidade africana. A existência da revista destaca a importância de se considerar a diversidade de vozes e perspectivas na produção literária e acadêmica, especialmente no que diz respeito às literaturas africanas, historicamente marginalizadas e sub-representada no mercado editorial brasileiro e português. Conforme mencionado anteriormente, é fundamental que sejam tomadas medidas para ampliar a diversidade de vozes e perspectivas literárias, e a existência da revista *África* é um passo importante nessa direção. Munanga (2012)

Cruz (2020) afirma que em 1979, o professor Fernando Mourão foi convidado pela *Editora Ática* para fazer parte da direção da *Coleção de Autores Africanos*, por ser um dos professores de destaque na época e pelo vasto caminho traçado na cooperação com as universidades africanas, onde o professor se dedicou durante toda sua formação não apenas como vice-diretor do CEA, mas também como pesquisador. Sendo assim, dá-se a abertura de um dos projetos de grande relevância na história editorial brasileira, com *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, do autor angolano Luandino Vieira. Isso é, a *Coleção Autores africanos* da editora *Ática*, que contava com 27 volumes e que terminou no começo dos anos 90.

A obra *A vida verdadeira de Domingos Xavier* de Luandino Vieira, que abre a *Coleção de autores africanos* da *Editora Ática*, é uma narrativa ficcional que apresenta a história de um jovem angolano que se rebela contra as injustiças sociais e a opressão colonial em sua terra natal. A obra aborda temas como a violência, a opressão colonial, a exploração dos trabalhadores e a luta pela liberdade e justiça social.

A integração de *A vida verdadeira de Domingos Xavier* na *Coleção de Autores Africanos* da *Editora Ática* pode ser atribuída ao reconhecimento da obra de Luandino Vieira como uma das mais significativas da literatura angolana e africana de língua portuguesa. A narrativa do autor oferece uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a realidade social e política de Angola durante o período colonial, contribuindo assim para o desenvolvimento de

---

<sup>2</sup> Revista África da USP | Estudos Africanos. Disponível em: <https://cea.flch.usp.br/revista-africa-inicio>

uma consciência crítica e política nos leitores. Além de sua relevância literária, a inclusão da obra na coleção da *Editora Ática* visa ampliar o acesso dos leitores brasileiros às riquezas das literaturas africanas, fomentando um diálogo intercultural entre Brasil e África. (Cruz. 2020)

Nesse contexto de transformações nos estudos africanos nas academias brasileiras, que se iniciou com o surgimento da primeira disciplina sobre Estudos Africanos, observa-se um deslocamento significativo. Progressivamente, outras instituições passaram a incluir disciplinas voltadas para as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Esse movimento representa uma mudança nos enfoques de estudo, deslocando-se das literaturas europeias para abraçar as produções africanas. Essa transformação evidencia um compromisso crescente com a diversidade e a representatividade nas abordagens acadêmicas, refletindo o interesse em explorar e compreender as vozes literárias que emergem de contextos africanos.

É crucial ponderar as contribuições notáveis da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) para o domínio em questão, especialmente ao se analisar a entrevista conduzida por Bernardo Nascimento de Amorim com a eminente professora Maria Nazareth Soares Fonseca (2022). Quando perguntada sobre sua formação acadêmica e o possível espaço para as literaturas africanas a professora aponta para a ausência dessa área de estudos na época:

Infelizmente, no meu curso de graduação, nada conheci das literaturas africanas de língua portuguesa, nem das africanas em língua francesa e em língua inglesa. Na graduação, li algumas poucas obras da literatura brasileira, porque a maioria dos cursos repetia os mesmos autores e autoras que integravam as disciplinas do segundo grau. Li poucos poetas e ficcionistas portugueses e obras básicas da literatura latina e grega. Li autores canônicos da literatura francesa, a maioria poetas, porque, como disse, fiz o curso da Aliança Francesa durante a graduação. As transgressões às direções em torno de cânones ficaram por conta de alguns autores constantes das famosas listas da graduação e pela mania de caminhar na contramão das leituras indicadas. (Fonseca. 2022. p. 227)

Sobre a questão do ensino das literaturas africanas nos dias de hoje a professora traz a seguinte perspectiva:

Tenho a impressão de que as grandes dificuldades enfrentadas pelos professores e professoras que introduziram as literaturas africanas de língua portuguesa, nos cursos de Letras, no Brasil, estão menos presentes. Penso ser mais fácil, na época atual, trabalhar com autores e autoras africanos(as) que não estão incluídos(as) no catálogo de editoras portuguesas e brasileiras. Essa questão da inclusão/exclusão de escritores e escritoras nos catálogos das editoras portuguesas e brasileiras tem sido bastante discutida em vários encontros com especialistas e professores que se interessam por conhecer o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa a partir de sua chegada ao Brasil, no início, quase sempre vinculado à área da literatura portuguesa. Considero muito importante se pensar sobre quais escritores e escritoras frequentam os vários catálogos

editoriais, no Brasil e em Portugal, sem permitir que as paixões pessoais e de grupos específicos encaminhem a discussão a vieses marcadamente políticos e ideológicos. [...] O Programa de Pós-Graduação em Letras conseguiu trazer à Puc Minas escritores como Orlanda Amarílis, de Cabo Verde, Jofre Rocha, Pepetela e José Eduardo Agualusa, de Angola, Odete Semedo e Abdulai Sila, da Guiné-Bissau, Mia Couto e Paulina Chiziane, de Moçambique, além de estudiosos como Ana Maria Mão de Ferro, de Portugal, Fátima Mendonça, Gilberto Matusse, Inocência Mata, Pires Laranjeira e outros. Tivemos o privilégio de contar com a Odete Semedo, da Guiné-Bissau, como doutoranda do Programa de Pós-Graduação. Costumo dizer que a Odete Semedo foi a grande responsável por tornar a Guiné-Bissau mais conhecida entre os alunos da Puc Minas. Basta lembrar a magnífica exposição Panus di Penti, organizada por ela junto com alunos guineenses que estudavam na Puc e na UFMG, em 2006. Essa exposição foi um momento memorável em que os visitantes puderam conhecer as muitas histórias contadas pelos panos de tear da Guiné-Bissau. [...] (Fonseca, 2022, p. 234)

A PUC Minas firmou-se como instituição de referência ao inaugurar, em março de 1989, seu pioneiro programa de pós-graduação, após obter aprovação e recomendação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Inicialmente concebido como um curso de Mestrado em Letras, o programa concentrou-se primordialmente nas literaturas de língua portuguesa.

Na fase inaugural, observamos que uma das quatro subáreas contempladas era a de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. É relevante destacar que, nesse período inicial, a condução desta subárea contou com a participação de professores visitantes, dada a ausência de docentes devidamente cadastrados no corpo docente com formação específica nesta esfera.

Este contexto evidencia não apenas o caráter pioneiro da PUC Minas ao oferecer um programa de pós-graduação em Letras, mas também sua habilidade ímpar de adaptação e resposta às demandas acadêmicas emergentes. A busca por especialistas externos para lecionar a disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa atesta o compromisso da instituição em proporcionar uma formação abrangente e de excelência, mesmo diante de desafios iniciais.

No tocante à situação contemporânea das literaturas africanas no Brasil, a professora Maria Nazareth Soares Fonseca observa um aumento na disponibilidade de obras e críticas, o que facilita o acesso. Entretanto, ela ressalta desafios, como a complexidade de trabalhar com literatura em um contexto em que a arte é subestimada. Destaca-se a importância do intercâmbio entre professores brasileiros e universidades africanas, além do reconhecimento de algumas polêmicas, como a censura em relação aos autores a serem abordados nos cursos.

Quanto à proposta de um sistema literário transnacional, a professora manifesta apreensões sobre a possibilidade de desconsiderar as particularidades de cada sistema literário nacional e de reforçar termos como lusofonia. Por fim, a entrevistada realça a importância da

Afrolic (Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos) para impulsionar os estudos das literaturas africanas no Brasil, destacando as gratas lembranças dos Encontros de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, iniciados em 2004 (Fonseca. 2022).

Tal como aponta em seu artigo sobre *Breve histórico das literaturas africanas de língua portuguesa na PUC Minas*, a Professora Maria Nazareth Soares Fonseca (2012), que teve também um papel pioneiro e importante nos estudos das literaturas africanas na PUC Minas, o Programa de Pós - Graduação em Letras da PUC Minas buscou o apoio de outras universidades brasileiras que já contemplavam essas literaturas como disciplinas optativas em seus currículos para ofertar regularmente disciplinas em literaturas africanas de literatura portuguesa: Profa. Dra. Maria Aparecida Santilli da USP , Prof. Dr. Benjamim Abdalla Júnior da USP e Profa. Dra. Laura Cavalcante Padilha, da UFF, colaboraram efetivamente para garantir a presença das literaturas africanas no currículo do curso recém-criado, bem como o direcionamento das pesquisas dos alunos e na composição das bancas examinadoras. O apoio desses professores foi fundamental para a implantação da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Pós - Graduação em Letras da PUC Minas. (Fonseca. 2012)

No primeiro semestre do curso, Maria Aparecida Santilli ficou encarregada de ministrar as disciplinas da área e ministrar uma palestra introdutória. Doze anos depois, em 1999, ela professora, Maria Aparecida Santilli, foi a oradora principal das comemorações dos 20 anos do Mestrado, numa altura em que já tinham sido defendidas várias dissertações sobre literaturas africanas em língua portuguesa e o interesse dos alunos na área aumentou significativamente.

O Programa de Pós-graduação em Letras da PUC contou com a participação do Prof. Dr. Joaquim Lourenço da Costa Rosário ao longo de seus primeiros anos de funcionamento. Prof. Lourenço é atualmente o presidente do Fórum Nacional do Mecanismo Africano de Revisão de Pares (MARF) natural de Moçambique e anteriormente foi professor da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade Eduardo Mondlane de Maputo.

Em 1995, teve lugar o *I Simpósio Internacional de Estudos Africanos*, reunindo investigadores de países lusófonos, incluindo destacadas presenças como Jofre Rocha, de Angola; Gilberto Matusse, Fátima Mendonça e Lourenço do Rosário, de Moçambique; e Inocência Mata, de São Tomé e Príncipe. Vale notar a significativa participação de Orlanda Amarílis, ilustre escritora cabo-verdiana e uma das raras mulheres a integrar o simpósio, ressaltando a necessidade de visibilidade para as mulheres na pesquisa acadêmica e nos estudos africanos.

Além disso, é relevante mencionar o *Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, uma iniciativa que promove a troca de conhecimentos e experiências entre educadores dedicados ao estudo das literaturas africanas. Outro ponto relevante é a Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC), que desempenha um papel significativo no impulsionamento dos estudos das literaturas africanas no contexto brasileiro. Destaca-se que o último encontro dessa associação ocorreu em dezembro de 2023, em Vitória – Espírito Santo, proporcionando um espaço importante para debates e reflexões sobre as perspectivas desses estudos.

O mesmo encontro, desempenhou um papel fundamental ao contribuir para a fundação do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas como um espaço dedicado à disseminação de pesquisas sobre literaturas africanas no contexto brasileiro. Ainda, reforçou a intenção da área em manter um diálogo constante com pesquisadores do Brasil e do exterior, bem como com as instituições responsáveis em cada nação pela promoção da literatura africana. (Fonseca, 2002)

A Doutora Ângela Vaz Leão destaca-se como uma pioneira no domínio das literaturas africanas de língua portuguesa na PUC Minas, desempenhando um papel significativo na implementação das primeiras turmas dedicadas aos estudos literários nesse campo. Seu ingresso no departamento de Letras ocorreu na década de 1990, período em que os estudos e a presença de docentes nesse domínio eram incipientes. A Professora Ângela foi fundamental no desenvolvimento inicial das turmas de estudos literários e literaturas africanas na PUC Minas, guiada pela atenção meticulosa às generalizações e pela condução de pesquisas criteriosas sobre os textos e as ferramentas de produção.

Ao longo de sua história, o campo das literaturas africanas de língua portuguesa na PUC Minas tem promovido o diálogo entre expressões literárias e culturais, fortalecendo um corpo significativo de trabalhos com textos produzidos em culturas que relacionam a língua portuguesa. Essa abordagem tem sido fornecida aos pesquisadores da PUC Minas e de outras universidades ao redor do mundo como uma oportunidade de explorar de forma abrangente e aprofundada as pesquisas sobre a África e o estudo do continente como um todo, enriquecendo assim o panorama acadêmico e científico. Apesar de contar com poucas professoras, a área tem produzido um número considerável de projetos de pesquisa que culminam em dissertações e teses, muitas das quais se tornaram leitura obrigatória para pesquisadores brasileiros e estrangeiros e incentivo à leitura de diversas obras de autores que hoje estão mais disponíveis no Brasil. (Fonseca, 2012)



A escolha de incluir a PUC Minas neste capítulo se fundamenta na relevância histórica e pioneirismo da instituição no desenvolvimento dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil. O contexto apresentado destaca a criação do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas em março de 1989, marcando uma fase inicial e crucial para o estudo dessas literaturas na instituição.

A decisão de abordar a PUC Minas é respaldada pelo papel pioneiro da universidade na oferta de disciplinas sobre literaturas africanas de língua portuguesa. O programa, inicialmente focado em literaturas de língua portuguesa, incorporou uma subárea dedicada às literaturas africanas, demonstrando um comprometimento institucional com a diversificação do currículo acadêmico.

A colaboração estratégica com outras universidades brasileiras, como USP e UFF, enriqueceu o programa da PUC Minas, proporcionando o compartilhamento de especialização e a consolidação do ensino e pesquisa nesse campo específico. Professores renomados, como Maria Aparecida Santilli, Benjamim Abdalla Júnior e Laura Cavalcante Padilha, desempenharam papéis fundamentais na integração das literaturas africanas no currículo, direcionando e contribuindo com as pesquisas da área.

Portanto, a inclusão da PUC Minas neste capítulo é motivada pela sua contribuição destacada na promoção e consolidação dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, representando um marco relevante na trajetória acadêmica brasileira nesse campo específico.

Contudo apresentado, podemos perceber que a presença e a trajetória dos estudantes africanos no Brasil são elementos essenciais para compreendermos a interação entre os dois continentes, tanto no âmbito educacional quanto no cultural e político. Desde meados da década de 1950, esses estudantes têm desempenhado um papel significativo na diversificação do ambiente acadêmico brasileiro, trazendo consigo não apenas conhecimento, mas também uma riqueza cultural e uma perspectiva única sobre suas próprias realidades e experiências. Inicialmente, a vinda desses estudantes para o Brasil estava intrinsecamente ligada a acordos bilaterais entre os governos dos países africanos de língua portuguesa e o Brasil, que previam a concessão de bolsas de estudo para cursarem o ensino médio e superior em instituições brasileiras. Essa iniciativa visava não apenas promover a cooperação educacional, mas também fortalecer os laços entre os países, em um contexto pós-colonial marcado por transformações e desafios.

Certamente podemos concordar que o Colégio da Bahia, em Salvador, foi uma das primeiras instituições a receber esses estudantes, selecionados por meio desses acordos.

Posteriormente, muitos deles conseguiram bolsas para frequentar o ensino superior em diferentes cidades do Brasil. Esse intercâmbio acadêmico não apenas enriqueceu o ambiente educacional brasileiro, mas também contribuiu para a disseminação do conhecimento sobre a África e suas diversas culturas. É importante ressaltar que, paralelamente à presença desses estudantes, iniciativas para promover os estudos sobre a África em universidades brasileiras começaram a surgir, como é o caso da Universidade de São Paulo (USP). Essas ações visavam ampliar o conhecimento sobre o continente africano e combater estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade brasileira.

Nesse contexto, a instalação do campo de estudos das literaturas africanas de língua portuguesa na USP e na PUC Minas desempenhou um papel fundamental. Essas universidades se tornaram espaços importantes para o desenvolvimento desses estudos, promovendo o diálogo intercultural e contribuindo para uma maior compreensão das relações entre Brasil e África. Com isso, a presença dos estudantes africanos no Brasil não apenas reflete a busca por conhecimento e oportunidades educacionais, mas também é um reflexo das relações históricas e diplomáticas entre os países. Além disso, evidencia a importância do intercâmbio acadêmico e cultural para a construção de sociedades mais inclusivas e plurais.

Ao final do nosso trabalho, apresentamos uma galeria elucidativa para complementar a compreensão sobre a chegada e a adaptação dos primeiros estudantes africanos no Brasil durante a década de 1960. Por meio de imagens capturadas por esses estudantes e relatos de suas experiências, ofereceremos um olhar mais abrangente sobre esse período significativo na história das relações entre África e Brasil. Essa galeria é um bônus autoexplicativo que visa enriquecer a contextualização histórica apresentada neste capítulo, proporcionando uma visão mais tangível das vivências e dos desafios enfrentados pelos estudantes africanos ao se estabelecerem em território brasileiro. Através dessas imagens, é possível vislumbrar não apenas os aspectos acadêmicos, mas também os aspectos culturais, sociais e emocionais dessa jornada de intercâmbio entre continentes. Convidamos o leitor a explorar essa galeria e a se transportar para o universo desses estudantes, cujas trajetórias contribuíram para a construção de laços entre África e Brasil, marcando um capítulo importante na história da educação e das relações internacionais entre os dois países.

## 2.2 EDITORAS PRECURSORAS DAS LITERATURAS AFRICANAS NO BRASIL

A presença das literaturas africanas no Brasil é ainda bastante tímida, em grande parte devido a preconceitos e estereótipos sobre a cultura africana. Segundo o autor Silvio

Almeida, em seu livro *Racismo Estrutural* (2019), a sociedade brasileira tem uma herança histórica de desigualdades raciais, que ainda se refletem no modo como os africanos e afrodescendentes são percebidos e representados na mídia e na cultura popular.

Essa realidade é ainda mais acentuada quando se trata de literaturas africanas de língua portuguesa, como as de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, que tiveram pouca divulgação no mercado editorial brasileiro. Bueno (2015), em seu livro *Literaturas africanas e afro-brasileira no Ensino Fundamental II*, aponta que a falta de interesse das editoras em publicar autores africanos é um reflexo da mentalidade colonialista, que ainda enxerga a África como um continente inferior e sem importância cultural.

É um círculo vicioso que se fecha sobre as literaturas africanas. Se há uma editora que publica, e o livro vende mal, dizem que não se vende porque ninguém se interessa pelo assunto; se ninguém publica e ninguém procura, dizem que não há interesse (Bueno, 2015, p. 24).

A falta de interesse das editoras em publicar autores africanos revela um problema mais profundo na cultura editorial brasileira: a resistência em reconhecer e valorizar literaturas que fogem aos padrões estabelecidos e que representam as vozes da diversidade. É necessário que sejam criados mais espaços para divulgação dessas obras, e que a crítica literária tenha um papel ativo em estimular o interesse do público leitor. Somente assim será possível desconstruir estereótipos e preconceitos, e promover uma cultura de inclusão e respeito à diversidade.

No entanto, algumas editoras pioneiras têm se destacado por dar visibilidade às literaturas africanas no Brasil. É o caso da *Editora Kapulana*, que em 2011, por exemplo, lançou *Nós matamos o Cão Tinhoso*, do moçambicano Luís Bernardo Honwana, considerado o primeiro autor de texto narrativo em prosa de Moçambique. O seu livro é uma coletânea de contos que retratam a vida nas zonas rurais de Moçambique durante o período colonial português e é considerado um marco na literatura moçambicana. Um dos primeiros livros de ficção de língua portuguesa a abordar a realidade dos africanos na época colonial. A editora também lançou obras de outros autores angolanos, como Pepetela e Ondjaki, além de outros escritores Moçambicanos, no caso da autora Noémia de Sousa e os autores Cabo-verdianos Manoel Lopes e Dina Salústio.

Outra editora pioneira nas literaturas africanas no Brasil é a *Nandyala*, sediada em Minas Gerais (Belo Horizonte). Seu catálogo inclui obras de renomados escritores, tais como

o moçambicano Mia Couto e Paulina Chiziane, os angolanos Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa e Manuel Rui, a cabo-verdiana Vera Duarte e os guineenses Eliseu Banori e Odete Semedo. Em seu *site*, a editora destaca a importância de publicar autores africanos, como forma de ampliar o acesso dos leitores brasileiros a outras perspectivas e narrativas, além de contribuir para a valorização da cultura africana.

Desse modo, é essencial reconhecer o papel genuinamente político exercido por essas editoras ao conferir destaque às literaturas africanas no panorama brasileiro. Sua atuação revela-se crucial para fomentar a pluralidade cultural e enriquecer o entendimento sobre a África e suas realidades, desempenhando uma função vital na superação de concepções preconcebidas e atitudes tendenciosas. Além disso, essas iniciativas contribuem para enaltecer a opulência e a variedade das culturas africanas, manifestadas em suas diversas expressões literárias e artísticas. Nos últimos anos, tem havido uma maior inclusão de autores africanos no catálogo de publicações das grandes editoras brasileiras, como é o caso do *Grupo Companhia das Letras*. No entanto, é importante questionar as motivações por trás dessa inclusão tardia. Seria apenas uma estratégia de marketing e benefício editorial para as grandes editoras? Seria uma resposta à crescente demanda do público leitor por obras de autores africanos?

De acordo com Ana Cláudia Suriani da Silva e Fernando de Mendonça, através do artigo intitulado *Africanidades: diálogos com as literaturas africanas de língua portuguesa* (2018), as grandes editoras muitas vezes veem a inclusão de autores africanos como uma forma de se manterem relevantes no mercado editorial e de se adaptarem aos hábitos de leitura dos leitores, que cada vez mais buscam diversidade nas obras que consomem. Porém, é importante ressaltar que muitas vezes são as editoras independentes que impulsionam a publicação desses autores e promovem sua visibilidade.

É importante ressaltar que a exclusão histórica das literaturas africanas no mercado editorial brasileiro não é apenas resultado da falta de interesse das grandes editoras, mas também de questões estruturais e históricas, como o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Sílvio Almeida (2019), em sua obra *Racismo Estrutural*, sustenta a persistência de visões preconceituosas e estereotipadas em relação aos africanos e afrodescendentes na sociedade brasileira contemporânea. O autor discorre sobre o conceito de racismo estrutural, enfatizando que esse fenômeno permeia não apenas as interações sociais, mas está intrinsecamente presente em todas as nossas estruturas e instituições. A pesquisa em questão, ao abordar o racismo estrutural já em seu título, destaca a relevância de examinar como esse fenômeno se manifesta em diversas esferas, inclusive no cenário do mercado editorial.

Apesar de ser positivo observar um aumento na presença de autores africanos no mercado editorial brasileiro, é fundamental questionar as motivações por trás dessa inclusão. Ademais, é essencial reconhecer o papel crucial das editoras independentes de menor porte na promoção e impulsionamento dessas obras, destacando sua contribuição fundamental para a diversidade literária.

Ao que parece, as principais editoras, muitas vezes, selecionam autores africanos com base em critérios comerciais e de marketing, em vez de priorizar aspectos literários e a relevância cultural dessas obras. Conforme discutido por Lima (2000), essa seleção muitas vezes é justificada como uma resposta à demanda do mercado por representatividade. Contudo, na prática, muitos autores africanos ainda enfrentam desafios para garantir presença nessas editoras e atingir um público mais abrangente.

Portanto, embora a inclusão de autores africanos pelas grandes editoras seja reconhecida como um avanço, a realidade sugere que persistem desafios significativos. A ideia de que as editoras grandes e pequenas devem trabalhar em conjunto para dar visibilidade às literaturas africanas e combater o racismo estrutural no mercado editorial brasileiro pode ser questionada à luz das disputas em curso e das dinâmicas do sistema capitalista. As complexidades dessas relações e as tensões subjacentes entre diferentes atores do mercado podem complicar a busca por uma representatividade mais justa e igualitária. O caminho para superar as desigualdades históricas de representatividade pode demandar uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre as estruturas existentes no cenário editorial. As Literaturas africanas no Brasil vêm ganhando cada vez mais espaço, sobretudo através do empenho das editoras independentes tais como a *Kapulana*, *Nandyala*, *Malê*, *Penalux*, *Funilaria* e mais recentemente uma editora de grande porte, no caso do *Grupo Companhia das Letras* que publicou autores africanos como no caso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e Chinua Achebe.

A TAG (Três Atos Gráficos) destaca-se como uma vanguarda no universo dos clubes de assinaturas literárias, proporcionando mensalmente aos seus assinantes uma experiência singular. Além do envio cuidadoso de livros, a TAG inova ao incluir itens relacionados à temática das obras, oferecendo uma imersão rica e diversificada no mundo literário. No segmento das Literaturas Africanas, a TAG se distingue ao incorporar regularmente obras de renomados autores do continente africano em suas seleções, permitindo aos leitores brasileiros um mergulho enriquecedor nas distintas vozes e perspectivas desse cenário literário tão vasto.

Destacando-se não apenas pelo envio de livros, mas também pelo fomento de debates sobre as Literaturas Africanas, a TAG promove as palestras *TAGLIVROS*. Nessas discussões, autores notáveis como Chinua Achebe e Buchi Emecheta são tema central, proporcionando aos assinantes não apenas a oportunidade de desfrutar da leitura, mas também de se envolver ativamente em reflexões sobre as riquezas e complexidades das narrativas africanas.

No cenário editorial brasileiro, a editora Funilaria emerge como uma peça essencial na promoção das literaturas africanas. Ao publicar obras de autoras africanas como a angolana Aida Gomes, autora de *Os Pretos de Pousaflores* (2023), e a moçambicana Lília Momplé, com títulos como *Neighbours* (2022) e *Ninguém matou Suhura*(2022), a Funilaria não apenas enriquece o panorama literário do país, mas também desempenha um papel crucial na ampliação da visibilidade e valorização das narrativas autênticas provenientes do continente africano. Sua atuação reflete um compromisso sólido com a diversidade literária, contribuindo significativamente para a pluralidade cultural no Brasil.

Na editora *Kapulana*, Angola, Moçambique, Nigéria, Portugal, Quênia e Zimbábue são apenas alguns dos países cuja literatura é publicada e distribuída. A *Kapulana* traz em questão a ampliação e exposição do leitor brasileiro às diversas linguagens literárias. A lista de títulos da editora apresenta uma variedade de identidades, com temáticas e cenários que traduzem seus valores sociais, com concentração em autores e romances ainda pouco conhecidos no Brasil, tal como descrevem em seu catálogo que está disponibilizado no *site* oficial da editora.

Os escritores e obras em que *Kapulana* se concentra lidam com assuntos que estão além do *mainstream*<sup>3</sup> da mídia e da indústria editorial. Portanto, o tema da diversidade é o tema abrangente da coleção da *Kapulana*, com pilares importantes que consideram a inclusão social como etnia, gênero, refugiados etc.

Atualmente, o catálogo da editora é composto por ficção adulta e infantil, prosa e poesia, além de obras científicas que tratam de temas sociais condizentes com os princípios da editora. Cabe destacar também que a editora é responsável pela publicação, em 2016, da obra *Sangue Negro*, única obra publicada de Noémia de Sousa. A edição brasileira integra a série *Vozes da África* e traz o prefácio da professora e pesquisadora Carmen Lucia Tindó Secco, estudos de Fátima Mendonça, Francisco Noa e Nelson Saúte. No prefácio Secco (2016) acentua:

---

<sup>3</sup> *Mainstream* é um termo que se refere à corrente predominante ou direção de atividade ou influência em uma sociedade ou grupo. No contexto editorial, *mainstream* pode se referir a obras, autores ou temas que são amplamente aceitos e populares dentro de um determinado mercado ou público-alvo.

Já não era sem tempo, no Brasil, a edição de *Sangue Negro*, único livro escrito por Noémia. Praticamente desconhecida de grande parte dos leitores brasileiros, a autora, no entanto, nas décadas de 1940-1950, manteve, como jornalista, colaboração esparsa com a revista brasileira *Sul*, publicação que neste período aproximou escritores e poetas do Brasil, entre os quais Marques Rebelo e Salim Miguel, de autores de Angola e de Moçambique, como Antonio Jacinto e Augusto dos Santos Abranches, respectivamente. Além desses e de Noémia outros escritores africanos também colaboraram na *Revista Sul*: Glória de Sant'anna< Viriato da Cruz, Luandino vieira, Francisco José Tenreiro. Em *Cartas d'África e alguma poesia*, Salim Miguel reuniu algumas dessas missivas trocadas com escritores da África, em cujas páginas se detectam contundentes denúncias ao salazarismo (Sousa, 2016, p. 11)

No panorama editorial da editora *Kapulana*, despontam autores de renome como José Luandino Vieira, Pepetela, Ana Paula Tavares, Mia Couto, Luís Bernardo Honwana, Noémia de Sousa, Ungulani Ba Ka Khosa, Vera Duarte, Paulina Chiziane, Manuel Rui, Eliseu Banori, entre outros.

Abordando especificamente o autor Eliseu Banori, deparamo-nos com uma narrativa que circulou amplamente nas redes sociais. Nessa, o autor expressa sua indignação ao concluir seu mestrado, publicar sete livros e, mesmo assim, enfrentar diversas dificuldades para encontrar um emprego que sustentasse sua família no Brasil, chegando a ponderar sobre a possibilidade de deixar o país. Importante ressaltar que a produção literária de Banori concentra-se exclusivamente no Brasil, divergindo da tradicional dinâmica de publicações entre África e Portugal. Este cenário tem sido objeto de debates, sendo um dos aspectos discutidos a complexidade de publicar uma obra em seu país de origem, conforme afirmado pelo autor em entrevista à Revista Raça (2021), já em outra entrevista concedida a Eni Alves Rodrigues, Lílian Paula Serra e Deus e Wellington Marçal de Carvalho em 18 de janeiro de 2023, Eliseu Banori compartilhou aspectos fundamentais de sua trajetória literária e vivências no Brasil. O autor guineense, reconhecido por sua produção que abrange diversos gêneros, desde poesia até literatura infantojuvenil, revelou desafios marcantes após concluir seu mestrado e publicar nove livros.

Além disso, a entrevista revela uma escolha peculiar de Banori ao concentrar sua produção literária exclusivamente no Brasil, contrariando a tradicional dinâmica de publicações entre África e Portugal. Essa decisão singular adiciona um elemento de reflexão sobre as diferentes abordagens dos escritores em relação à internacionalização de suas obras.

Eu lamento muito a situação que se encontra a nossa literatura no Brasil e nos países lusófonos. Comparando a nossa literatura com as outras literaturas da comunidade lusófona, ela caminha em passos lentos. A literatura guineense, ainda, é pouco lida e pouco pesquisada no Brasil. Foi essa a razão principal que me levou a dissertar sobre a história da literatura na Guiné-Bissau, no meu mestrado. A minha intenção

foi divulgar a história literária guineense, a cultura e buscar mostrar a riqueza das tradições e os costumes locais. E como essas tradições têm grandes influências nos textos de escritores guineenses. [...] Quando cheguei ao Brasil em 2009, eu já havia trazido muitas coisas escritas na mala, esperando uma oportunidade de publicação. Foram textos que havia deixado no molho há muitos anos... Eu amava declamar e escrever poesias... Não foi por acaso que meus primeiros livros publicados foram de poesia. [...] (Banori.2023. p.261-263)

O trecho da entrevista evidencia a preocupação e lamento do autor em relação à situação da literatura brasileira e lusófona, destacando a percepção de que a literatura guineense enfrenta desafios particulares de pouca visibilidade e pesquisa no Brasil. A escolha do autor em desenvolver uma dissertação sobre a história da literatura na Guiné-Bissau durante o seu mestrado revela um compromisso em divulgar e exaltar a riqueza das tradições e costumes locais, bem como evidenciar suas influências nos textos dos escritores guineenses.

Sua fala também destaca a iniciativa pessoal do autor ao trazer consigo, em 2009, textos escritos com a esperança de obter uma oportunidade de publicação no Brasil. A menção ao amor pela declamação e escrita de poesias ressalta a afinidade do autor com esse gênero literário, o que culminou nos seus primeiros livros publicados sendo de poesia.

Outro ponto de destaque é a ênfase dada por Banori à importância da literatura na transformação social e no enfrentamento das desigualdades. Ele compartilha sua crença na força da palavra escrita para promover mudanças e ressalta a influência de sua vivência no Brasil em seu fazer literário.

A literatura de Guiné-Bissau é frequentemente reconhecida por estudiosos e críticos como tendo uma inserção mais tardia no panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. Nesse contexto, observa-se uma notável luta pela visibilidade de suas obras, como evidenciado na denúncia presente em sua obra *A história que minha mãe não me contou*, onde Banori (2020), expressa o desejo de obter explicações para questões não resolvidas, fruto do legado do ensino familiar e do atraso provocado pelo colonialismo em seu país. Sobre os desafios específicos enfrentados pela produção literária guineense, (Amado, 2005, p.116) promovem uma discussão que merece nossa atenção:

Quando as Nações Unidas adotaram a Carta que reconheceu o direito de todos os países à autodeterminação, o Governo colonial português apressou-se a modificar a sua Constituição; substituindo o termo colónia por província ultramarina, o que permitia afirmar que não havia colónias e, por conseguinte, a não obrigatoriedade de apresentar relatórios a apresentar sobre os territórios africanos. (Amado, 2005, p.116)



O contexto histórico mencionado conecta-se diretamente ao debate sobre a literatura de Guiné-Bissau, abordado no texto subsequente. Este destaca a luta pela visibilidade literária após um desenvolvimento tardio no cenário das literaturas africanas de língua portuguesa. Banori enfatiza essa batalha por reconhecimento, exemplificando-a através de sua obra *A história que minha mãe não me contou*, na qual busca explicações para questões não resolvidas, resultantes do legado do ensino familiar e do impacto do colonialismo em seu país. Dessa forma, o comentário visa ressaltar a interconexão entre o contexto histórico abordado e os desafios específicos enfrentados pela produção literária guineense, conforme discutido por Amado (2005).

O descontentamento expresso por Banori (2021) em relação às dificuldades enfrentadas mesmo após concluir seu mestrado e publicar sete livros adiciona uma camada contemporânea ao diálogo. Ainda que o contexto colonial em um modo geral tenha mudado, persistem desafios, como evidenciado na busca por emprego e no questionamento sobre permanecer no Brasil. Esse descontentamento, permeado por experiências individuais, vincula-se a uma narrativa mais ampla sobre as sequelas do colonialismo e os obstáculos presentes na trajetória de escritores africanos sobretudo os negros/as, destacando as nuances políticas e sociais que moldam suas vidas e produções literárias.

Ao abordar a produção literária do autor guineense Eliseu Banori, é relevante estender a discussão para outras vozes significativas que enriquecem o panorama literário de Guiné-Bissau. Nesse sentido, uma análise contextual da poesia da autora Odete Semedo (1996) emerge como um ponto pertinente para compreender a dinâmica literária no contexto guineense. A aceitação, por parte dos autores, de obras muitas vezes menosprezadas desempenha um papel crucial, destacando a importância de autores oriundos de grupos sub-reconhecidos ou pouco representados.

Ao explorar a obra de Odete Semedo, percebe-se que a produção literária menosprezada ganha destaque, chamando a atenção para vozes que, em um contexto mais amplo, têm sido historicamente marginalizadas. Essa análise contextual leva a reflexões sobre a emancipação política tardia e sua influência na emancipação literária, revelando conexões com políticas editoriais de acesso à educação. Essas condições propiciaram o surgimento de coletivos, grupos e escritoras literárias, como os Movimentos de Mulheres africanas, tais como *liga das mulheres Bantus da África do Sul*, com formação em 1918, que utilizam a cultura local e a literatura como plataforma e meio de expressão.

Ao encerrar a discussão sobre Eliseu Banori e sua relação com a literatura de Guiné-Bissau, é crucial destacar a importância das muitas publicações que ele tem no Brasil. Na

entrevista, Banori revela que vários de seus livros foram publicados por diversas editoras brasileiras, como a Editora *Magnífica* (Rio de Janeiro), Editora *Multifoco* (Rio de Janeiro), *Autografia* (Rio de Janeiro), *POD* (Rio de Janeiro), *Globinho* (Rio de Janeiro) e *Nandyala* (Belo Horizonte).

Ao ser questionado sobre como tem construído essa articulação, Banori enfatiza que seus livros, abrangendo poesia, contos, crônicas, biografias e literatura infantojuvenil, foram resultado não apenas de articulações ativas, mas também da sorte de conhecer pessoas que acreditaram em seu trabalho. Ele destaca a amabilidade do povo brasileiro, mencionando que a literatura tem o poder de despertar o mundo e conectar pessoas incríveis em seus caminhos.

Essa ligação entre o autor guineense e as editoras brasileiras destaca a diversidade editorial presente na cena literária brasileira, com pelo menos sete editoras diferentes publicando suas obras. Nesse contexto, a Editora Nandyala, fundada em Belo Horizonte por Íris Amâncio e Rosa Margarida, surge como um exemplo significativo. Com um enfoque que abrange escritores da África, do Caribe e do Brasil sobre temas diversos, essa editora desempenha um papel crucial ao divulgar informações sobre muitos povos africanos, permitindo que suas epistemologias, cosmovisões e modos de expressão circulem entre leitores de outros continentes. A Nandyala representa uma faceta importante da rede editorial que amplifica vozes como a de Eliseu Banori, contribuindo para a riqueza e diversidade do cenário literário global.

A editora Nandyala, enfatiza em seu catálogo a importância do rico universo de origem africana ou relacionado à África, destacando a opinião no poder dos livros e da leitura de conteúdos escritos por autores e autoras negras como estratégias eficazes para promover a diversidade, combater o racismo, sexismo e outras formas de discriminação racial e de gênero, bem como a exclusão.

Como evidenciado pela imagem abaixo, a Nandyala, em seu projeto editorial, declara-se como uma editora negra, destacando claramente seu objetivo e propósito de publicação. Essa afirmação, presente de maneira proeminente em seus cartazes logo ao acessar o *site* da editora, destaca o comprometimento da Nandyala em promover e ampliar vozes e perspectivas negras no cenário editorial. Essa abordagem deliberada e explícita reforça a importância da representatividade e da valorização da diversidade no universo literário, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva e plural.

Figura 1

**Quando chega novembro, todo mundo quer ser BLACK...**

- \* IMPACTO SOCIAL
- \* PREÇO JUSTO
- \* OBJETIVOS SUSTENTÁVEIS (ONU, Agenda 2030)
- \* INOVAÇÃO DISRUPTIVA
- \* EMPODERAMENTO
- \* INCLUSÃO
- \* IRREVERÊNCIA

# LEITURAS NA DIVERSIDADE

RESPEITO ÁFRICA inovação  
 Diversidade afeto etnias consciência negra  
 sororidade resistência teatro negro  
 intelectuais negros SUSTENTABILIDADE  
 culturas antirracismo **Nandyala** histórias  
 LITERATURAS escritoras negras tecnologias  
 mulheres negras Ancestralidade  
 corporeidades amor movimentos negros  
 afroempreendedorismo

**Livraria - Editora - Instituto**

f Nandyala Livros

(31) 3281-5894

**A NANDYALA é diferente: a gente é BLACK todo dia!!!**

Fonte: Editora Nandyala (2023)

Destaque para as fundadoras da editora *Nandyala*, ambas professoras negras, Iris Amâncio e Rosa Margarida de Carvalho Rocha, ambas mulheres dedicadas à superação de todas as formas de racismo no campo da educação baseada no livro.

Na fundação da *Kapulana* também encontramos uma mulher que desde cedo foi professora em uma das escolas de formação de professor em Moçambique, Rosana Morais Weg, demonstrando a sua coragem face às restrições sociais. As fundadoras de ambas as editoras são todas educadoras e intelectuais comprometidas em utilizar a literatura, educação e leitura para desafiar o racismo e o sexismo.

Enquanto as editoras citadas anteriormente estão interligadas com questões de matrizes africanas ou foco afro-centrado, encontramos a *Editora Companhia das Letras* ou como é chamado atualmente *Grupo Companhia das Letras*, composto por diversas editoras, cada uma com seu foco editorial específico. A Companhia das Letras abrange um amplo espectro de publicações, incluindo a Cia. das Letras, Editora Objetiva, Editora Claro Enigma, Zahar e Alfaguara. No segmento infantojuvenil, destacam-se a Companhia das Letrinhas e a Editora Seguinte. Para publicações em formato de bolso, há a Companhia de Bolso, enquanto Quadrinhos na Cia. dedica-se à produção de quadrinhos. A parceria com a Penguin Books é representada pela Penguin-Companhia.

A diversidade de selos no *Grupo Companhia das Letras* possibilita a abrangência de uma ampla gama de públicos e interesses editoriais, marcando a incursão em territórios antes pouco explorados em seu catálogo. Anteriormente focado majoritariamente em autores

brancos, o grupo agora amplia suas fronteiras editoriais, incluindo temas relacionados à África e à cultura negra, anteriormente escassos em sua produção. Nesse contexto, um provérbio africano adaptado destaca-se: *Racistas são como Jinguba (amendoins), ainda que comas no fundo do mar, as cascas sempre aparecem na superfície*. Essa reflexão ressalta a importância da visibilidade e representatividade na produção editorial, promovendo uma narrativa mais inclusiva e reflexiva. Devido a uma direção inicial com compromisso limitado em relação a questões raciais, especialmente no que diz respeito à publicação de autores negros, a *Companhia das Letras* enfrentou casos de racismo em sua trajetória. Contudo, em 2021, o grupo tomou uma decisão significativa ao interromper a venda e fornecimento do livro infantil *Abecê da liberdade* (2015), dos cronistas José Roberto Torero e Marco Aurélio Pimenta.

A decisão foi tomada em resposta às críticas dos leitores, por se tratar de um caso de racismo na obra e o principal, por fazer isso por meio de crianças. O protagonista da obra é um menino baiano chamado *Luizinho* que vive em Salvador Bahia, na virada do século XIX. Sua mãe, *Luiza Mahin*, era uma imigrante negra africana no Brasil que trabalhava como catadora. O livro conta a história do garoto até se tornar Luiz Gama, advogado e abolicionista que conquistou a libertação de centenas de escravizados. Porém, em várias passagens do livro, crianças negras podem ser vistas brincando de escravos no porão do navio e rindo enquanto viajam rumo à escravidão.

Este livro, que inicialmente visava educar as crianças sobre a história do Brasil, acabou se tornando objeto de intensos debates e críticas devido ao seu conteúdo. A polêmica em torno do “Abecê da liberdade” centra-se principalmente na forma como ele retrata a história da escravidão no Brasil. Muitos críticos argumentam que o livro apresenta uma visão romantizada e deturpada desse período sombrio da nossa história, minimizando os horrores e as injustiças enfrentadas pelos escravizados. Além disso, há acusações de que a obra reproduz estereótipos racistas e não reconhece adequadamente a gravidade do racismo estrutural presente na sociedade brasileira.

Diante das críticas e da pressão de grupos ativistas e do público, a Companhia das Letras, responsável pela publicação do livro, decidiu significativamente em 2021. Em resposta às preocupações levantadas em relação ao conteúdo do “Abecê da liberdade”, a editora decidiu interromper a venda e o fornecimento da obra. Essa ação da Companhia das Letras foi vista como um reconhecimento da importância de se evitar a disseminação de materiais que possam promover discursos racistas ou contribuir para a perpetuação de estereótipos prejudiciais, especialmente em materiais destinados ao público infantil. O

incidente em torno do “Abecê da liberdade” destaca, portanto, a necessidade de uma análise crítica dos conteúdos publicados, especialmente quando se trata de questões sensíveis como o racismo e a representatividade na literatura infantojuvenil.

É importante destacar que, ao longo do tempo, a editora passou por transformações para atender às demandas e pressões do mercado, incorporando mudanças estruturais. Atualmente, a presença de editoras mulheres e negras dentro da *Companhia das Letras* destaca-se como um reflexo dessas transformações. Essa evolução revela um esforço da editora em confrontar e superar disposições estruturais que perpetuavam o racismo, respondendo às exigências de um cenário editorial mais inclusivo e diversificado.

Um grupo formado por 11 editoras, liderado pela *Companhia das Letras*, surgiu em dezembro de 2020 com o objetivo de promover ações antirracismo e combater o racismo. A iniciativa contou com a parceria de editoras como a *Aziza*, *Boitempo*, *Oralityras*, *Perspectiva*, *Grupo Autêntica*, *Malê*, *Mazza*, *Nandyala Livraria e Editora*, *Pallas* e *Quilombhoje Literatura*. Entretanto, devido a uma polêmica que surgiu posteriormente, o coletivo encerrou suas atividades em 13 de setembro de 2021.

O fim repentino do grupo de editoras antirracistas liderado pela *Companhia das Letras* é um exemplo preocupante de como iniciativas que parecem benéficas podem ser derrubadas rapidamente por questões de reputação. Embora a intenção do grupo fosse combater o racismo e promover a inclusão de autores e leitores negros na indústria editorial, sua dissolução abrupta levanta questões sobre a sinceridade dessas editoras em relação a essas questões. É difícil não ver o fim do grupo como um sintoma da tendência das empresas a se preocupar mais com sua imagem do que com ações concretas para mudar as desigualdades estruturais na indústria editorial. Além disso, esse acontecimento pode afetar a reputação dessas editoras entre os escritores e leitores negros, que podem se sentir desiludidos com a falta de comprometimento real dessas empresas com a causa antirracista.

A Editora Companhia das Letras foi fundada em 1986 e cresceu rapidamente, lançando diversos títulos em seu primeiro ano. Atualmente, possui 16 selos dedicados a diferentes áreas editoriais.

No cenário editorial brasileiro, a *Editora Malê* é uma importante editora que se propõe em abordar as subjetividades de homens e mulheres negros/as, cujo eu-enunciador se autoproclama negro e desafia estruturas de poder preexistentes. O fundador da *Editora Malê*, Vagner Amaro, define esta proposta para a literatura negra produzida pela recém-criada editora.

A tentativa de Amaro em criar uma rede de autores negros na escola onde atuou como bibliotecário deu origem à criação da *Editora Malê*.

As perspectivas sociais, éticas e estéticas de nossas vidas são retratadas na literatura negra brasileira, que tridimensionaliza o personagem negro, segundo a autora Mel Adún e o editor Guellwaar Adún, responsáveis pela editora salvadorenha *Ogum 's: toques negros*. Além disso, afirmam que 56 % dos brasileiros que se identificam como brancos ou pardos não se enquadram nos estereótipos literários do malandro, do marginal ou, no caso das negras, da hipersexualização.

Quando comparamos o *Grupo Companhia das Letras* com outras editoras menores, podemos observar como as pequenas editoras optam por trabalhar com os recursos que possuem, propagando voz aos autores africanos e desconstruindo o paradigma de publicação no mercado editorial brasileiro. Isso fez com que os autores crescessem ou se intensificassem no quesito editorial e hoje as grandes editoras pretendem trabalhar e expandir suas obras após ultrapassar suas dificuldades de visibilidade como africano ou negro.

As discussões acerca do racismo estrutural que permeia o processo editorial, especialmente nas editoras de grande porte no Brasil, têm ganhado destaque e suscitado reflexões significativas. Este fenômeno evidencia a reprodução, em certos casos, da estrutura sistêmica de discriminação presente na sociedade. Tal contexto tem instigado os grandes editores a revisarem suas políticas editoriais e contratuais, visando torná-las mais inclusivas.

### 2.3 O RECONHECIMENTO TARDIO DAS LITERATURAS AFRICANAS PELO MERCADO EDITORIAL

As discussões acerca do racismo estrutural no mercado editorial brasileiro têm ocupado considerável espaço entre autores e pesquisadores. Ana Flávia Magalhães Pinto (2010) destaca que a falta de representatividade da autoria negra nas grandes editoras decorre da prevalência de uma visão de mundo eurocêntrica nesse cenário. Segundo a autora, as grandes editoras enfrentam dificuldades em reconhecer a importância da diversidade cultural e em incorporar autores negros em seus catálogos.

Contudo, é relevante salientar que mudanças têm ocorrido em resposta a pressões externas. O Grupo Companhia das Letras, por exemplo, reeditou toda a obra de Carolina Maria de Jesus e diversos outros autores negros. Essas iniciativas apontam para uma transformação gradativa no reconhecimento e promoção da diversidade racial no universo

editorial brasileiro, indicando uma resposta positiva às demandas por representatividade e inclusão.

A temática da invisibilidade da cultura negra e africana no Brasil é objeto de amplo debate no meio acadêmico e na sociedade em geral. A ausência de referências à história e à cultura africana nos livros didáticos e na mídia brasileira constitui um obstáculo para a construção de uma identidade nacional inclusiva, contribuindo para a manutenção do racismo estrutural. Destaca-se a importância das Leis nº 10639/2003 e 11645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de todo o país.

No entanto, é relevante observar que a implementação dessas leis enfrenta desafios práticos, como a formação de professores, entre outros entraves. Kabengele Munanga (2017) argumenta que a educação desempenha um papel crucial na superação das desigualdades raciais, e a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares é uma forma concreta de promover a valorização da diversidade cultural e combater o racismo. Assim, além da existência da legislação, é necessário atentar para a efetivação dessas políticas, visando o pleno desenvolvimento de uma sociedade brasileira mais justa e igualitária.

A literatura africana tem ganhado destaque nos últimos anos, sendo reconhecida internacionalmente com premiações significativas. Esse fenômeno é parte de um movimento mais amplo que busca ampliar a visibilidade e valorização das obras literárias provenientes do continente africano. Em 2020, Tsitsi Dangarembga, escritora zimbabuense, foi indicada ao Booker Prize, um prestigiado prêmio de literatura em língua inglesa. Apesar de não ter vencido, essa nomeação evidenciou o reconhecimento crescente da literatura africana no cenário global. Essa ascensão na visibilidade literária pode estar relacionada às discussões sobre representatividade e diversidade cultural, que também permeiam o debate sobre as produções literárias africanas, conforme discutido anteriormente em relação aos desafios enfrentados por autores como Eliseu Banori.

Em 2021, a escritora nigeriana Ngozi Adichie foi agraciada com o prêmio PEN Pinter, que homenageia escritores que defendem a liberdade de expressão e lutam pelos direitos humanos. Adichie é autora de livros como *Americanah* e *Meio sol amarelo*, que abordam questões importantes como raça, gênero e identidade.

Também em 2021, a Academia Sueca concedeu o Prêmio Nobel de Literatura ao escritor tanzaniano Abdulrazak Gurnah, autor de obras como *Paradise e Desertion*<sup>4</sup>. Gurnah foi o primeiro escritor tanzaniano a receber o prêmio e sua obra é reconhecida por abordar temas como migração, diáspora e colonialismo.

Em 2022, a escritora nigeriana Chigozie Obioma foi agraciada com o prêmio Windham-Campbell, da Universidade Yale, nos Estados Unidos. O prêmio é um dos mais prestigiados do mundo. Obioma é autora de obras como *Os pescadores e Uma orquestra de minorias*, que abordam questões como família, identidade e a vida na Nigéria.

Essas premiações mostram não apenas a qualidade das literaturas africanas, mas também a sua crescente visibilidade e reconhecimento no cenário internacional. É importante destacar que ainda há muito a ser feito para que essas literaturas sejam devidamente valorizadas e difundidas, especialmente no Brasil, onde muitas vezes é sub-representada ou negligenciada pelas editoras e pelo mercado editorial.

Conforme analisado por Juliana Franco Alves-Garbim (2021), mesmo diante das ações em prol da inclusão de autores negros e africanos no mercado editorial brasileiro, ainda é notável a lacuna existente nas grandes editoras. Neste sentido, as editoras independentes têm se destacado como importantes e atuantes na promoção das literaturas africanas no Brasil, além de funcionarem como uma espécie de resistência às políticas editoriais discriminatórias, por vezes, ainda mantidas pelas grandes editoras.

Observa-se que as grandes editoras ainda mantêm práticas discriminatórias em suas políticas editoriais, o que acaba dificultando a publicação de obras de autoria de pessoas negras. Porém, é importante salientar que as editoras independentes têm desempenhado um papel fundamental na divulgação dessas obras, ao oferecerem um espaço para a publicação e distribuição desses títulos. (Alves-Garbim, 2018, p. 114)

A autora destaca que as práticas discriminatórias ainda presentes nas políticas editoriais das grandes editoras brasileiras evidenciam a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel dessas empresas no mercado editorial do país. Segundo a autora, a falta de representatividade de autores e autoras negros e africanos nos catálogos das grandes editoras é uma questão histórica e estrutural, que se perpetua até os dias atuais. Alves-Garbim (2018), argumenta que essas empresas, em sua maioria, estão preocupadas apenas com a venda de

---

<sup>4</sup> Paradise (Paraíso, edição em português pelo Grupo Companhia das Letras) link de acesso: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535935202/paraiso> Desertion (Deserção, ainda sem edição em português).



livros e com a manutenção de suas posições privilegiadas no mercado, ignorando a importância da diversidade cultural e étnica na produção literária. A autora defende a necessidade de uma mudança de paradigma no mercado editorial brasileiro, com a valorização e a inclusão de autores e autoras negros e africanos nos catálogos das grandes editoras, assim como a promoção de políticas de incentivo para a publicação e a divulgação dessas obras.

Diante do exposto, fica evidente que a inclusão de autores negros e africanos nos catálogos das grandes editoras brasileiras ainda é um desafio a ser superado. É preciso haver um esforço contínuo por parte do mercado editorial em reconhecer a importância dessas vozes para a diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, é fundamental que se repense as práticas discriminatórias ainda presentes nas políticas editoriais dessas empresas, a fim de garantir que não sejam um obstáculo para a promoção da inclusão e da diversidade no cenário literário brasileiro.

Nesse contexto, a publicação de obras como *Enciclopédia Negra* (2021) é um exemplo significativo de como pequenas e algumas grandes editoras estão enfrentando esse desafio. O livro inclui em suas narrativas temas históricos normalmente ignorados ou silenciados pelos manuais, livros didáticos e compêndios mais tradicionais. Pinta um quadro inclusivo ao abrir tempo, espaço e gerações para criar uma tela equilibrada em termos de geografia, tempo e gênero. Apresenta intelectuais, ateus, religiosos, cantores, atletas, defensores da liberdade de expressão, políticos, artistas plásticos, médicos, abolicionistas, engenheiros, quilombolas, professores, cientistas e lideranças comunitárias, cada um excepcional à sua maneira, tirando do apagamento nomes de mulheres e homens negros silenciados pela história oficial.

A *Enciclopédia Negra*, uma iniciativa liderada pela professora Risoleide Rosa e publicada pela *Companhia das Letras*, representa um marco significativo no contexto do mercado editorial brasileiro. Coordenada por Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lília Schwarcz, esta obra não apenas visa aprofundar o panorama literário nacional, mas também se destaca por seu compromisso em valorizar a diversidade cultural e promover a inclusão de autores africanos e afrodescendentes.

É pertinente ressaltar não apenas o valor intrínseco desta obra, mas também a iniciativa da editora em relançar obras de autores negros já consagrados em outras editoras, tais como Carolina Maria de Jesus, Carlos Assumpção e Oswaldo de Camargo. Essa abordagem não apenas enriquece o catálogo da editora, mas também amplia significativamente a representatividade e contribui para uma maior diversidade de vozes no panorama literário brasileiro.

Essa extensão do projeto editorial não apenas destaca a importância da representação diversificada, mas também se conecta ao compromisso mais amplo do grupo. A *Enciclopédia Negra*, como parte desse projeto, não está isolado, mas integra uma colaboração valiosa entre o Instituto Ibirapitanga, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Instituto Soma Cidadania Criativa e o Centro Nacional de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Recôncavo da Bahia. Esse grupo tem se dedicado a publicar e promover autores africanos renomados como, Chinua Achebe (*O mundo se despedaça*, 2009), Chimamanda Ngozi Adichie (*Hibisco Roxo*, 2011), Mia Couto (*O gato e o escuro*, 2008), José Eduardo Agualusa (*Barroco tropical*, 2009) entre outros autores. fortalecendo ainda mais a missão coletiva de enriquecer o panorama literário com vozes culturais diversas.

A Enciclopédia Negra desempenha um papel crucial na reconstrução da narrativa literária brasileira, buscando promover a inclusão e diversidade ao resgatar a importância de autores africanos e afrodescendentes na história e cultura do Brasil. O livro representa uma iniciativa pessoal e comprometida dos autores em valorizar essas vozes sub-representadas no cenário literário nacional. Ao explorar os verbetes da Enciclopédia Negra, é possível observar uma ampla gama de figuras afrodescendentes que desempenharam papéis significativos em diversos aspectos da sociedade brasileira. Além dos escritores e escritoras, os verbetes incluem líderes comunitários, artistas visuais, músicos, cientistas, políticos e outras personalidades relevantes. Essa abordagem abrangente reflete a riqueza e a diversidade das contribuições da comunidade negra para a formação e evolução do Brasil.

Portanto, a Enciclopédia Negra não se limita a ser apenas um reflexo do mercado editorial, mas sim uma obra engajada em resgatar e destacar as vozes e realizações muitas vezes negligenciadas pela historiografia tradicional. Ao apresentar essas figuras e suas contribuições detalhadamente e contextualizada, o livro oferece uma visão mais completa e inclusiva da história e cultura brasileiras, enriquecendo nosso entendimento do passado e presente do país.

Em alinhamento com a crescente valorização da cultura africana por parte das editoras brasileiras, destaca-se uma empresa que adotou uma abordagem editorial voltada não apenas para o Brasil, mas também para países africanos. Esta empresa é conhecida como Editora Codecri, cujo nome foi concebido pelos cartunistas Henfil e Jaguar e significa Comitê de Defesa do Crioléo. Durante esse período, a Editora Codecri também se dedicou à publicação de obras de autores africanos, demonstrando um compromisso com a divulgação e valorização da literatura africana no cenário editorial brasileiro.

Um dos livros lançados é *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto (1976). É o primeiro livro de Agostinho Neto a ser publicado no Brasil, este livro passa ser um marco histórico, por ter um prefácio de Jorge Amado, que serviu de grande importância literária para escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde.

O prefácio em questão é do livro *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto, e foi escrito por Jorge Amado em 1976. No prefácio, Jorge Amado apresenta Agostinho Neto como um poeta engajado e destaca a importância da literatura na luta contra o colonialismo e pela independência dos países africanos. Ele escreve:

Tomei a máquina de escrever para traçar algumas considerações literárias, pequeno prefácio à edição brasileira de uma coletânea de poemas de Agostinho Neto e acabei por não falar de poesia e, sim, de independência, luta, vitória e ameaças. Mas os poemas aí estão, belos profundos, africanos, poemas de guerra escritos por um homem que ama a paz. Ajudaram o povo na batalha da guerrilha, novamente serão canto de luta e de vitória na nova batalha já começada. Também a publicação desses poemas no Brasil é uma forma de contribuir para Angola independente, democrática e socialista. (Neto. 1976. p.14)

O prefácio acima deixa evidente a conexão profunda entre a literatura e o compromisso político. Amado destaca que, mesmo ao escrever um prefácio literário, sua abordagem é envolvida por considerações sobre independência, luta e vitória. A escolha de enfatizar esses temas reflete a realidade política da época, marcada pela busca pela independência e pela luta contra regimes opressores.

Ao mencionar que os poemas de Agostinho Neto são belos, profundos, africanos e destacar sua utilidade na batalha da guerrilha, Amado não apenas elogia a qualidade artística, mas também reconhece o papel da poesia como instrumento de resistência e mobilização política. A referência aos poemas como canto de luta e de vitória ressalta a dimensão épica da obra de Neto e sua contribuição para os ideais de liberdade.

Além disso, a publicação dos poemas no Brasil é apresentada por Jorge Amado como uma forma de contribuição para a causa de Angola independente, democrática e socialista. Essa conexão entre a divulgação da obra literária e o apoio a uma causa política demonstra como os escritores, nesse contexto, viam a literatura como uma ferramenta poderosa para promover ideais de justiça, liberdade e transformação social.

Essa visão das Literaturas africanas como uma ferramenta de resistência política e cultural tem sido uma constante na produção literária do continente. Autores como Chinua Achebe, Ngũgĩ wa Thiong'o e Wole Soyinka, entre outros, têm enfatizado a importância da literatura como forma de enfrentar as questões sociais e políticas de seus países, muitas vezes

lutando contra regimes autoritários ou colonialistas. O prefácio de Jorge Amado, nesse sentido, é uma importante contribuição para a discussão sobre o papel das literaturas africanas na luta pela liberdade e pela construção de uma sociedade mais justa.

Afirmam Oliveira e Santana (2021) que, apesar desses grandes esforços de edição, o impacto das obras foi quase invisível, dado o baixo número de leitores das publicações. No entanto, a partir do final da década de 1970, a *Editora Ática* começou a desenvolver o que chamam de uma produção literária africana no Brasil, como mencionado anteriormente: a *Coleção Autores Africanos (CAA)*, que tecia uma espécie de mapa literário das literaturas africanas, aparece para lançar autores representantes de vários países africanos. A Editora iniciou suas atividades em 1965 e foi pioneira em diversas inovações na indústria editorial na área educacional. À editora coube a criação de coletâneas de livros com objetivos pedagógicos como o *Estudo Dirigido de Português e coleção (1971-1974)* como o de autores africanos. É ferramenta principal do nosso estudo uma das coleções sobre a África mais populares do país.

Apresentamos a seguir um quadro detalhado dos autores africanos publicados pela editora Ática, reconhecida como um dos maiores acervos até o ano de 2024 no mercado editorial brasileiro. Essa notoriedade deve-se não apenas ao número significativo de autores africanos presentes na obra, mas também à inclusão de diversas línguas do continente africano, à cuidadosa organização do acervo e à abrangência que vai além dos autores de países de língua oficial portuguesa. Inclui também escritores que se expressam em inglês, francês e até crioulo. Até o momento da nossa pesquisa, não encontramos no Brasil um acervo com essa magnitude que apresente autores africanos com essas especificações.

Para entender a dinâmica da divulgação da literatura africana no Brasil, é fundamental considerar um momento relevante: o lançamento da *Coleção dos Escritores Africanos* durante os anos 1979-80, uma iniciativa da editora Ática. Comparar esses dois momentos destacará a evolução e a expansão do interesse editorial em relação à produção literária africana ao longo das décadas.

**Quadro 1** – Apresentação dos autores africanos participantes na Coleção dos autores africanos da Editora Ática

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Obras</b>
José Luandino Vieira	(1979)	A vida verdadeira de Domingos Xavier
Manuel Lopes	(1979)	Chuva Braba
Pepetela	(1980)	As aventuras de Ngunga
Luís B. Honwana	(1980)	Nós matamos o Cão-Tinhoso
Jofre Rocha	(1980)	Estórias do musseque
Manuel Ferreira	(1980)	Hora di bai
Valentin Y. Mudimbe	(1981)	O belo imundo
Arnaldo Santos	(1981)	Kinaxixe e outras prosas
Orlando Mendes	(1981)	Portagem
Luandino Vieira	(1982)	Luuanda
Nuruddin Farah	(1982)	De uma costela torta
Bernard B. Dadié	(1982)	Climbiê
Cheikh H. Kane	(1982)	Aventura ambígua
Pepetela	(1982)	Mayombe
Djibril T. Niane	(1982)	Sundjata ou a epopeia Mandinga
Boaventura Cardoso	(1982)	Dizanga dia muenhu
Chinua Achebe	(1983)	O mundo se despedaça
Chems Nadir	(1983)	O astrolábio do mar
Cyprian Ekwensi	(1983)	Gente da cidade
Sembène Ousmane	(1984)	A ordem de pagamento e Branca gênese
Teixeira de Sousa	(1984)	Ilhéu de contenda
Uanhenga Xitu	(1984)	Mestre Tamoda e Kahitu
Pepetela	(1984)	Yaka
Agostinho Neto	(1985)	Sagrada esperança
Baltasar Lopes	(1986)	Chiquinho
Lino Magaia	(1990)	Dumba nengue
Luandino Vieira	(1991)	Nós, os do Makulusu

Fonte: elaboração própria.

A Coleção de Autores Africanos da Editora Ática oferece uma ampla variedade de obras literárias de escritores africanos em língua portuguesa, provenientes de países como Angola, Moçambique e Cabo Verde. Estas obras exploram uma diversidade de temas sociais e políticos, contribuindo para a divulgação e apreciação da riqueza cultural africana no Brasil.

Um exemplo de obra publicada na *Coleção de Autores Africanos* da *Editora Ática* é o livro *Chuva Braba* do autor Caboverdiano Manuel Lopes. A obra desvela uma narrativa envolvente que meticulosamente detalha o grandioso dilema do personagem, debatendo-se entre a decisão de partir ou permanecer em sua terra natal (Cabo Verde). O autor consegue retratar de maneira sensível e intensa a vida nas zonas rurais do país, destacando as complexidades enfrentadas pela população não apenas nos tempos de conflito, mas também em meio às dificuldades geográficas, como a seca e a fome. Além disso, a narrativa revela os conflitos enfrentados pelos habitantes caboverdianos, incluindo o desejo de deixar a terra em busca de melhores condições de vida, um tema que remonta ao período colonial. Essa abordagem amplia a compreensão dos desafios enfrentados pela comunidade, contextualizando-os não apenas no cenário de guerra, mas também nas condições históricas e geográficas do arquipélago. A obra exemplifica a diversidade temática da *Coleção de Autores Africanos* da Editora Ática, que busca abordar diversas questões sociais e políticas dos países africanos em especial os países de língua portuguesa. Em um trecho da obra, o autor descreve a situação de uma aldeia devastada pela guerra, onde os habitantes lutam para sobreviver “naquela aldeia as mulheres cantavam nas noites de luar, mas agora os seus cantos eram mordidos pela angústia. Naquela aldeia as crianças dormiam sob o carinho dos anciãos, mas agora eram forçadas a fugir, carregando a casa às costas” (Lopes, 1965, p. 33).

Outra obra importante da coleção é o livro *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* do autor angolano José Luandino Vieira. A obra conta a história de um jovem angolano que luta contra a opressão colonial e se envolve na luta pela independência de Angola. O livro é uma crítica à colonização e ao racismo, além de abordar questões como a luta de classes e a construção da identidade nacional.

*A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* é um livro que, além de apresentar uma história cativante, também tem um caráter político muito forte. O autor usa a história de Domingos Xavier para fazer uma crítica à opressão colonial e ao racismo, além de mostrar como a luta pela independência era importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por exemplo, em *Mayombe*, Pepetela aborda a luta pela independência de Angola, destacando a atuação dos guerrilheiros que lutaram contra o colonialismo português. Em

*Vozes Anoitecidas*, Mia Couto explora a identidade e a cultura moçambicana, evidenciando as consequências do colonialismo e da guerra civil.

Na obra *Nós Matamos o Cão Tinhoso*, o autor moçambicano Luís Bernardo Honwana remete à realidade colonial e pós-colonial de Moçambique, explorando as tensões raciais e culturais entre os colonizadores portugueses e a população nativa africana. Através da perspectiva de um menino que participa de um ritual de iniciação em sua aldeia, o autor aborda temas profundos como o preconceito, a opressão e a resistência cultural. Essa narrativa específica, que compartilha o nome da obra como um todo, é considerada um marco nas literaturas africanas em língua portuguesa. Ao explorar esse conto, o autor tece uma trama que vai além da experiência individual do personagem, oferecendo uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas sociais e culturais presentes na comunidade retratada. É importante destacar essa dualidade para proporcionar ao leitor uma compreensão mais clara da riqueza temática da obra.

As obras da Coleção de Autores Africanos da Editora Ática desempenham um papel fundamental ao trazer à tona questões políticas e sociais, enquanto também contribuem significativamente para ampliar o conhecimento e a apreciação das literaturas africanas no Brasil. Essa iniciativa destaca-se pela diversidade cultural apresentada, com autores provenientes de diferentes regiões e línguas africanas, representando assim um importante marco na promoção da diversidade literária no país.

Como demonstrado, a *Coleção dos Autores Africanos (CAA)* da editora Ática emerge como um significativo ponto de convergência. Seu papel transcende as páginas, atuando como uma janela para a riqueza da produção literária africana. À medida que essa coleção destaca autores de diversas regiões, expressando-se em línguas tão distintas quanto o Português, francês e Crioulo, ela se insere em um contexto mais amplo de interconexão cultural.

Nesse cenário, as palavras do professor Pires Laranjeira (2000) ecoam como um testemunho dessa época de transformações. Segundo suas análises, o intercâmbio linguístico entre africanos, portugueses e brasileiros já se fazia presente. A literatura, antes limitada pela europeidade absoluta, começava a se despir dessas fronteiras, permitindo uma fusão que, longe de ser harmoniosa, revelava-se como um processo tenso de encontro de línguas e culturas. Assim, o panorama apresentado pela CAA encontra ecos na observação do professor, ilustrando uma fase de transição e integração no cenário literário que, por meio da diversidade linguística, revela a complexidade cultural que caracteriza essa produção literária.

Segundo o professor Pires Laranjeira;

Africanos, portugueses e brasileiros publicavam nos espaços comuns dos almanaques, boletins, jornais, revistas e folhetos. Não tinham surgido ainda as designações de literatura angolana, moçambicana ou são-tomense com caráter de sistema nacional, mas a escrita já deixara de ser espaço de europeidade absoluta para se tornar contaminação relativa de línguas. De facto, poetas portugueses e angolanos intercalavam no texto em português, mais extenso, frases, diálogos, versos, lexemas em língua banta, quase que exclusivamente o quimbundo. A integração é perfeita, na coerência do sentido e da sonoridade e na coesão dos segmentos e dos ritmos (Laranjeira, 2000, p. 11-12).

Nesses diálogos das literaturas deu-se origem aos primeiros livros sobre a África no Brasil, o que contribuiu para a formação de um olhar mais crítico e sensível sobre a cultura africana no território brasileiro e para os intelectuais africanos na diáspora. Além disso, algumas editoras também incentivaram o diálogo entre as literaturas africanas e brasileiras, promovendo uma troca rica e enriquecedora de ideias.

As editoras precursoras das literaturas africanas no Brasil são responsáveis por trazer obras renomadas para o país como já frisamos anteriormente o caso da *Editora Ática* em *Coleção dos autores africanos, Kapulana*, com a publicação, por exemplo, *Sangue Negro* da escritora Noêmia de Sousa, *Barroco tropical* do angolano José Eduardo Agualusa entre outras obras. Com um olhar atento para as produções da África, elas têm sido fundamentais para a difusão de literaturas africanas. Além de publicar e distribuir livros, essas editoras também realizam eventos e oferecem consultoria editorial. Dessa forma, elas contribuem para a formação de um mercado literário cada vez mais diversificado e inclusivo no Brasil, o que faz com que as grandes editoras repensem os seus catálogos. Elas têm um importante papel na promoção e difusão das literaturas africanas, bem como na valorização dos autores e obras deste continente. Com seu trabalho, essas editoras contribuem para a construção de uma sociedade mais diversa e inclusiva, que reconhece a importância das literaturas africanas para o nosso país.

Os autores africanos estão, ainda que a passos lentos, cada vez mais presentes no mercado brasileiro de literatura. Isso se deve, em parte, às parcerias que vêm sendo firmadas entre editores brasileiros e africanos. Essas iniciativas têm permitido a publicação de obras de autores como Chimamanda Ngozi Adichie, Binyavanga Wainaina e Taiye Selasi, que são cada vez mais lidos e reconhecidos no Brasil.

Somado a estes fatores, os prêmios literários conquistados por esses autores também são relevantes para ampliação do público leitor no Brasil, como exemplo a premiação de Paulina Chiziane ao Prêmio Camões no dia 20 de outubro de 2021. Chiziane se destacou na literatura com o lançamento do seu primeiro livro, *Balada de Amor ao Vento*, em 1990, que a tornou a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. O livro foi um sucesso de



crítica e público, e foi seguido por outras obras importantes como *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008).

A obra de Chiziane é marcada pela crítica social, pela crítica à opressão das mulheres dentro de contextos patriarcais e tradicionais moçambicanos e pela busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Em suas histórias, ela aborda temas como a poligamia, o casamento forçado, a violência doméstica, a mutilação genital feminina e a luta pela igualdade de gênero.

Além disso, Chiziane é uma ativista política engajada, trabalhou como assessora do Ministério da Educação. Ela também fundou a Associação das Escritoras Moçambicanas (AEMO) em 1990, com o objetivo de promover a literatura escrita por mulheres e defender seus direitos, esteve envolvida na luta pela independência de Moçambique e fez parte do partido moçambicano Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fundado em 1962 e participou ativamente da luta armada contra o domínio colonial português em Moçambique, que durou de 1964 a 1975. A independência de Moçambique foi proclamada em 25 de junho de 1975 e a FRELIMO tornou-se o partido governante. Durante sua participação na FRELIMO, Chiziane foi ativista política e social, lutando pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero. (Portela. 2021)

A premiação da autora, de certa forma, fez com que a editora *Companhia das Letras* voltasse seu olhar para sua obra e reeditasse em 2022 o seu primeiro livro *Balada de Amor ao Vento*, que não havia sido publicado no Brasil, até então.

Dessa forma, podemos constatar o grande aumento do número de títulos publicados com obras literárias africanas em editoras de pequeno e grandes portes como vimos no caso do *Grupo Companhia das Letras* que publicou autor como o nigeriano Chinua Achebe e outros nomes das literaturas africanas. Isso demonstra o interesse crescente do público brasileiro por este continente e sua cultura. Além disso, é uma forma de valorizar as literaturas africanas, destacando autores e obras frequentemente desconhecidos pelo grande público. Essa valorização da diversidade ressalta a compreensão de que cada povo possui uma identidade única, combatendo qualquer argumento que sugira a desvalorização das literaturas africanas no mercado editorial brasileiro.

No próximo capítulo, será abordado o estudo das literaturas africanas em língua portuguesa nas universidades da Bahia, destacando a relevância dessa área de estudo para a compreensão da história, cultura e sociedade dos países africanos, bem como a importância de investigar a inclusão dessas obras nos currículos acadêmicos.

### **3 LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA ESTUDADAS NAS UNIVERSIDADES DA BAHIA E NO CEARÁ**

As Literaturas Africanas em Língua Portuguesa representam uma área de estudo fundamental para a compreensão da história, cultura e sociedade dos países africanos. A escassa abordagem dessas literaturas nos currículos universitários suscita a necessidade de investigar a sua inserção nas séries curriculares das universidades, com foco inicial na UNILAB, que possui campi na Bahia e no Ceará.

A UNILAB, com seus campi do Liberdade, Auroras, Palmares em Redenção e Acarape (Ceará), além do Campus dos Malês em São Francisco do Conde (Bahia), concentra-se de maneira significativa em estudos relacionados à cultura, história e literaturas africanas. A instituição oferece cursos, eventos e projetos que abordam literatura e sociedades africanas, assim como história, cultura e sociedade dos países africanos. Destaca-se, ainda, a inclusão das literaturas africanas em língua portuguesa em disciplinas e projetos pedagógicos. Isso se dá, sobretudo, devido ao projeto institucional da UNILAB, que prevê uma parceria entre países de África, do Timor Leste e Brasil. Nesse sentido há um intencional projeto institucional de internacionalização, o que permite um forte diálogo cultural com esses países e que, obviamente, vai perpassar pelas literaturas africanas.

No contexto das universidades UFBA (Salvador) e UNEB (Santo Antônio de Jesus, Bahia), a investigação se voltará para a composição das grades curriculares no curso de Letras. Serão analisadas quais disciplinas abordam as literaturas africanas em língua portuguesa e de que forma esses estudos são conduzidos. O objetivo é compreender a relevância e o impacto desses estudos no ensino superior e na formação dos estudantes.

Por meio desta análise, pretende-se identificar a posição das literaturas africanas em língua portuguesa no meio acadêmico baiano, delineando estratégias para promover uma maior valorização e divulgação dessas obras nas instituições de ensino superior do país.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) é uma das mais antigas e importantes instituições de ensino superior do Brasil. Com mais de 70 mil estudantes, a universidade é referência na produção de conhecimento em diversas áreas, incluindo as humanidades e as artes. O curso de Letras da UFBA, um dos mais tradicionais da instituição, tem como objetivo formar profissionais capacitados para atuar na área de língua e literatura, com ênfase na pesquisa e na produção acadêmica.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Letras da UFBA, publicado em 2015, é um documento que apresenta as diretrizes, objetivos e estratégias do curso para os

próximos anos. Os organizadores do PPP são professores do departamento de Letras Vernáculas e Literaturas, que buscam atualizar e adaptar o curso às mudanças e demandas da sociedade contemporânea.

Embora o PPP do curso de Letras da UFBA apresente uma variedade de disciplinas voltadas para a literatura, é importante destacar que não há disciplinas específicas sobre a literatura angolana ou moçambicana, apenas disciplinas que abrangem as literaturas de países de língua oficial portuguesa de forma geral tal como: *Estudos comparados em literatura de países de língua portuguesa*, *Narrativa africana em língua portuguesa* e *Literatura comparada*. Esse fato revela um ainda pequeno investimento nas literaturas africanas em língua portuguesa, que são igualmente ricas e relevantes para o panorama literário mundial.

Durante minhas visitas de pesquisa à Universidade Federal da Bahia (UFBA), ocorridas nos meses de maio e junho de 2023 deste ano, tive a oportunidade de frequentar 15 aulas relacionadas às Literaturas Africanas em língua portuguesa. Durante essas experiências acadêmicas, tornou-se evidente uma considerável deficiência no conhecimento, por parte dos discentes, e por vezes, de alguns docentes no que se refere ao ensino sobre as Literaturas Africanas em língua portuguesa.

O desconhecimento acerca dessa importante vertente literária revelou-se preocupante, especialmente considerando o papel da UFBA como uma instituição de renome no cenário acadêmico brasileiro. É notável que, mesmo com acesso a disciplinas que abordam essas literaturas, tanto alunos quanto professores demonstram certa carência de informações abrangentes sobre o tema.

A centralização, embora reconhecendo a indiscutível importância de autores renomados como Mia Couto de Moçambique e Pepetela de Angola, por exemplo, tende a obscurecer outros escritores igualmente relevantes que não recebem a mesma visibilidade. A concentração excessiva na obra de alguns poucos autores pode levar à marginalização de valiosas vozes literárias provenientes de diversas regiões dos países africanos de língua portuguesa. Esse cenário, além de restringir a riqueza e a diversidade das experiências literárias oferecidas por essas nações, respeitando as suas especificidades, pode limitar a compreensão dos alunos e professores em relação à multiplicidade de narrativas e perspectivas presentes nas literaturas africanas em língua portuguesa.

É crucial destacar que essas literaturas englobam uma ampla variedade de temas, estilos e tradições, etnias que merecem ser explorados e apreciados integralmente, para além das restrições impostas por uma ênfase excessiva em apenas alguns autores consagrados.

Essas constatações suscitam questionamentos essenciais sobre a situação das literaturas africanas em língua portuguesa na academia. Instituições reconhecidas por sua excelência acadêmica, enfrentam desafios em relação ao ensino e à difusão dessas literaturas? Isso impacta o conhecimento e a apreciação das ricas produções literárias de países africanos de língua oficial portuguesa por parte dos estudantes e professores?

Diante desse panorama, é necessário que a academia, as instituições de ensino superior, invistam em disciplinas que abordem as Literaturas Africanas em língua portuguesa de forma mais ampla e diversa, dando espaço para autores menos conhecidos e permitindo que os estudantes tenham um contato mais rico e profundo com essas produções literárias. Além disso, é preciso que haja um esforço conjunto por parte dos professores para se atualizarem e aprofundarem seus conhecimentos sobre as literaturas africanas em língua portuguesa, garantindo uma formação mais completa e qualificada para os futuros profissionais de Letras.

Com base em informações disponíveis no *site* da UNEB, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras da universidade foi atualizado em 2015. O documento traz a proposta pedagógica para os cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas e em Língua Inglesa e suas Literaturas, além de Licenciatura em Letras Vernáculas.

A UNEB é uma universidade estadual da Bahia que possui 29 campi em diferentes regiões do estado. O curso de Letras é ofertado em alguns desses campi, tendo como objetivo formar professores de língua e literatura nas áreas de atuação do curso.

Assim como no PPP da UFBA, o documento da UNEB destaca a importância do ensino de literaturas africanas e afro-brasileiras nos cursos de Letras. No entanto, não há menção específica sobre o estudo das literaturas africanas em língua portuguesa. Em relação à literatura comparada, o PPP destaca a importância de se promover uma perspectiva interdisciplinar e multicultural, com estudos sobre as literaturas africanas, indígenas, orientais e ocidentais.

Quanto à grade curricular, o curso de Letras da UNEB possui disciplinas específicas que abordam a literatura brasileira, portuguesa, inglesa e norte-americana, bem como disciplinas de teoria literária, linguística e didática. Não há informações disponíveis sobre disciplinas específicas de literaturas africanas em língua portuguesa.

É importante destacar, no entanto, que assim como na UFBA, a UNEB enfrenta desafios na promoção de um ensino mais plural e diverso, com uma maior inserção das literaturas africanas nos cursos de Letras. É comum, segundo relatos de estudantes e professores, a falta de interesse ou desconhecimento sobre as literaturas africanas, bem como

a centralização em autores mais conhecidos, como Mia Couto e Pepetela, conforme destacado anteriormente.

A UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - é uma universidade brasileira criada em 2010, com o objetivo de promover a integração entre países africanos de língua portuguesa e o Brasil. A universidade tem sua sede em Redenção, no estado do Ceará, e oferece cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento, incluindo Letras.

O curso de Letras da UNILAB tem como objetivo formar profissionais capacitados para atuar no ensino de línguas e literaturas, com ênfase na formação crítica e reflexiva dos alunos. A grade curricular do curso é composta por disciplinas obrigatórias e optativas, que abrangem áreas como Literatura, Linguística, Ensino de Línguas, Estudos Culturais e Tradução.

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras (PPC) da UNILAB -CE, busca formar um profissional capaz de promover a diversidade cultural e linguística, valorizando a produção cultural das populações africanas e afrodescendentes, incluindo a produção literária, artística e folclórica. O PPC também enfatiza a importância do ensino de línguas estrangeiras, especialmente a língua inglesa, como instrumento de comunicação e interação em um mundo globalizado.

Apesar da ênfase nas literaturas e culturas africanas de língua portuguesa, é importante notar que a UNILAB também oferece curso e disciplinas sobre outras literaturas, como a literatura inglesa, e a literatura brasileira. O PPC também menciona a importância da literatura comparada, que permite uma comparação entre diferentes literaturas e culturas, a fim de promover uma reflexão crítica sobre as relações entre elas.

O Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Letras da UNILAB- CE destaca a importância da formação humanística, crítica e interdisciplinar dos estudantes, que são incentivados a refletir sobre as questões sociais, culturais e políticas dos países africanos e do Brasil. Além disso, o curso busca formar profissionais capacitados para atuar no ensino de línguas e literaturas, bem como em outras áreas que envolvem o conhecimento de línguas estrangeiras.

O PPC apresenta uma estrutura curricular dividida em dois ciclos: o ciclo básico e o ciclo profissionalizante. No ciclo básico, são oferecidas disciplinas voltadas para a formação geral dos estudantes, com conteúdo que envolve áreas como linguística, literatura, história, antropologia, entre outras. Já no ciclo profissionalizante, os estudantes têm a oportunidade de

se aprofundar em áreas específicas do curso, por meio das disciplinas optativas e atividades complementares.

O PPC do curso de Letras da UNILAB-CE apresenta uma proposta inovadora e relevante para a formação de profissionais capacitados para atuar no ensino de línguas e literaturas de países africanos de língua portuguesa e na promoção do diálogo e integração cultural entre o Brasil e os países africanos.

O Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Letras da UNILAB-CE é organizado em quatro grandes eixos de formação: formação linguística, formação literária, formação pedagógica e formação cultural. O eixo de formação linguística é composto por disciplinas que buscam o aprimoramento da compreensão e produção oral e escrita das línguas estudadas. Já o eixo de formação literária tem como objetivo a compreensão e análise das literaturas dos países que falam as línguas estudadas. O eixo de formação pedagógica tem como objetivo preparar o aluno para a prática docente, abordando temas como didática, metodologia de ensino de línguas estrangeiras e português como língua estrangeira. Por fim, o eixo de formação cultural tem como objetivo promover o conhecimento das culturas dos países que falam as línguas estudadas.

Uma das principais características do PPC do curso de Letras da UNILAB-CE é o seu foco na valorização das culturas africanas de língua portuguesa. Nesse sentido, o curso oferece disciplinas que buscam apresentar as literaturas e culturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. (PPC-CE. 2011)

Já o PPC (Projeto Pedagógico de Curso) do Curso de Letras da Unilab - Campus dos Malês, localizado na Bahia, apresenta uma proposta curricular que busca a formação de profissionais capacitados para atuar no mercado de trabalho, bem como na pesquisa e na docência em línguas e literaturas, com ênfase nas literaturas africanas, afro-brasileiras e da diáspora, em diálogo com outras literaturas do mundo.

O curso tem duração de oito semestres, totalizando 3.100 horas, e está dividido em quatro eixos curriculares: Eixo de Fundamentos Teóricos, Eixo de Formação Linguística, Eixo de Formação Literária e Eixo de Prática Pedagógica. O eixo de Fundamentos Teóricos abrange disciplinas como Sociologia, Antropologia, História e Teoria da Literatura, com o objetivo de proporcionar uma base teórica sólida para a formação do aluno.

O eixo de Formação Linguística é composto pelas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Francesa e Língua Espanhola, com o objetivo de desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos para que sejam capazes de atuar em diferentes contextos comunicativos.

O eixo de Formação Literária é o eixo central do curso, e apresenta disciplinas voltadas para as literaturas africanas, afro-brasileiras e da diáspora, como Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura Afro-brasileira e Cultura afro-indígena. Além disso, há também disciplinas de Literatura Comparada, que buscam estabelecer um diálogo entre as literaturas estudadas e outras literaturas do mundo.

Por fim, o eixo de Prática Pedagógica busca capacitar os alunos para atuarem como professores de Língua e Literatura, e é composto pelas disciplinas de Didática e Metodologia do Ensino de Língua e Literatura, Estágio Supervisionado I e II e Trabalho de Conclusão de Curso. (PPC-MALÊS. 2016)

Destaca-se no PPC do Curso de Letras da Unilab - Campus dos Malês a ênfase dada às literaturas africanas, afro-brasileiras e da diáspora, demonstrando o compromisso da universidade com a valorização da cultura e das tradições dos países africanos de língua portuguesa. Além disso, a presença de alunos nativos dos países estudados auxiliando os professores na abordagem das literaturas africanas é um diferencial importante, que permite uma abordagem mais rica e diversificada dessas literaturas.

Com base nas análises realizadas nos projetos pedagógicos dos cursos de Letras da UFBA, UNEB e UNILAB-CE e BA, pode-se perceber diferenças significativas entre as instituições. Enquanto as duas primeiras parecem se concentrar em disciplinas voltadas principalmente à literatura ocidental, incluindo, obviamente, a brasileira, a UNILAB destaca-se pela presença de uma variedade de disciplinas voltadas especificamente para as literaturas africanas, além da presença de estudantes e professores nativos dos países em questão. O projeto pedagógico do curso de Letras da UNILAB ressalta a importância do estudo das literaturas africanas como um meio de romper com a visão eurocêntrica e colonialista que ainda é predominante na academia brasileira.

O panorama crítico da marginalização das literaturas africanas nas discussões acadêmicas, anteriormente delineado, encontra respaldo e ampliação ao observarmos a implementação da lei que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, conforme abordado anteriormente. Apesar da existência dessa legislação, identificamos uma falha significativa na efetivação dessa obrigação, resultando em lacunas nos currículos escolares e universitários, especialmente na Bahia, um estado intrinsecamente conectado à África devido à sua rica história e cultura afro-diaspórica.

Fica evidente que a insuficiente implementação da lei nas escolas brasileiras repercute na formação acadêmica posterior. A falta de um estudo das literaturas africanas em língua portuguesa, como destacado, é agravada pela negligência na inclusão efetiva desses conteúdos

nos currículos, perpetuando assim a marginalização dessas literaturas. A necessidade iminente de reconsiderar as práticas acadêmicas, destacada no dedicado trabalho da professora Maria Aparecida Santilli, conforme apresentado no prefácio escrito pela professora Sueli Saraiva no livro *Pós-colonialismo e literatura: Questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa* (2017), adquire uma dimensão ainda mais crucial ao contemplarmos a interligação entre o ensino fundamental e o ensino superior.

Como destacado por Maria Aparecida Santilli, precursora dos estudos das literaturas africanas em língua portuguesa no Brasil, a reconsideração das práticas acadêmicas torna-se ainda mais crucial quando percebemos a interligação entre o ensino fundamental e o ensino superior. Assim, as sementes plantadas por Santilli e outros mestres na complexa trajetória das literaturas africanas germinam na academia, influenciando não apenas a pesquisa, mas também a educação em diferentes níveis. (Pereira; Lima; Moreira; Silva. 2017.p.12)

A citação ressalta a importância da reconsideração das práticas acadêmicas, conforme enfatizado por Maria Aparecida Santilli. A interligação entre o ensino fundamental e o ensino superior destaca a relevância de uma abordagem integrada nas pesquisas sobre literaturas africanas em língua portuguesa. O reconhecimento da influência dessas práticas não apenas na pesquisa, mas também na educação em diferentes níveis, reforça a necessidade de um compromisso contínuo com a diversidade literária e cultural nos ambientes acadêmicos.

Essa reflexão conjunta revela não apenas uma deficiência na promoção de estudos africanos nas instituições de ensino, mas também uma desconexão entre as políticas educacionais e suas efetivas implementações. A falta de docentes especializados e de incentivo institucional, mencionada anteriormente, perpetua essa lacuna desde as etapas iniciais da formação educacional até o nível superior. Assim, a marginalização das literaturas africanas não é apenas uma questão acadêmica, mas uma manifestação de falhas sistêmicas na abordagem da diversidade cultural e literária nas instituições de ensino brasileiras.

Isso demonstra a necessidade urgente de se investir em programas de formação acadêmica que possam oferecer uma visão mais ampla e crítica das literaturas africanas em língua portuguesa, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada e respeitosa da cultura africana.

A necessidade urgente de investir em programas de formação acadêmica que proporcionem uma visão mais ampla e crítica das literaturas africanas em língua portuguesa é evidenciada pelo papel crucial que essas obras desempenham na representação e compreensão da cultura africana. Ao abordar temas diversos e essenciais, como a história, as tradições e os desafios contemporâneos, tais literaturas oferecem uma riqueza de perspectivas que



enriquecem o panorama cultural global. Nesse contexto, a influência da religiosidade africana emerge como uma dimensão significativa, destacando-se como fator intrínseco às experiências africanas e desempenhando um papel essencial nas narrativas literárias. A seguir, exploraremos a importância das diversas manifestações culturais africanas nas obras literárias, considerando, desde as referências ancestrais até a influência do cristianismo e do islamismo.

O texto a seguir explora a relação entre dois contextos interligados, conforme evidenciado no primeiro texto que destaca a necessidade de investir em programas acadêmicos voltados para uma compreensão mais ampla e crítica das literaturas africanas em língua portuguesa.

Hildebrando Almeida Cerqueira (2021), em seu trabalho que revisita a tese de doutorado em antropologia social, intitulada *Escravidão e Invenções Espirituais Afro-Brasileiras: Do Vudum Lebabimibome aos Contos Populares* (2015), aprofunda-se nas implicações da escravidão na vida espiritual e intelectual dos povos africanos e afrodescendentes nas Américas, especialmente no Brasil. Este estudo destaca a importância da religiosidade como parte intrínseca da vida e da arte desses povos, ecoando a urgência mencionada no primeiro texto em entender essas manifestações culturais.

A pesquisa de Cerqueira explora como as populações afrodescendentes dialogaram e transformaram os valores culturais, preservando suas memórias espirituais por meio de intermediários sagrados, como o vudum Lebabimibome. O autor analisa de forma metódica a reciclagem estratégica de antigas ideias associadas aos africanos, desmistificando representações pejorativas perpetuadas pelos colonizadores europeus, como a associação deles a macacos.

Ao relacionar fábulas brasileiras que envolvem macacos com mitologias fon e iorubá, Cerqueira destaca a correspondência entre personagens de contos populares e divindades africanas, conectando diretamente a representação simbólica presente nas literaturas africanas em língua portuguesa, conforme mencionado no primeiro texto. A presença do macaco nessas histórias revela, de maneira codificada, um retorno aos mitos originais, mostrando como as narrativas literárias preservam e reinterpretam elementos culturais.

A transformação do macaco em uma divindade, como apontada na pesquisa, sugere uma resposta criativa às adversidades históricas enfrentadas pelos povos africanos, conectando-se à urgência destacada no primeiro texto em compreender e valorizar as ricas perspectivas culturais africanas. Assim, a pesquisa de Cerqueira ilustra vividamente a interconexão entre a representação literária, a religiosidade africana e a preservação cultural,

fundamentando a importância de programas de formação acadêmica que abordem essas temáticas de maneira mais ampla e crítica.

Os textos iniciais e finais do documento apresentam uma relação coerente em termos de temas e lógica. No início, destaca-se a necessidade de investir em programas acadêmicos que promovam uma compreensão crítica das literaturas africanas em língua portuguesa. Isso é baseado na importância da religiosidade africana na vida e na arte dos povos do continente, como demonstrado na pesquisa de Hildebrando Almeida Cerqueira (2021).

Sendo assim, ainda que a UNILAB tenha trilhado um caminho promissor ao incorporar disciplinas específicas voltadas para as literaturas africanas em língua portuguesa em seu currículo de Letras, é imperativo reconhecer que persiste um longo percurso a ser percorrido para que essas produções alcancem o respeito merecido na academia de maneira geral.

A análise da estrutura curricular dos cursos de Letras, como obstáculo ao aprofundamento nas literaturas africanas em língua portuguesa, destaca a complexidade enfrentada pela educação superior em garantir uma representação equitativa. Com frequência, as grades curriculares priorizam a literatura ocidental, deixando limitado espaço para a exploração de outras produções literárias.

Contudo, é notável que a UNILAB se destaque ao adotar uma abordagem mais abrangente e inclusiva. Disciplinas como Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, onde engloba as literaturas angolana, moçambicana, guineense, cabo-verdiana e santomense, presentes no PPC do curso de Letras da UNILAB-CE-BA, evidenciam um compromisso em abordar as literaturas africanas de forma mais profunda e específica. Esta iniciativa representa um passo significativo em direção à superação das barreiras impostas pela estrutura curricular tradicional.

Como apresentado anteriormente, a presença de alunos nativos dos países em estudo na sala de aula é um diferencial que não apenas enriquece o ensino e o aprendizado dessas literaturas, mas também contribui para uma compreensão mais autêntica e contextualizada das obras. No entanto, ressalta-se que a replicação dessas práticas em um contexto mais amplo é essencial para que as literaturas africanas alcancem o devido reconhecimento e respeito em todas as instituições acadêmicas.

Portanto, enquanto a UNILAB se destaca como um exemplo na implementação de disciplinas que abrangem as literaturas africanas em língua portuguesa, é crucial que outras instituições sigam essa trajetória para assegurar uma representação mais equânime e justa das

literaturas africanas em língua portuguesa, garantindo que alcancem o respeito e a valorização que merecem na academia como um todo.

### 3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS (ESTUDANTES DA UNEB, UFBA, UNILAB-CE E UNILAB-BA)

Na atual era da informação, onde a busca por diversidade e inclusão ecoa nas salas de aula, a análise das entrevistas sobre a presença das literaturas africanas em língua portuguesa nos currículos brasileiros emerge como uma necessidade premente. Neste capítulo, não nos limitamos a examinar as vozes dos estudantes e professores, mas buscamos trazer à tona perspectivas e desafios que refletem as complexidades do cenário educacional contemporâneo. Este é um convite à reflexão sobre como podemos, coletivamente, moldar uma educação mais rica, diversificada e inclusiva para as futuras gerações.

Nos corredores das instituições acadêmicas, as vozes estudantis emergem como faróis indicando um caminho para uma educação mais inclusiva. Nesse mapeamento revelador, autores como Mia Couto, Pepetela, Agualusa e Chimamanda Ngozi Adichie fazem parte do repertório inicial dos estudantes, destacando uma exposição limitada e apontando para a carência de uma abordagem mais aprofundada nas literaturas.

O desafio exposto pelas entrevistas vai além de uma mera busca por inclusão, revelando a resistência imposta pelos currículos convencionais, os quais privilegiam a literatura ocidental em detrimento das valiosas produções africanas. No contexto das universidades baianas pesquisadas, A UNILAB-CE e BA, destaca-se como uma notável exceção com seu currículo diversificado, desafiando os padrões estabelecidos. Das 230 matrículas no curso de Letras<sup>5</sup> da UNILAB-CE, BA, 15 alunos foram entrevistados, sendo 7 mulheres com idades entre 19 e 25 anos, e 8 homens com idades entre 19 e 29 anos, proporcionando não apenas uma amostra significativa, mas também representativa. Nossa afirmação é baseada em uma abordagem de amostragem por voluntários. Os estudantes foram entrevistados porque se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa, o que indica que a seleção não foi aleatória, mas sim voluntária. Portanto, a representatividade da amostra é condicionada pela disponibilidade e vontade dos estudantes em participar, o que pode influenciar na representatividade dos resultados em relação à população total.

---

<sup>5</sup>UNILAB em números acesso em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2UzODAwYzctMTkxOC00NzkwLWE5YWVlYmZDI5MWYyODY2IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVkMSJ9>

Ao analisar a abordagem da UNILAB-CE em comparação com as práticas adotadas na UFBA e UNEB, emerge um panorama detalhado da pesquisa conduzida no âmbito dos cursos de Letras. Na UFBA, todos os 562 estudantes matriculados foram abarcados na análise, sendo conduzidas entrevistas com uma amostra representativa de 20 alunos, divididos igualmente entre 10 mulheres e 10 homens, todos com idades entre 18 e 27 anos. Por sua vez, na UNEB, dentre os 420 alunos, apenas 15 foram entrevistados, sendo 10 mulheres e 5 homens, também compreendendo indivíduos na faixa etária de 18 a 27 anos.

A contextualização desses dados destaca a UNILAB (CE, BA) como uma instituição que adotou uma abordagem mais expressiva em sua amostragem. No entanto, é essencial considerar que a análise abrange não apenas a singularidade da UNILAB-CE, mas também as realidades mais amplas da UFBA e UNEB. Importante mencionar que todas as entrevistas foram realizadas com estudantes brasileiros e africanos dos cursos de graduação em letras nessas instituições. O resultado compreendeu um total de 50 entrevistados, consolidando uma amostragem abrangente que enriquece a pesquisa.

Na condução da seleção de estudantes para entrevistas, a abordagem adotada revela uma estratégia cuidadosa e ponderada, visando representar, de forma equitativa, as diversas perspectivas presentes nos cursos de Letras. Na UNEB, a opção por entrevistar 10 mulheres e 5 homens foi motivada pelo objetivo de refletir a composição de gênero na população estudantil, buscando uma representatividade proporcional.

Por outro lado, na UFBA, a escolha foi por uma abordagem igualitária, entrevistando 10 mulheres e 10 homens, com a intenção de proporcionar uma análise mais abrangente e equilibrada das experiências acadêmicas. Essa decisão estratégica visa assegurar que a diversidade de vozes e perspectivas presentes na comunidade acadêmica seja devidamente contemplada, contribuindo para uma compreensão da realidade dos estudantes no curso de Letras.

Assim, a motivação por trás da seleção específica de estudantes para as entrevistas reflete o compromisso em capturar uma variedade representativa de experiências, considerando fatores como gênero, enriquecendo a análise e proporcionando uma visão mais completa e fiel da dinâmica acadêmica nas instituições estudadas.

As entrevistas foram conduzidas com critérios específicos, visando aprofundar a compreensão sobre a apresentação das literaturas africanas em língua portuguesa nos cursos de Letras das instituições mencionadas (UNILAB-CE, BA, UFBA e UNEB). Foram estabelecidos critérios como avaliação do conhecimento prévio dos estudantes sobre literaturas africanas em língua portuguesa, análise da inclusão e abordagem dessas literaturas

nos currículos, investigação sobre a percepção dos estudantes quanto à representatividade, avaliação do conhecimento dos estudantes sobre autores específicos das literaturas africanas em língua portuguesa, e coleta de sugestões dos estudantes para melhorias na abordagem curricular, recursos disponíveis e métodos de ensino relacionados às literaturas africanas em língua portuguesa.

Numa análise que transcende o escrito, a questão racial emerge como um fio condutor essencial. O reconhecimento da importância da representatividade racial nas obras estudadas, conforme será evidenciado, sublinha a necessidade de desdobrar as complexidades da identidade racial. Os autores africanos, ao abordarem temas como a questão racial, violência e desigualdade social, posicionam-se como narradores cruciais na construção de uma consciência crítica.

No contexto do ensino, a análise proposta pelas entrevistas ressalta um aspecto muitas vezes negligenciado: as tradições orais. A curiosidade sobre como essas tradições influenciam as literaturas africanas abre um horizonte pouco explorado nas discussões acadêmicas convencionais, sinalizando uma disposição para ir além do texto escrito e mergulhar na riqueza das raízes culturais africanas. Este ponto de vista torna-se particularmente relevante em consonância com pesquisas que versam sobre o ensino, incluindo a presente investigação, destacando a importância de considerar as tradições orais como um componente essencial no entendimento e na abordagem das literaturas africanas no âmbito acadêmico.

Contudo, mesmo que a UNILAB –(CE, BA) se destaque ao oferecer disciplinas de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa em maior número, a análise também aponta para uma reflexão crítica. A universidade, assim como as demais instituições, carrega, em partes, o modelo colonial na reprodução das literaturas, influenciado pelo que o mercado editorial brasileiro seleciona sobre autores africanos de língua portuguesa.

Em síntese, as entrevistas revelam não apenas uma lacuna no ensino das literaturas africanas em língua portuguesa, mas também um clamor por uma abordagem mais inclusiva, diversificada e contextualizada. As UNILAB - CE, BA se sobressaem como um exemplo de como essa mudança pode ser implementada, proporcionando um modelo a ser seguido por instituições educacionais em todo o Brasil. É hora de desenhar novos horizontes, abraçando a riqueza das literaturas africanas como uma parte intrínseca do panorama educacional brasileiro.

### 3.2 REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS: VOZES, LACUNAS E INOVAÇÕES

Neste subcapítulo, mergulhamos nas entrevistas realizadas, explorando não apenas as respostas dos estudantes, mas também a abordagem do pesquisador durante essas interações. A análise busca destacar as complexidades nas percepções dos alunos sobre as literaturas africanas em língua portuguesa nos currículos das instituições investigadas.

Ao confrontar as respostas dos estudantes das diferentes universidades, percebemos uma complexa *interplay*<sup>6</sup> entre semelhanças e diferenças. As vozes dos alunos da UNILAB, UFBA e UNEB compartilham algumas convergências, mas também revelam nuances distintas que refletem a diversidade de experiências educacionais.

Na UNILAB, as respostas indicam uma presença mais evidente das literaturas africanas nos currículos, apontando para uma abordagem mais inclusiva. No entanto, mesmo nesse cenário, há lacunas no ensino que exigem aprimoramento. A análise crítica foca nessas falhas, questionando não apenas a presença quantitativa, mas a profundidade com que essas literaturas são abordadas.

Na UFBA e UNEB, as respostas delineiam um quadro mais desafiador. A presença das literaturas africanas, embora reconhecida, parece ser menos expressiva, evidenciando um déficit que vai além da visibilidade. As percepções desses estudantes apontam para um terreno onde a inclusão não é apenas quantitativa, mas também uma questão de qualidade e relevância.

No papel de pesquisador, a condução das entrevistas foi marcada por uma abordagem cuidadosa e inclusiva. A estratégia de seleção de estudantes refletiu um compromisso com a representatividade, considerando não apenas o gênero, mas também a diversidade de perspectivas presentes nos cursos de Letras, conforme mencionado anteriormente. Essa escolha estratégica, adotada em cada instituição, foi crucial para capturar uma amostra variada e rica em experiências. O reconhecimento da importância da representatividade racial nas obras estudadas, como evidenciado pela segunda entrevista, destaca a sensibilidade do pesquisador para desdobrar as complexidades da identidade racial. Esse reconhecimento se dá não apenas no âmbito do enredo das obras, mas também pela perspectiva dos autores, evidenciando a sensibilidade desses criadores para explorar as complexidades da identidade racial em suas narrativas. A análise explora como os temas abordados pelos autores africanos

---

<sup>6</sup> O termo "interplay" refere-se a uma interação ou relação entre diferentes elementos, ideias ou forças que influenciam um específico ou situação. No contexto das literaturas africanas em língua portuguesa, a "interação" pode ser observada em diversos aspectos, como a influência mútua entre as diferentes culturas e tradições africanas, a interação entre os autores e suas obras, e a relação entre a literatura africana e a literatura mundial.

contribuem para a construção de uma consciência crítica sobre a racialidade, violência e desigualdade social.

Um dos objetivos neste processo de pesquisa reside na atenção dada às tradições orais, embora reconheçamos que há estudos sobre oralidades produzidos pela academia. Esta pesquisa busca focar e aprofundar o entendimento das tradições orais, um componente muitas vezes negligenciado nas discussões acadêmicas convencionais.

A curiosidade em relação ao impacto das tradições culturais na literatura africana abre caminhos para uma compreensão mais profunda e rica da influência cultural nos textos escritos. Esse interesse não só demonstra uma disposição para explorar além das palavras impressas, mas também indica um desejo de mergulhar nas raízes culturais profundas do continente africano. Essa abordagem, em sintonia com pesquisas sobre ensino, promove um entendimento mais amplo das interações entre as esferas acadêmicas e culturais.

Ao analisar as respostas dos estudantes das diferentes universidades, é possível estabelecer relações e identificar padrões que vão além das fronteiras institucionais. A UNILAB destaca-se não apenas pela presença mais evidente das literaturas africanas, mas também pela atitude desafiadora em romper com os padrões estabelecidos. As entrevistas revelam que, apesar das diferenças contextuais, todos os estudantes compartilham o anseio por uma abordagem mais inclusiva e contextualizada no ensino das literaturas africanas.

### 3.3 ABORDAGENS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS

Ao abordar as perguntas, buscou-se a diversidade inerente a cada uma delas, considerando seu potencial contribuição para enriquecer as entrevistas. A análise das respostas dessas questões pode revelar percepções valiosas sobre as percepções dos estudantes em relação às literaturas africanas nos currículos brasileiros. Deixaremos abaixo algumas das nossas abordagens utilizadas nas entrevistas:

#### **1. Definição de literaturas africanas:**

Buscamos analisar como os estudantes compreendem e definem o termo literaturas africanas. As respostas obtidas podem refletir diferentes perspectivas e entendimentos prévios.

**2. Conhecimento sobre autores africanos:**

Exploramos as experiências dos estudantes com autores africanos dos países africanos de língua portuguesa. Avaliamos onde eles obtiveram esse conhecimento, seja por meio de estudos acadêmicos, leituras pessoais ou outras fontes.

**3. Opiniões sobre inclusão nos currículos:**

Investigue as opiniões dos estudantes sobre a presença das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros. Busque entender se eles consideram a abordagem atual suficiente ou se identificam lacunas.

**4. Questões raciais nos autores africanos:**

Aborde as perspectivas dos estudantes sobre a representação racial nas obras estudadas. Analise como eles percebem a contribuição dos autores africanos para uma compreensão crítica das questões raciais.

**5. Presença nas grades curriculares:**

Explore se as disciplinas sobre Literaturas Africanas estão presentes nas grades curriculares dos estudantes. Se sim, investigue se são eletivas ou optativas.

**6. Proposições adicionais:**

Considere a inclusão de perguntas adicionais presentes nos apêndices, como aquelas relacionadas à formação de professores, avaliação da inclusão de autores africanos nas obras escolares e o potencial impacto na construção de uma educação antirracista.

**7. Flexibilidade na abordagem:**

Para uma abordagem flexível, é importante manter flexibilidade nas perguntas, permitindo que os participantes expressem suas opiniões de maneira aberta. Essa abordagem pode gerar respostas mais autênticas e ricas em detalhes.

Considerando a diversidade geográfica dos estudantes nas instituições analisadas (UFBA, UNEB e Unilab BA), a análise comparativa das entrevistas permitiu uma compreensão aprofundada das percepções sobre as literaturas africanas em língua portuguesa nos currículos brasileiros. Os alunos, provenientes de diversas partes da Bahia, revelaram uma



rica tapeçaria de experiências e perspectivas que destacam tanto semelhanças quanto nuances em suas visões.

A influência cultural regional emergiu como um fator significativo, moldando as percepções dos estudantes sobre a literatura africana. Além disso, a análise considerou o acesso desigual à educação e recursos, destacando disparidades regionais. A diversidade geográfica impactou as oportunidades de aprendizado, com implicações na formação acadêmica dos estudantes. Essa abordagem permitiu identificar como as diferentes origens geográficas se refletem nas experiências de ensino-aprendizagem nas instituições estudadas.

Ao final deste estudo, é evidente que a diversidade geográfica dos estudantes adicionou camadas cruciais à compreensão das percepções sobre as literaturas africanas nos currículos. As nuances regionais ofereceram uma visão mais rica e contextualizada, enriquecendo a análise comparativa e contribuindo para uma compreensão mais abrangente das experiências educacionais em diferentes partes da Bahia. Essas conclusões destacam a importância de considerar as diversidades regionais ao abordar questões educacionais e culturais.

Ao término desta etapa investigativa, ressalta-se a abordagem acerca da heterogeneidade geográfica dos discentes, provenientes de variadas localidades, incluindo os rincões do interior da Bahia e municípios limítrofes à urbe grandiosa de Salvador. Cidades como Salvador, Muritiba, Sobradinho, Conceição do Almeida, Nazaré, Castro Alves, Cruz das Almas, Amargosa, entre outras, constituem os locais de origem e residência dos estudantes da UFBA<sup>7</sup> e UNEB<sup>8</sup>. No âmbito da UNILAB BA<sup>9</sup>, os discentes têm suas moradas em São Francisco do Conde, Santo Amaro, Salvador, Candeias, Feira de Santana, Madre de Deus, dentre outras localidades.

A meticulosa delimitação geográfica proporciona uma perspicácia enriquecedora às perspectivas dos alunos, viabilizando uma análise comparativa de maior profundidade. Ademais, ao enfatizar os centros urbanos menores onde as instituições de ensino objeto de estudo estão situadas, a exemplo de São Francisco do Conde (Unilab - BA), Redenção, Acarape e Conjunto (UNILAB - CE<sup>10</sup>), e Santo Antônio de Jesus (UNEB), contrastando com a singular cidade de grande porte, Salvador, onde a UFBA se estabelece, realça-se a multiplicidade de contextos urbanos e rurais capazes de influenciar as percepções dos educandos.

---

<sup>7</sup> Sobre a UFBA: <https://www.ufba.br/historico>

<sup>8</sup> Sobre a UNEB: <https://portal.uneb.br/a-uneb/>

<sup>9</sup> Sobre a UNILAB -BA: <https://unilab.edu.br/campus-dos-males/>

<sup>10</sup> Sobre a UNILAB – CE: <https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/>

Dessa maneira, ao considerar o contexto tanto dos discentes quanto das instituições, a pesquisa empreendida promove uma análise comparativa que evidencia tanto as convergências quanto as divergências nas percepções acerca das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa nos currículos universitários brasileiros. Esta metodologia visa substancialmente aprofundar a compreensão das dinâmicas educacionais e das perspectivas discentes em distintos ambientes acadêmicos.

#### 3.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO QUADRO DE ENTREVISTA

A presente sessão propõe uma análise profunda das percepções dos estudantes acerca das literaturas africanas nos currículos acadêmicos brasileiros, um tema de relevância incontestável no contexto educacional e da diversidade cultural. Este estudo, realizado por meio de entrevistas, envolveu estudantes de instituições renomadas como UNILAB–BA e CE, UFBA e UNEB, cujas identidades foram substituídas por pseudônimos em estrita conformidade com os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, e pela Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016.

O compromisso inabalável com a privacidade e a segurança dos participantes permeia toda a condução deste estudo, alinhando-se rigorosamente às diretrizes éticas que regem pesquisas envolvendo seres humanos. A escolha de pseudônimos não apenas preserva a confidencialidade dos entrevistados, mas também cria um ambiente seguro que fomenta a expressão livre de suas percepções, fundamentando, assim, uma análise robusta e representativa.

Esta pesquisa adota uma abordagem metodológica ética, visando compreender e enriquecer a apreciação das experiências e perspectivas dos estudantes sobre as literaturas africanas. A coleta de dados por meio de entrevistas é um instrumento valioso para explorar nuances, identificar desafios e revelar oportunidades.

É importante salientar que, para enriquecer esta sessão, foram selecionadas 14 entrevistas que apresentam dados específicos sobre o perfil do estudante, a universidade, as perguntas feitas, as respostas fornecidas e a perspectiva sobre a resposta dada, proporcionando, dessa forma, uma análise mais aprofundada sobre a percepção dos estudantes em relação às literaturas africanas nos currículos acadêmicos brasileiros.

**Quadro 2** – Estudantes entrevistados por perfil, pergunta, resposta e interpretação

PARTICIPANTE	PERFIL	PERGUNTA	RESPOSTA	INTERPRETAÇÃO
Marta (Estudante A)	22 anos, branca, UFBA	Como compreende Literaturas Africanas?	Livros de autores africanos, como Mia Couto e Pepetela. Mas não conheço muito além disso.	Compreensão limitada, associação com autores conhecidos, reconhecimento da falta de conhecimento aprofundado.
João Oliveira (Estudante B)	25 anos, negro, UNEB	Avaliação da presença nas escolas brasileiras	Raro ver literatura africana, estudamos mais coisa europeia. Devia ter mais, pra gente se ver nos livros.	Destaca escassez de representação, desejo de maior inclusão e identificação.
Maria Souza (Estudante C)	28 anos, parda, Unilab BA	Autores africanos com os quais teve contato	Conheço Luandino Vieira e Mia Couto. Mas não leio muito, autores africanos.	Reconhece alguns autores, aponta falta de estímulo como limitante para envolvimento.
Carlos Santos (Estudante D)	20 anos, indígena, UFBA	Abordagem das literaturas africanas na grade curricular	Acho que sempre estudamos superficialmente, já que sempre ouço mesmos nomes, né! Falta aquele empurrão, sabe?	Destaca ausência de abordagem específica, indica falta de estímulo para despertar interesse.
Paula Oliveira (Entrevista 1)	24 anos, parda, UNILAB - CE	Compreensão de Literaturas Africanas	Gosto de ler Mia Couto e Paulina Chiziane e Chimamanda, mas preciso ler mais. Tem muita coisa boa lá.	Conhecimento inicial, demonstra interesse em explorar mais autores.
Rafael Santos (Entrevista 2)	27 anos, branco, UNEB	Autores africanos que teve contato	Conheço alguns, mas não lembro agora de cabeça, por isso quero ler e conhecer mais. Falta tempo.	Conhecimento básico, expressa interesse em explorar mais quando possível.
Luana Silva (Entrevista 3)	26 anos, negra, UFBA	Presença nos currículos brasileiros	Li algumas coisas na escola, mas foi bem pouco. Deviam incluir mais, é importante.	Teve algum contato, destaca presença limitada nos currículos e a necessidade de maior inclusão.
Mateus Oliveira (Entrevista 4)	23 anos, indígena.	Como conheceu as literaturas africanas	Foi por causa de um influenciador no Instagram.	Primeiro contato por influenciadores, destaca

PARTICIPANTE	PERFIL	PERGUNTA	RESPOSTA	INTERPRETAÇÃO
	UNEB		Ele sempre fala sobre livros africanos, agora tô gostando.	impacto positivo das redes sociais.
Camila Santos (Entrevista 5)	21 anos, branca UNILAB - Ce	Autores africanos que teve contato	Ahn... Pepetela, Agostinho Neto, Mia Couto, outros não consigo lembrar agora. Acho incrível a diversidade de vozes desses autores. Quero explorar mais.	Conhecimento mais aprofundado, destaca a diversidade de vozes na literatura africana.
João Silva (Entrevista 6)	19 anos, negro, UNEB	Como conheceu as literaturas africanas	Foi quando um amigo me indicou um livro do Luandino Vieira. Agora leio bastante ele e vou lendo mais autores africanos, na medida que conheço cada livro	Interesse despertado por amigo, evidencia influência social na descoberta das literaturas africanas.
Ana Oliveira (Entrevista 7)	25 anos, parda, UNILAB-BA	Autores africanos que teve contato	Conheço bem Mia Couto, Paulina Chiziane e li algo de Pepetela. Gosto de buscar variedades nas leituras.	Conhecimento sólido, valoriza a riqueza da diversidade na literatura africana.
Débora Lima (Entrevista 8)	26 anos, negra, UNILAB-CE	Autores africanos e impacto na visão de mundo	Leio bastante Uanhenga Xitu, Eliseu Banori, Alfredo Troni e Ngugi wa Thiong'o. Cada autor ampliou minha visão de mundo.	Conhecimento profundo, reflete impacto significativo na visão de mundo e compreensão de questões identitárias.
Pedro Oliveira (Entrevista 9)	28 anos, pardo, UFBA	Autores africanos e percepção racial	A leitura de Aminatta Forna e Nuruddin Farah me fez refletir sobre as complexidades raciais.	Evidencia análise crítica, percebe representação racial e suas implicações.
Isabela Santos (Entrevista 10)	24 anos, branca, UNILAB-CE	Importância acadêmica e pessoal	Chimamanda Adichie e Agualusa enriqueceram minha formação acadêmica e moldaram minha visão crítica.	Destaca importância acadêmica e impacto pessoal, evidenciando compreensão das temáticas abordadas.

PARTICIPANTE	PERFIL	PERGUNTA	RESPOSTA	INTERPRETAÇÃO
Carlos Silva (Entrevista 11)	20 anos, negro, UNILAB- BA	Quais literaturas africanas em língua portuguesa você teve contato?	Eu li algumas obras de autores angolanos, como Pepetela e Agualusa. Achei interessante explorar a perspectiva angolana, mas ainda quero conhecer mais de outros países.	Destaca o foco em autores angolanos, evidenciando interesse na perspectiva desse país, mas demonstra disposição para ampliar suas leituras para outras literaturas africanas em língua portuguesa.
Raquel Oliveira (Entrevista 12)	27 anos, parda, UNEB	Em suas leituras, quais literaturas africanas em língua portuguesa você mais encontrou?	Tenho lido bastante literatura moçambicana, especialmente obras de Mia Couto e Paulina Chiziane. A riqueza cultural e histórica desse país me atrai bastante.	Destaca seu foco na literatura moçambicana, mencionando Mia Couto e Paulina Chiziane. Sua resposta ressalta a atração pela riqueza cultural e histórica específica desse país.
Tiago de Oliveira (Entrevista 13)	23 anos. negro, UFBA	Como as literaturas africanas em língua portuguesa têm influenciado sua percepção sobre identidade cultural e resistência?	Tenho me aprofundado nas obras de autores guineenses, como Eliseu Banori, e percebo como essas narrativas são cruciais para a construção da nossa identidade cultural. A resistência presente nesses escritos é inspiradora.	destaca sua imersão na literatura guineense, mencionando Eliseu Banori, e reconhece o impacto dessas obras na construção de sua identidade cultural, ressaltando a inspiração proveniente da resistência presente nessas narrativas.
Maria Clara (Entrevista 14)	22 anos, branca, UNEB	Diante das literaturas africanas em língua portuguesa que você já leu, como enxerga a representação de temas como gênero e diversidade sexual?	Autores como Paulina Chiziane me abriram os olhos para as questões de gênero em contextos africanos. Suas abordagens sensíveis e provocativas têm contribuído para ampliar minha compreensão sobre diversidade sexual dentro dessas narrativas.	destaca o impacto das obras de Paulina Chiziane em sua percepção sobre questões de gênero em contextos africanos, reconhecendo a contribuição dessas abordagens sensíveis e provocativas para ampliar sua compreensão sobre diversidade sexual nas narrativas.

Fonte: elaboração própria.

Ao encerrar esta análise das entrevistas, depara-se com um intrincado caleidoscópio de perspectivas, desnudando as intrincadas relações entre os estudantes e as literaturas africanas nos currículos acadêmicos brasileiros, englobando instituições de renome como a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE-BA), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A diversidade de vozes proporcionou uma imersão profunda nas complexidades que permeiam a compreensão desses estudantes acerca da presença e do impacto dessas literaturas em suas trajetórias acadêmicas.

Os perfis diversos, representando uma amálgama de idades, etnias e formações, realçam a heterogeneidade de experiências. Desde os que reconhecem suas limitações no conhecimento sobre literaturas africanas até os que trazem consigo um repertório enriquecedor, cada estudante contribuiu singularmente para a tessitura deste panorama analítico.

Os relatos evidenciam uma dualidade intrigante: por um lado, a escassez notável de inclusão dessas literaturas nos currículos, sublinhando a carência de representatividade que alguns estudantes experimentam. Por outro, há aqueles que, motivados por influenciadores e redes sociais, encontraram um caminho autônomo em direção a esse vasto universo literário.

A importância da representatividade racial, não apenas nas obras estudadas, mas nas próprias trajetórias acadêmicas, surge como uma temática central. Estudantes reconhecem a lacuna e anseiam por uma educação que verdadeiramente reflita a diversidade cultural do continente africano. A consciência do impacto dessas literaturas nas construções identitárias e no entendimento crítico das questões raciais ressoa como um eco ao longo das entrevistas.

As entrevistas, com seus matizes únicos, também revelam a heterogeneidade geográfica como um fator que molda as experiências e perspectivas dos estudantes. Originários de diferentes localidades na Bahia, esses alunos trazem consigo a marca das variantes regionais, destacando a importância de considerar as diversidades locais ao abordar questões educacionais e culturais.

Em meio às limitações percebidas, seja pela ausência de estímulo dos educadores, seja pela escassez de disciplinas específicas, surgem sementes de interesse e potencial transformador. Os estudantes, mesmo diante de obstáculos, expressam um desejo de explorar mais, de ampliar horizontes, sugerindo uma possibilidade de mudança positiva com ações que estimulem o contato e a compreensão dessas literaturas.

Nesse intrincado mosaico de vozes, ressoa a importância de repensar e reestruturar os currículos acadêmicos, garantindo uma representação mais ampla da diversidade literária

africana. As narrativas coletadas não apenas refletem os desafios atuais, mas também apontam para um potencial transformador por meio da educação, destacando a necessidade premente de uma abordagem mais inclusiva e representativa nos espaços acadêmicos brasileiros.

#### 4 RELEVÂNCIA DA LEI 10.639/03 NA FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES

A Lei 10.639/03 foi sancionada em janeiro de 2003, como uma importante medida para a promoção da igualdade racial no Brasil. Ela torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e privadas do país. Essa iniciativa tem um grande impacto na formação de futuros professores, uma vez que esses profissionais têm um papel fundamental na implementação da lei nas escolas.

A Lei 10.639/03 tem implicações significativas na formação de professores, especialmente na área de literaturas africanas. É importante que os professores compreendam a complexidade das literaturas africanas e da diáspora, para poder ensiná-las com propriedade. É necessário, portanto, que os futuros professores tenham uma formação que contemple a história e cultura afro-brasileira e africana, e que os prepare para atuar de forma consciente e responsável no processo de ensino e aprendizagem.

**Art. 1º** O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

**Art. 2º** Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

**Parágrafo único.** Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares, respeitadas as características regionais e a diversidade étnica das comunidades escolares. (Legislação. 2003. P.3)

É importante observar que a Lei nº 10.639/2003 tem o intuito de promover o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de forma integrada ao currículo escolar, reconhecendo a importância das contribuições dessas culturas para a formação da identidade nacional brasileira. No entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a lei seja efetivamente cumprida. É notável as dificuldades na implementação da lei e na execução, como a falta de apoio dos estados e do governo federal, o desrespeito à lei por parte de alguns gestores municipais e a necessidade de melhorar a formação docente para abordar a temática de forma eficaz e inclusiva.

Muitos professores ainda se sentem despreparados para abordar o tema em sala de aula e muitas escolas ainda não incorporaram o ensino de literaturas africanas em seus currículos. Além disso, a formação de professores muitas vezes não contempla a história e cultura afro-brasileira e africana de forma aprofundada, o que pode comprometer a qualidade do ensino oferecido.



Conforme destacado por Gomes (2012), a formação de professores é um elemento fundamental para a implementação da Lei 10.639/03. Elas afirmam que;

A formação de professores pode ser entendida como um processo de desenvolvimento de competências e habilidades para o exercício da docência em sua plenitude, capaz de subsidiar uma prática pedagógica comprometida com a igualdade, a diversidade e a justiça social. (Souza e Oliveira, 2014, p. 28)

Assim, é necessário também que as instituições de ensino superior, responsáveis pela formação de futuros professores, revisem seus currículos e incluam disciplinas que abordem de forma aprofundada a história e cultura afro-brasileira e africana. Este é um dos meios que possibilitará aos futuros professores a compreensão não apenas da complexidade das literaturas africanas e da diáspora, mas também das questões políticas intrinsecamente complexas que permeiam essas narrativas. Essa abordagem enriquecida permitirá que esses educadores ofereçam um ensino de qualidade, contextualizado e sensível às variantes políticas presentes nessas expressões literárias.

Nesse sentido, as literaturas africanas em língua portuguesa são uma importante ferramenta para a formação de futuros professores, uma vez que oferecem uma compreensão mais ampla da cultura e história dos países africanos, e da diáspora africana no Brasil. Autores/as das literaturas africanas são fundamentais para a compreensão da complexidade das literaturas e para a construção de um ensino comprometido com a igualdade e a diversidade.

Alguns autores destacam a importância da formação de futuros professores para uma efetiva implementação da Lei 10.639/03. Segundo Caprini (2017), é fundamental que a formação de professores contemple uma abordagem crítica e reflexiva sobre a diversidade cultural e étnico-racial, tendo em vista que muitos professores ainda reproduzem práticas pedagógicas eurocêntricas e discriminatórias em sala de aula. Nesse sentido, a formação de professores deve contemplar a temática africana e afro-brasileira, bem como o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, a fim de que os futuros professores possam atuar de forma consciente e comprometida com uma educação antirracista.

De acordo com Gomes (2008), a Lei 10.639/03 é uma importante iniciativa para combater o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, que se reflete também no ambiente escolar. A autora destaca que, para que a lei seja efetivamente implementada, é necessário que haja uma mudança na formação dos professores, de forma a garantir que estes

estejam preparados para lidar com a diversidade cultural e étnico-racial presente nas escolas brasileiras.

Um dos pontos mais importantes da Lei 10.639/03 é exatamente valorizar a cultura e a história do povo afro-brasileiro dentro da escola. Sobre essas práticas pedagógicas (...) É preciso que as práticas pedagógicas sejam orientadas por princípios éticos que norteiem as relações estabelecidas entre professores, pais e alunos no interior das escolas brasileiras. E é necessário inserir a discussão sobre o tratamento que a escola tem dado às relações raciais no interior desse debate. (Gomes, 2005, p. 150).

No entanto, mesmo com a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, muitos professores ainda se sentem inseguros para trabalhar a temática africana e afro-brasileira em sala de aula, principalmente pela falta de materiais didáticos adequados. Esse fator está intrinsecamente ligado a uma questão política de amplitude considerável, visto que professores e universidades muitas vezes não detêm pleno poder sobre essas decisões. Contudo, é relevante destacar a importância de promover a conscientização e o engajamento em âmbitos políticos mais amplos, buscando colaborar ativamente para a implementação de mudanças necessárias. Assim, os educadores e instituições de ensino podem desempenhar um papel crucial ao advogar por políticas que incentivem a inclusão de disciplinas específicas sobre a temática e o desenvolvimento de materiais didáticos que abordem a diversidade étnico-racial na sociedade brasileira.

Ressalta Gomes (2012);

Não basta apenas o reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento. Essa descolonização tem de ser acompanhada por uma ruptura epistemológica, política e social que se realiza também pela presença negra nos espaços de poder e decisão; nas estruturas acadêmicas; na cultura; na gestão da educação; da saúde e da justiça, ou seja, a descolonização, para ser concretizada tende alcançar não somente o campo da produção do conhecimento como também as estruturas sociais e de poder. (Gomes, 2012, p. 225- 226)

Nesta passagem Gomes (2008), destaca a importância de ir além do simples reconhecimento e da vontade política para descolonizar diversos aspectos da sociedade, incluindo a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento. A autora ressalta a necessidade de uma ruptura epistemológica, política e social que não apenas reconheça a presença negra, mas a incorpore de maneira significativa nos espaços de poder e decisão, nas estruturas acadêmicas, na cultura, e na gestão de setores cruciais como educação, saúde e justiça.

O texto aponta para a ideia de que a descolonização não é apenas uma questão de discurso ou de reconhecimento simbólico, mas exige mudanças profundas nas estruturas sociais e de poder. Destaca a necessidade de inclusão e representatividade negra em todos os setores da sociedade para que a descolonização seja efetiva e abranja não apenas o campo da produção do conhecimento, mas também as estruturas que moldam a vida cotidiana e as decisões políticas.

Quanto à formação dos alunos, é importante destacar que estes podem sim se tornar bons professores no futuro, desde que recebam uma formação adequada e consciente sobre a diversidade cultural e étnico-racial. Segundo Caprini (2017), os alunos devem ser incentivados a refletir criticamente sobre as questões étnico-raciais e a contribuição dos africanos e afrodescendentes para a formação da cultura brasileira. É importante que sejam apresentados a autores e obras que abordem a temática africana e afro-brasileira de forma crítica e reflexiva, para que possam desenvolver um pensamento crítico sobre a diversidade cultural e étnico-racial presente na sociedade brasileira.

Lia Vainer Schucman em *O Branco e a Branquitude: Letramento Racial e Formas de Desconstrução do Racismo* (2022) menciona a importância de compreender a branquitude como uma posição sociopolítica de poder e aborda a questão do letramento racial e a importância de se desconstruir o racismo por meio da educação e da conscientização.

Para Schucman:

O pacto narcísico da branquitude é um acordo tácito entre os brancos que os mantém em uma posição de poder e privilégio, enquanto reforça a opressão e a marginalização das pessoas não brancas. Esse pacto é baseado na negação da existência do racismo e na manutenção de uma ideia de superioridade branca, que é perpetuada pela cultura e pela mídia. (Schucman, 2022, p. 35)

A citação apresentada destaca a ideia de que o pacto narcísico da branquitude é um acordo tácito entre os brancos que os mantém em uma posição de poder e privilégio, enquanto reforça a opressão e a marginalização das pessoas não brancas. Essa perspectiva é importante porque evidencia a forma como o pacto narcísico da branquitude é mantido e perpetuado na sociedade, o que pode ajudar a compreender como o racismo estrutural atua. Esse pacto de certa forma é reverberado no campo literário brasileiro, que durante muito tempo optou por publicações de autores brancos/as e, sobretudo, intencionalmente, negou as heranças culturais africanas.

#### 4.1 O CONTATO ENTRE ESTUDANTES E LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com Nascimento (2018), a educação é uma das formas mais eficazes de combater preconceitos e desconstruir estereótipos. No entanto, quando se trata de literaturas africanas em língua portuguesa, muitos estudantes demonstram dificuldade em compreender a importância e a riqueza dessas obras. A maioria dos alunos ainda vê a África como uma terra distante, habitada por povos exóticos e primitivos.

De acordo com Raquel Júnia (2010), a falta de contato com a cultura africana no cotidiano dos estudantes e a falta de ensino sobre a história da África nas escolas podem gerar uma falta de familiaridade com os temas envolvidos nas obras literárias africanas em língua portuguesa, o que acaba prejudicando a compreensão dos estudantes. Por outro lado, Munanga (2016) destaca que muitos professores não têm uma formação adequada em relação às questões africanas e afro-brasileiras, o que acaba refletindo no desempenho dos estudantes.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade. (Munanga. 2005. p. 15)

Munanga (2005), destaca a lacuna existente na educação e formação de cidadãos, professores e educadores em relação ao preparo necessário para lidar com a complexidade da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação resultantes. O autor aponta para a falta de preparo como um reflexo do chamado mito da democracia racial, indicando que a crença equivocada na igualdade racial no Brasil impacta negativamente a capacidade de lidar com questões relacionadas à diversidade.

A referência ao mito da democracia racial destaca a percepção de que a sociedade brasileira muitas vezes evita encarar e abordar as questões de discriminação racial de maneira eficaz. O autor também aponta para a responsabilidade dos profissionais da educação em superar esse despreparo, reconhecendo que eles próprios podem reproduzir preconceitos devido à influência de uma educação eurocêntrica.

A citação destaca a necessidade crítica de repensar e reformar a formação educacional para lidar de forma eficaz com a diversidade, reconhecendo as limitações impostas pelo mito da democracia racial e trabalhando ativamente para superar esses desafios na educação e na sociedade como um todo.

Para contornar essa dificuldade, é necessário buscar novas formas de aproximar os estudantes das literaturas africanas em língua portuguesa. É preciso criar estratégias de ensino que incluam elementos culturais africanos em suas mais diversas formas, como música, dança, culinária, dentre outras. Para Cavalcanti (2020), isso pode tornar o aprendizado mais dinâmico e interessante, despertando a curiosidade e a empatia dos estudantes.

Araújo e Nóbrega (2024), afirmam que ao refletir sobre o contato entre estudantes e literaturas africanas em língua portuguesa, é possível observar que há muitos desafios a serem superados e a formação dos estudantes no que diz respeito às literaturas africanas é ainda muito precária, uma vez que há poucos espaços para discussão e reflexão sobre o tema nas escolas brasileiras.

No entanto, é crucial salientar que a inclusão das literaturas africanas em língua portuguesa no currículo escolar desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Segundo o professor Mário Cesar Lugarinho em sua resenha do artigo da professora Inocência Mata intitulado *Discursos memorialistas africanos e a construção da História* publicado em Lisboa, pela editora Colibri em 2017, professor Mário Cesar Lugarinho traz uma contribuição significativa para os estudos sobre as literaturas africanas no Brasil. Em sua pesquisa, Lugarinho discute a capacidade da literatura em desvelar e compreender a história colonial da África, bem como suas repercussões no presente. Ele analisa diversas obras literárias africanas que abordam temas relacionados à memória, identidade e colonialidade, demonstrando como esses elementos são essenciais para uma compreensão mais profunda da história e cultura africanas. Ademais, o autor apresenta reflexões teóricas sobre a interseção entre literatura, memória e colonialismo, enfatizando como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e transformação social.

Dessa forma, o trabalho de pesquisadores como o professor Mário Cesar Lugarinho contribui para ampliar a compreensão das literaturas africanas no Brasil, destacando a importância dessas produções para a apreensão da história e cultura africana, bem como para o enfrentamento do racismo, discriminação e desigualdade social. Além disso, a análise crítica das obras literárias africanas fornece elementos relevantes para uma reflexão mais ampla

sobre as dinâmicas de poder, identidade e memória no contexto da história colonial e pós-colonial.

Em suma, a literatura pode ser vista como uma forma de resistência à colonização do imaginário, oferecendo outras representações da África e dos africanos que desafiam as narrativas dominantes e contribuem para uma compreensão mais complexa e profunda da história e da cultura africana. (Mata, 2017. p. 137)

Essa passagem demonstra como o professor e pesquisador Lugarinho enfatiza a importância da literatura como uma ferramenta de resistência e de desafio às narrativas coloniais dominantes. Ele sugere que a literatura pode oferecer representações outras da África e dos africanos que ajudam a ampliar a compreensão da história e da cultura africana.

Lugarinho ressalta que no Brasil, o ensino das literaturas africanas enfrenta desafios significativos, incluindo a escassez de diversidade nas obras selecionadas, conforme discutido ao longo dos capítulos. É comum restringir a escolha a um conjunto limitado de autores africanos, negligenciando uma vasta gama de produções literárias ricas e complexas originadas do continente africano. Ademais, é fundamental salientar que muitas das obras selecionadas são de autores que já gozam de privilégios no mercado editorial brasileiro. Essa seleção restrita e direcionada perpetua a desigualdade no âmbito editorial, impactando posteriormente o ensino das literaturas africanas nas escolas brasileiras. Assim, é crucial superar esses obstáculos e promover uma maior diversidade de vozes e narrativas africanas, a fim de romper com os padrões estabelecidos e enriquecer o panorama literário e educacional do país.

É notável que autores africanos que não tiveram o mesmo privilégio no mercado editorial brasileiro, como Kalaf Epalanga Ângelo, angolano; Alain Mabanckou, angolense; Francisco José Tenreiro, Santomense; Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido, poetisa são-tomense; Alda do Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe; Amélia Dalomba, de Angola; Lopito Feijóo - J.A.S. Lopito Feijóo K., de Angola; Kwame Anthony Appiah, angoganhês; Raúl Alves Calane da Silva, de Moçambique, entre outros, não são tão estudados ou ainda conhecidos no Brasil. Essa situação acaba limitando a compreensão e a diversidade de experiências que as literaturas africanas têm a oferecer. É preciso, portanto, expandir a tradição literária e incluir obras de diferentes gêneros, épocas e regiões, para oferecer aos estudantes uma visão mais ampla e crítica da produção literária africana. Somente assim, poderemos romper com a lógica excludente que tem marcado o ensino das literaturas africanas no Brasil.

O contato entre estudantes e literaturas africanas em língua portuguesa é uma questão crucial para o desenvolvimento de uma educação antirracista e inclusiva no Brasil. Infelizmente, como mencionado no parágrafo anterior, a falta de diversidade nas obras estudadas e a desigualdade no mercado editorial brasileiro contribuem para a perpetuação de um cânone literário eurocêntrico que exclui a produção literária africana e afro-brasileira.

Como apresentamos em nossa introdução, a literatura é a manifestação mais elaborada e sistemática da cultura. É, portanto, uma das formas mais importantes de contacto entre os povos. É por meio dela que um povo pode dar a conhecer a outro a sua realidade, a sua maneira de ver o mundo, os seus problemas e as suas preocupações.

A inclusão de obras de diferentes gêneros, épocas e regiões é fundamental para que os estudantes tenham acesso a uma visão mais ampla da produção literária africana e possam se identificar com os personagens e temas abordados e uma perspectiva mais plural de África.

Em suma, o contato entre estudantes e literaturas africanas em língua portuguesa é essencial para a formação de uma sociedade mais justa, inclusiva e antirracista no Brasil. É preciso que a educação seja um espaço de diálogo, respeito e valorização da diversidade cultural, e que a literatura seja vista como uma ferramenta importante nesse processo de construção de uma identidade nacional plural e democrática.

#### 4.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

A formação de professores do ensino superior é uma questão crucial para o desenvolvimento e aprimoramento do ensino das literaturas africanas em língua portuguesa. Em grande parte das instituições de ensino superior, esses professores são formados em cursos de licenciatura ou programas de pós-graduação em Letras ou Estudos Literários. No entanto, é importante destacar que, apesar da existência de tais programas, nem sempre há uma ênfase ou especialização em literaturas africanas, o que pode comprometer a qualidade do ensino dessas obras.

De acordo com Tavares (2020), a formação desses professores deve contemplar não apenas o estudo das obras literárias, mas também aspectos culturais, históricos e sociais relacionados aos países africanos de língua portuguesa. É preciso que os professores sejam capazes de contextualizar as obras em seus respectivos períodos históricos e em suas tradições culturais, além de compreender as questões políticas e sociais que permeiam essas literaturas.

Embora seja verdade que a formação de professores nas literaturas africanas muitas vezes seja limitada e insuficiente, a centralidade da questão reside nos currículos escolares e

acadêmicos. Muitos cursos de graduação e pós-graduação em Letras e Estudos Literários oferecem uma carga horária reduzida de disciplinas específicas sobre literaturas africanas, o que pode prejudicar o conhecimento e a compreensão dessas obras por parte dos futuros professores. Além disso, a produção acadêmica nessa área também pode ser reduzida, limitando a capacidade de atualização e inovação dos programas de formação.

Nesse contexto, é fundamental que haja um investimento na formação dos professores do ensino superior que se dedicam ao ensino das literaturas africanas em língua portuguesa e uma revisão dos currículos escolares, que obviamente, passa por questões políticas complexas, tanto no âmbito da academia quando da educação básica. No caso da educação básica a Base nacional Comum Curricular tem sido um entrave para a ampliação do ensino nessa área, pois a área de literatura em um sentido geral tem ocupado um espaço cada vez menor na BNCC:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (BRASIL, 2003, Art. 26)

Portanto a BNCC não deve ser o único parâmetro, e, nesse sentido, destaca-se mais uma vez a importância da lei 10639/03, nascida da reivindicação dos movimentos negros.

Tavares (2020) destaca diversos desafios enfrentados na formação de professores para o ensino de literaturas africanas e afro-brasileiras no Brasil, abordando questões como a falta de preparo dos professores, escassez de diversidade nas obras estudadas e ausência de estímulo para a pesquisa acadêmica nessa área, entre outros obstáculos que dificultam a efetiva inserção dessas literaturas no ensino. Além de apontar essas dificuldades, a autora contribui positivamente ao apresentar algumas sugestões para superá-las e promover uma formação mais adequada para os professores.

Dentre as propostas discutidas por Tavares (2020) para aprimorar a formação de professores, destaco duas estratégias fundamentais. Implementar programas de formação continuada direcionados aos professores já em atuação proporcionaria oportunidades constantes de atualização e aprofundamento nas temáticas das literaturas africanas e afro-brasileiras, permitindo que os docentes adquirissem conhecimentos mais robustos e atualizados, refletindo diretamente na qualidade do ensino oferecido. Além disso, organizar eventos acadêmicos, seminários e palestras dedicados exclusivamente às literaturas africanas



e afro-brasileiras seria uma iniciativa valiosa. Esses espaços proporcionariam um ambiente propício para a discussão e o compartilhamento de conhecimentos entre professores, pesquisadores e estudantes, contribuindo para a criação de uma rede de colaboração e estimulando a troca de experiências e práticas pedagógicas inovadoras. Ao incorporar essas propostas na formação de professores, é possível vislumbrar um cenário educacional mais dinâmico, informado e comprometido com a diversidade cultural, promovendo uma abordagem mais eficaz das literaturas africanas e afro-brasileiras no contexto escolar.

Dessa forma, é necessário que haja uma conscientização da importância dessa formação e um investimento por parte das instituições de ensino e do poder público para garantir uma formação adequada e atualizada para esses professores. Somente assim será possível oferecer aos estudantes uma educação de qualidade que valorize e promova o conhecimento das literaturas africanas em língua portuguesa.

Para concluirmos nosso raciocínio sobre a formação de docentes, traremos a dissertação de Élide Maria do Nascimento intitulada *Formação de professores de língua portuguesa e literaturas africanas: reflexões a partir da experiência do Profletras* (2018) que apresenta uma discussão muito relevante sobre a formação de professores na área de língua portuguesa e literaturas africanas.

A autora argumenta que o *Profletras*, um programa de pós-graduação em ensino de língua portuguesa, tem um papel fundamental na formação de professores para o ensino de literaturas africanas no Brasil, proporcionando aos professores uma formação mais ampla e aprofundada sobre a temática. A autora destaca a importância da formação continuada dos professores para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais reflexivas e críticas, e como isso pode contribuir para o ensino de literaturas africanas nas escolas brasileiras.

A falta de formação adequada é um grande obstáculo para o ensino das literaturas africanas, e a importância de programas de formação continuada como o *Profletras* pode ajudar a suprir essa lacuna.

Nascimento (2018), aponta que;

Embora se garanta a autonomia da escola na formulação do seu projeto político pedagógico, os seus componentes precisam estar munidos de conhecimentos pertinentes à valorização da diversidade para que haja uma real mudança nesse âmbito. E é justamente nesse ponto que, novamente, ressaltamos a carência em formação docente para se lidar com temáticas como a cultura africana, pois mesmo se os livros didáticos trouxerem conteúdos que englobem o tema, se o profissional não estiver inteirado desse assunto e assim fazê-lo significativo para os alunos, sua prática não surtirá o efeito pretendido. Acreditamos também ser fundamental a problematização desses conteúdos para não cairmos no equívoco de enxergar a

cultura africana a partir da ótica estereotipada do exotismo e folclorização. (Nascimento. 2018. p.47)

Na busca por uma educação mais inclusiva e sensível à diversidade, destaca-se a essencial reflexão contida no trecho em questão. A autonomia da escola na elaboração de seu projeto político-pedagógico é ressaltada, porém, a ênfase recai sobre a indispensável preparação dos seus componentes. A formação docente emerge como peça-chave nesse intrincado tabuleiro educacional, especialmente quando se aborda temáticas complexas como a cultura africana.

A assertiva enfatiza que, mesmo se os materiais didáticos oferecerem conteúdos que abordem essa rica diversidade cultural, a efetividade desse conhecimento está intrinsecamente vinculada à preparação do educador. A lacuna em formação docente para lidar com tais temáticas é sublinhada como um ponto crucial, evidenciando que a mera presença de informações nos livros não garante uma prática pedagógica eficaz.

Além disso, a autora ressalta a importância da problematização desses conteúdos, alertando para os perigos de interpretar a cultura africana sob estereótipos simplistas de exotismo e folclorização. O chamado é para uma abordagem crítica, capaz de desvelar as complexidades e riquezas culturais, evitando visões superficiais e reducionistas.

Dessa forma, a visão da autora realça a urgência não apenas de prover conhecimento, mas de cultivar uma compreensão profunda e respeitosa das diferentes culturas. A formação docente, nesse contexto, não é apenas um processo técnico, mas uma jornada de sensibilização e conscientização, essencial para efetivar a valorização da diversidade no ambiente escolar.

## 5 A INFLUÊNCIA DAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA NA DESCONSTRUÇÃO DOS RÓTULOS SOBRE ÁFRICA

Ao abrir as páginas deste quinto capítulo, adentramos um universo literário onde as palavras transcendem fronteiras, rompendo com narrativas antiquadas e estereótipos que por muito tempo obscureceram a riqueza e complexidade do continente africano. Aqui, exploraremos com entusiasmo a influência marcante das literaturas africanas em língua portuguesa como agentes poderosos na desconstrução de rótulos simplistas e preconceitos arraigados sobre a África.

A literatura, como expressão viva das experiências e perspectivas humanas, emerge como uma ferramenta fundamental para desvendar a diversidade cultural, histórica e social desse vasto continente. Sobretudo, concentraremos nossa atenção na contribuição singular de autores que, por meio de suas obras, desafiam as representações tradicionais, oferecendo um olhar autêntico e multifacetado sobre a África. Nesse sentido, a obra de autores como Ondjaki, por exemplo, autor angolano, tem sido fundamental para romper com narrativas estereotipadas e exóticas sobre o continente. Em *Os Transparentes* (2012), Ondjaki apresenta uma Luanda realista e crítica, abordando questões como corrupção, violência e desigualdade social, além de personagens complexos e humanos que escapam dos clichês sobre a África e seus habitantes.

Nesse contexto literário, a voz marcante da escritora moçambicana Paulina Chiziane ressoa com singularidade, desafiando, mais uma vez, as teias que envolvem as representações da poligamia em África. Em sua obra, *Niketche: Uma História de Poligamia* (2004), Chiziane tece uma narrativa complexa que transcende estereótipos, revelando personagens femininas que se destacam pela força, independência e resistência em meio a um contexto social e cultural desafiador.

Ao adentrar as páginas desta obra, somos conduzidos por tramas intrincadas, onde as protagonistas não são meras vítimas das circunstâncias, mas sim agentes ativas de suas próprias histórias. Chiziane, desloca-se das representações convencionais sobre a poligamia, desvelando as complexidades das relações e empoderando suas personagens femininas a redefinirem os papéis tradicionalmente atribuídos a elas.

Como um fio habilmente entrelaçado, a narrativa de Chiziane revela nuances e matizes muitas vezes negligenciados, proporcionando uma visão mais completa e humanizada da realidade em África. A autora não apenas narra, mas questiona e subverte, desafiando não

apenas os estigmas sobre a poligamia, mas também as estruturas patriarcais que moldam as experiências das mulheres.

Na mesma linha de raciocínio, outros autores africanos, como Mário Coelho Pinto de Andrade, também enriquecem essa discussão ao oferecerem perspectivas que questionam e desafiam as concepções ocidentais sobre a África e suas populações. Em *Origens do nacionalismo angolano*, Mário Pinto de Andrade retrata em seu livro que é uma obra póstuma onde analisa de forma abrangente e aprofundada as origens do nacionalismo em África, com foco especial em Angola. Publicado após a morte do autor em 1990, o livro oferece uma perspectiva envolvente e apaixonada sobre a formação das ideias nacionalistas, destacando também a conexão com a afirmação identitária da diáspora negra nos Estados Unidos. A obra não se limita a relatar eventos históricos, mas busca ativamente contribuir para a compreensão dos movimentos nacionalistas em África, influenciando a visão contemporânea e projetando perspectivas para o futuro. Já o guineense Hélder Proença, em *Não posso adiar a palavra* (1982), desafia estereótipos ocidentais sobre a África, representando resistência à opressão colonial. Expressa a luta por um futuro diferente, confrontando visões negativas impostas pelo ocidente. Os versos simbolizam a busca pela autonomia, destacando a importância da espiritualidade própria e resistência cultural. A acumulação de forças e a conquista do futuro são chamados à afirmação da identidade africana. A narrativa busca preservar a história, desafiando visões ocidentais do passado africano e ressaltando a riqueza da experiência do continente. Em resumo, o poema é uma expressão artística poderosa que rompe estereótipos e potencializa a voz à complexidade da experiência africana.

Suas obras valorizam a diversidade cultural e a pluralidade de vozes, promovendo assim um diálogo entre culturas do mesmo continente. Em um contexto brasileiro, onde a questão racial ainda é uma realidade que precisa ser enfrentada, a leitura de autores africanos e afrodiáspóricos pode trazer uma contribuição significativa para a compreensão e valorização da cultura africana e suas múltiplas expressões.

Um trecho do livro *O Vendedor de Passados* (2004), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, exemplifica bem como as literaturas africanas em língua portuguesa podem desconstruir estereótipos e ampliar a visão sobre o continente:

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa (Agualusa. 2004, p. 13).

O trecho do livro *O Vendedor de Passados* de José Eduardo Agualusa, no contexto do nosso trabalho sobre *Escritas Silenciadas*, destaca-se a complexidade da relação entre reconhecimento editorial e a verdadeira diversidade das literaturas africanas. Enquanto o autor é mencionado como exemplo positivo, isso não invalida a crítica ao sistema editorial brasileiro que tende a destacar apenas determinadas vozes africanas. O objetivo é ressaltar que, apesar de existirem autores reconhecidos, há muitas outras vozes negligenciadas que poderiam enriquecer o panorama literário e educacional brasileiro. O uso de Agualusa, portanto, não é uma contradição, mas uma estratégia para ilustrar a necessidade de uma mudança profunda no sistema editorial e acadêmico.

Nesse trecho, Agualusa critica a forma como as pessoas são levadas a acreditar em um futuro idealizado e fictício, ignorando a realidade em que vivem. Essa crítica pode ser relacionada com a forma como o continente africano é retratado na literatura ocidental, como um local singular e originário, ignorando a complexidade e diversidade das culturas africanas.

Outro exemplo interessante é a obra *Meio Sol Amarelo* (2006), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que retrata a Guerra Civil da Nigéria e seus efeitos sobre a população. A obra desafia a narrativa dominante sobre a guerra, que a retrata como um conflito étnico, ao apresentar personagens de diferentes etnias que se unem em prol da sobrevivência e resistência.

A inclusão de obras de escritoras nigerianas, como Chimamanda Ngozi Adichie, tem por objetivo ampliar a perspectiva sobre as narrativas africanas e destacar a diversidade de vozes e experiências no continente. Ao mencionar “Meio Sol Amarelo”, por exemplo, visamos demonstrar como essa obra desafia a narrativa convencional sobre a Guerra Civil na Nigéria, evidenciando a complexidade dos conflitos e das relações interétnicas. Essa abordagem permite uma reflexão mais abrangente sobre as representações da África na literatura, além de enriquecer o debate sobre as escritas silenciadas e as vozes marginalizadas na esfera literária.

Em relação à hipersexualização e objetificação do corpo do africano, é importante questionar as narrativas que perpetuam esses estereótipos, reconhecendo a diversidade de corpos e experiências individuais e coletivas dos africanos. É necessário promover uma visão mais ampla e humanizada dos corpos africanos, que ultrapasse a lógica do exótico e do fetichizado.

No que diz respeito à questão da força de trabalho, é importante reconhecer a história de exploração e violência que os africanos foram submetidos, em especial durante o período colonial. É fundamental promover uma reflexão crítica sobre a herança colonial e a

exploração econômica que continuam a afetar o continente africano, reconhecendo as lutas e resistências dos povos africanos em busca de justiça social e econômica.

Por último, no que diz respeito à ideia estereotipada da suposta superioridade sexual atribuída aos africanos, é crucial desmontar essa narrativa preconceituosa e simplista, que se baseia em estereótipos e preconceitos. É fundamental valorizar a diversidade de experiências sexuais e afetivas dos indivíduos africanos, assim como de qualquer outro grupo humano, e questionar os estereótipos que reduzem as pessoas a traços biológicos ou culturais simplistas.

## 5.1 AUTORES AFRICANOS ESTUDADOS NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

No desdobramento das páginas que narram a riqueza e diversidade das literaturas africanas de língua portuguesa, emerge um capítulo que se propõe a iluminar o horizonte literário nos países africanos de língua oficial portuguesa. Em um intrincado mosaico de vozes e perspectivas, esta seção busca trazer à ribalta autores que, mergulhados na riqueza de suas experiências, conferem uma complexidade singular ao panorama literário dessas nações. Longe das restrições e discriminações que por vezes moldam seleções distantes de suas pluralidades, este capítulo visa lançar luz sobre uma constelação de talentos, promovendo uma apreciação mais abrangente e justa das expressões literárias que ecoam nos contextos linguísticos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, tecendo assim uma tapeçaria rica e culturalmente cheia de diversidade literária.

Ao longo da história da literatura, os movimentos literários desempenharam um papel crucial na promoção da diversidade de vozes e na reivindicação da representatividade cultural e étnica nos países em questão. No entanto, é importante observar que alguns dos principais autores estudados nessas correntes literárias, ativistas e literatos nos países em foco não são necessariamente os mesmos autores abordados nos currículos escolares e universitários. Isso se deve, em grande parte, a questões de representatividade e à forma como esses autores são percebidos em relação à identidade nacional e cultural.

Tomemos o exemplo de Guiné-Bissau, onde é comum ouvir-se o ditado “Nem na Guiné se estuda literatura guineense”. Esse fenômeno reflete uma lacuna na valorização e disseminação da produção literária local, muitas vezes obscurecida por influências externas ou relegada a um segundo plano em detrimento de obras de autores estrangeiros. Os movimentos literários surgem como uma tentativa de resgatar e promover a literatura

guineense na perspectiva guineense, destacando a importância de valorizar e celebrar a própria identidade cultural e narrativas locais.

O mesmo fenômeno pode ser observado em Angola, onde os movimentos literários e influenciadores literários ganharam destaque significativo entre 2022 e 2024. Esse período testemunhou um crescimento considerável na produção e no reconhecimento da literatura angolana contemporânea. Autores como Agostinho Neto, Ondjaki e Pepetela, cujas obras são muito estudadas nas instituições e têm menos estudos dentre os movimentos literários que se levantaram até o ano da nossa pesquisa, autores não muito explorados como Lopito Feijó, Kanguimbu Ananaz entre outros emergiram como figuras proeminentes nos estudos literários. Isso resultou em uma reconsideração das referências tradicionais utilizadas nas instituições de ensino, levando a uma diversificação dos autores estudados no território nacional em comparação com aqueles estudados no exterior.

Em Moçambique, nota-se uma crescente valorização dos autores locais, como Mia Couto, Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa, especialmente nos grupos de estudos sobre literatura moçambicana. Recentemente, Paulina Chiziane tem recebido destaque, possivelmente devido a uma premiação recente. As referências dos autores estudados têm sido moldadas de acordo com sua representação na sociedade moçambicana, proporcionando uma visão singular das experiências locais e africanas. Esses autores, juntamente com outros, têm sido alvo de estudo e análise no contexto acadêmico e literário do país, contribuindo para uma compreensão mais profunda e rica da diversidade cultural e histórica moçambicana.

Por fim, em Cabo Verde, autores como Arménio Vieira e Germano Almeida desempenham um papel fundamental na construção e na representação da identidade cabo-verdiana através da literatura. Suas obras são amplamente valorizadas e estudadas, tanto dentro como fora do país, evidenciando o impacto e a relevância da literatura cabo-verdiana no cenário literário africano e global.

Com isso, queremos dizer que, os movimentos literários nos países descritos refletem um esforço contínuo para redefinir e ampliar as narrativas e representações culturais locais, desafiando as normas estabelecidas e promovendo a diversidade e a autenticidade das vozes africanas na literatura.

Entretanto, é crucial observar que vários desses autores não recebem a mesma atenção nos estudos acadêmicos brasileiros, uma discrepância que pode variar significativamente entre instituições. Enquanto em universidades como PUC MG e USP esses autores podem ser objeto de análise mais frequente, é imperativo situar geograficamente essa discussão, especialmente considerando a abordagem específica de algumas universidades na Bahia, que

se torna um ponto focal relevante no nosso trabalho. Essa disparidade na abordagem acadêmica destaca a necessidade de uma análise mais aprofundada das dinâmicas regionais que influenciam a seleção e estudo desses autores em território brasileiro.

Isso pode ser observado em um estudo realizado por Paradiso e Sousa, intitulado *As literaturas africanas de língua portuguesa nos currículos de letras das universidades federais brasileiras (2021)* autora analisou os currículos de ensino médio de escolas públicas e privadas em São Paulo e Rio de Janeiro e constatou que autores como Pepetela e Mia Couto são frequentemente estudados, enquanto autores como Abdulai Sila e Ondjaki são pouco conhecidos.

Segundo Mafalda Leite (2013), os desafios do ensino superior em relação à interdisciplinaridade na literatura contribuem para o debate sobre a inclusão de autores/as africanos/as de língua portuguesa nos programas de literatura do ensino superior, promovendo uma visão mais ampla e interdisciplinar da área. A autora analisa a presença de autores/as africanos/as de língua portuguesa nos programas de literatura do ensino superior em Portugal e constata que há uma seleção restrita de autores, com Mia Couto e Pepetela sendo os autores mais estudados.

A escolha limitada de autores africanos de língua portuguesa formados no Brasil e em Portugal suscita preocupações, por isso, é importante ampliar a seleção de autores estudados, valorizando a diversidade e a pluralidade de vozes das literaturas africanas de língua portuguesa. Isso só será possível por meio de uma abertura para a leitura de novos autores, o que pode enriquecer muito o debate literário e promover uma maior compreensão da cultura africana.

O trabalho *O Ensino de História Africana: a presença da África nos manuais escolares brasileiros e portugueses (1990-2004)* (OLIVA. 2006), discute a presença de autores africanos nos currículos de ensino de literatura em Portugal e Brasil. O estudo comparativo mostra que Portugal apresenta uma maior presença de autores africanos em seus currículos de ensino em comparação ao Brasil.

## 5.2 EXPLORANDO A DIVERSIDADE DA AUTORIA AFRICANA EM LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA: NACIONALIDADE, PUBLICAÇÃO NO BRASIL E O PAPEL DAS PEQUENAS EDITORAS

As literaturas africanas de língua portuguesa são um campo vasto e diverso, composto por escritores de diferentes nacionalidades, com experiências e perspectivas únicas. Neste



tópico, faremos uma apresentação dos autores africanos em LP por nacionalidade, publicação no Brasil e editoras, com o objetivo de destacar a diversidade e riqueza dessa produção literária, ainda pouco difundida no Brasil e o papel importante das pequenas editoras ou editoras independentes nessa divulgação.

As literaturas africanas de língua portuguesa tiveram sua origem nas lutas de libertação colonial, quando os escritores usavam a palavra escrita como uma forma de resistência e afirmação da identidade africana. Com o passar do tempo, a literaturas africanas de língua portuguesa se consolidaram como um espaço de reflexão e crítica social, abordando temas como o racismo, a desigualdade social e a luta pelos direitos humanos.

A seguir, apresentamos uma breve tabela de autores africanos de língua portuguesa, listando seus nomes, nacionalidades, editoras de publicação no Brasil ou no exterior, obras publicadas por essas editoras e se o autor/a teve alguma obra publicada no Brasil. Essa tabela visa fornecer uma visão geral dos autores que são publicados no Brasil e destacar quantos deles permanecem invisíveis aos olhos das academias e dos livros didáticos.

Serão apresentadas 5 tabelas organizadas por cada nacionalidades que compõem os países em estudo do nosso trabalho.

**Quadro 3 - Publicações por país, autoria, local, obra e editora de origem da obra**

PAÍS	AUTOR/A	PUBLICADOS NO BRASIL	OBRA	EDITORIA
ANGOLA	1. Jofre Rocha 2. João Melo 3. Ana Paula Tavares 4. Boaventura Cardoso 5. Arnaldo Santos 6. Manuel Rui 7. José Eduardo Agualusa 8. Lopito Feijó 9. Ondjaki 10. Agostinho Neto 11. Castro Soromenho 12. Uanhenga Xitu 13. Maria Celestina Fernandes 14. António Quino 15. Aida Gomes 16. Amélia Dalomba 17. Kalaf Epalanga 18. Pau de Cabinda 19. José Francisco Rica 20. Jardo Muekalia 21. Adriano Parreira 22. Conceição Santos 23. Yara Monteiro 24. João Maimona 25. Alda Lara 26. Ruy Duarte de Carvalho 27. Isabel Ferreira 28. João Bernardo de Miranda 29. Mário Pinto de Andrade 30. Marcolino José Carlos Moco	1. Sim 2. Sim 3. Sim 4. Sim 5. Sim 6. Sim 7. Sim 8. Sim 9. Sim 10. Sim 11. Sim 12. Sim 13. Sim 14. Sim 15. Sim 16. Sim 17. Sim 18. Sim 19. Sim 20. Não 21. Não 22. Não 23. Não 24. Não 25. Não 26. Não 27. Não 28. Não 29. Não 30. Não	1. OSabor da Palavra 2. Luanda 3. Meretrizes 4. O Sangue da Buganvilia 5. Os Cadernos de Kuanza Norte 6. Essa Terra é Minha 7. Quando as Girafas Beijarem o Céu 8. Teoria Geral do Esquecimento 9. Poemas de Amor e de Morte 10. Bom Dia Camaradas 11. Sagrada Esperança 12. Luanda e Outros Poemas 13. Mestre Tamoda 14. Kalimba 15. Republica do Vírus 16. Uma Mulher Ao Relento 17. Também os brancos sabem dançar 18. Bailer books 19. Angola, Missão (Im)Possível 20. Angola, a segunda revolução 21. Dicionário de etnologia angolana 22. Sabores de Angola 23. Essa dama bate bwé 24. Trajectória obliterada 25. Tempo de chuva 26. Ondula, Savana Branca 27. Remando Daqui 28. Nambuagongo 29. Origens do nacionalismo angolano 30. Angola	1. Editora Ática 2. Kapulana, Companhia da Letras 3. Urutau, Record 4. Pallas 5. Kapulana 6. Gryphus 7. Foz 8. Companhia das Letras 9. Kapulana 10. Malê 11. Funilaria 12. Chiado Editora 13. Dom quixote 14. Todavia 15. Alende - Edições 16. Funilaria 17. Garamond 18. Psicose 19. Caminhos 20. Sextante Editora (chancela) 21. Todavia 22. Oficina Do Livro 23. Porto Editora 24. Livraria atlantico 25. Todavia 26. Kilombelombe 27. APPACDM Distrital de Braga 28. Chiado Editorial 29. Fósforo 30. Chiado Editorial
CABO-VERDE				
MOÇAMBIQUE				
GUINÉ-BISSAU				
SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE				

● País apresentando seus autores ○ Outros países

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 4** - Publicações por país, autoria, local, obra e editora de origem da obra.

PAÍS	AUTOR/A	PUBLICADOS NO BRASIL	OBRA	EDITORA
ANGOLA	1. Germano Almeida	1. Não	1. O Meu Poeta	1. Caminho
CABO-VERDE	2. Corsino Fortes	2. Não	2. Selected Poems of Corsino Fortes	2. Archipelago
MOÇAMBIQUE	3. Arménio Vieira:	3. Sim	3. Safras de um Triste Outono	3. Casa Brasileira de Livros
GUINÉ-BISSAU	4. Orlanda Amarílis	4. Sim	4. Soncente. Racconti d'oltremare	4. Aleph
SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE	5. Dina Salústio	5. Não	5. The Madwoman of Serrano	5. Dedalus Ebooks
	6. Baltasar Lopes	6. Não	6. Chiquinho	6. Morabeza Verlag
	7. Vera Duarte	7. Não	7. O arquipélago da paixão	7. Artiletra
	8. André Álvares de Almada	8. Não	8. Notice sur André Alvarez d'Almada Et Sa Description de la Guinée	8. Forgotten Books
	9. Artur Augusto da Silva	9. Não	9. E o poeta pegou num pedaço de papel e escreveu	9. Instituto Camões
	10. Corsino Fortes	10. Não	10. Selected Poems of Corsino Fortes	10. Archipelago
	11. Silvino Lopes Évora	11. Não	11. Introdução ao Estudo das Leis: Codificação e Técnicas Legislativas	11. ISE Editorial
	12. António Aurélio Gonçalves	12. Não	12. Noite de vento	12. ICL
	13. Ivone Ramos	13. Não	13. Mambia tita contá história na criol	13. Children'sStoryBok
	14. José Lopes da Silva	14. Não	14. A Percepção Católica acerca do final dos tempos	14. Editora Baraúna
	15. Mesquitela Lima	15. Não	15. Antropologia do Simbólico	15. Presença
	16. Onésimo Silveira	16. Não	16. A Saga das as - Cegas e das Graças de Nossenhör	16. Europa - América
	17. Yara dos Santos	17. Não	17. Conversa aberta com um jovem relações públicas	17. Edição do autor
	18. Yolanda Morazzo	18. Sim	18. Poesia Completa 1954 - 2004	18. imprensa nacional
	19. João Vário	19. Não	19. Exemplos	19. Pequena tiragem Edição

● País apresentando seus autores ○ Outros países

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 5** - Publicações por país, autoria, local, obra e editora de origem da obra.

PAÍS	AUTOR/A	PUBLICADOS NO BRASIL	OBRA	EDITORA
ANGOLA	1. Ungulani Ba KaKhosa 2. José Craveirinha 3. Lília Mompilé 4. Noemia de Sousa 5. Calane da Silva 6. Rui Knopfli 7. Ruí Noggar 8. João Paulo Borges Coelho 9. Fátima Langa 10. Hirondina Joshua 11. Dany Wambire 12. Raul calane da Silva 13. Aldino Muianga 14. Eduardo Mondlane 15. Bernardo Honwana 16. Isabela Figueiredo 17. Sangare Okapi 18. Mbate Pedro 19. Lucílio Mantaje 20. Suleiman Cassamo 21. Marcelo Panguana 22. Albino Magaia 23. Adelino Timóteo 24. Armando Artur 25. Eusébio Sajane 26. Herodina Joshua 27. José Albazine 28. Jofredino Faife 29. Juvenal Bucuane 30. Luís Carlos Patraquim 31. Ruí de Noronha 32. Ruí Guerra 33. Marcelino dos Santos 34. Helder Muteia 35. Gulamo Khan	1. sim 2. Não 3. Não 4. sim 5. Não 6. Sim 7. Não 8. Sim 9. Não 10. Não 11. Sim 12. Não 13. Sim 14. Não 15. Sim 16. Sim 17. Sim 18. Sim 19. Sim 20. Sim 21. Não 22. Não 23. Sim 24. Não 25. Não 26. Não 27. Não 28. Não 29. Não 30. Sim 31. Não 32. Sim 33. Não 34. Não 35. Não	1. .JALALAPI 2. poeta de Moçambique 3. Neighbours 4. Sangue Negro 5. Gotas de Sol 6. Poetas de Moçambique 7. Silêncio escancarado 8. MUSEU DA REVOLUÇÃO 9. O Menino e a Raposa 10. A Estranheza Fora da Página 11. A mulher sobressalente 12. Gotas de Sol 13. Asas quebradas 14. Eduardo Mondlane 15. Nós matamos o Cão Tinhoso 16. Um cão no meio do caminho 17. Mesmos Barcos 18. Vácuos 19. Rabbhia 20. O regresso do morto 21. TREVAS DO INDICO Moçambique 22. Cemitério dos pássaros 24. No coração da noite 25. Rosas e Lágrimas 26. A estranheza fora da página 27. à procura de saúde 28. Filha de um Deus menor 29. Meu Mar 30. O Cão na Margem 31. Por eu amar-te tanto 32. Paixão escancarada 33. Whispers of Shadows 34. Nhambaro 35. Moçambicanto	1. Kapulana 2. OAVUP - Université de Poitiers 3. Penguin Books 4. Kapulana 5. CIEDIMAMalê 6. UFMG 7. Edições 70 8. Kapulana 9. Alcanse Editores 10. Edições Humus 11. Editora Malê 12. CIEDIMA 13. Kapulana 14. Panaf Books Limited 15. Kapulana 16. Todavia 17. Kapulana 18. CEPE Editora 19. Kapulana 20. Kapulana 21. topgrafica 22. Ndjira 23. Kapulana 24. Texto Editores 25. Ndjira 26. Húmus 27. Alcanse editores 28. AEM 29. Createspace Independent Publishing Platform 30. Kapulana 31. Gala-Gala 32. Boitempo 33. Alcanse editores 34. AEM 35. AEM
CABO-VERDE				
MOÇAMBIQUE				
GUINÉ-BISSAU				
SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE				

● País apresentando seus autores ○ Outros países

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 6 -** Publicações por país, autoria, local, obra e editora de origem da obra

PAÍS	AUTOR/A	PUBLICADOS NO BRASIL	OBRA	EDITORA
ANGOLA	1. Umakatcheda	1. sim	1. Umakatcheda	1. Viseu
	2. Odete Semedo	2. sim	2. Guiné-Bissau – Historia, Culturas, Sociedade E Literatura	2. Globinho
	3. Eliseu Banori	3. sim	3. Djarama: Obrigado	3. ICL
	4. António Aurélio Gonçalves	4. Não	4. Noite de vento	4. Rosa de Porcelana
	5. Iva Cabral	5. Não	5. Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena	5. Ku Si Mon Editora
	6. Marinho de Pina	6. Não	6. Ema vem todos os anos	6. SciELO – EDUFBA
CABO-VERDE	7. Patrícia Godinho Gomes	7. Sim	7. Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico	7. INEP
	8. António Costa	8. Não	8. cantigas de mandjuandadi	8. Editora Sã da Costa
	9. Hélder Proença	9. Não	9. Não posso adiar a palavra	9. Poética Edições
	10. Francisco Conduto de Pina	10. Sim	10. Onde Outros Somos Todos	10. Anthem Press
	11. Agnelo Augusto Regalla	11. Não	11. Lusophone African Short Stories and Poetry After Independence	11. LISBOA TINTA-DA-CHINA MMXX
MOÇAMBIQUE	12. Carlos Lopes	12. não	12. ÁFRICA EM TRANSFORMAÇÃO	12. Caminho
	13. Filinto de Barros	13. Não	13. Kikia matcho	13. Edições Minerva
	14. Julião Soares Sousa	14. Não	14. Amílcar Cabral (1924–1973)	14. Amazon Digital Services
	15. Amadú Dafé	15. Sim	15. A Cidade Que Tudo Devorou	15. Chiado Editorial
GUINÉ-BISSAU	16. Fernando Antunes	16. Não	16. O Tempo	16. Almedina
	17. Emilio Kafft Kosta	17. Sim	17. Legislação Económica da Guiné-Bissau	17. EdUFMT
	18. Lourenço Ocuni Cá	18. Não	18. políticas públicas e gestão educacional	18. Poética Edições
	19. Francisco Conduto de Pina	19. Não	19. Onde Outros Somos Todos	19. Chiado Editora
	20. Geraldo Martins	20. Não	20. Mil pedaços de amor	20. Edizioni Sapienza
SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE	21. Policarpo Gomes Caomique	21. Não	21. Perfezione imperfetta: Verso una visione eterodossa dello sviluppo in Africa	

● País apresentando seus autores    ○ Outros países

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 7** - Publicações por país, autoria, local, obra e editora de origem da obra

País	Autoria	Local	Obra	Editora
ANGOLA	1. Conceição Lima	1. sim	1. A dolorosa raiz do Micondó	1. Geração editoria
CABO-VERDE	2. Olinda Beja	2. sim	2. Chá do príncipe	2. Ímã Editoria
MOÇAMBIQUE	3. Francisco José Tenreiro	3. Não	3. As Múltiplas Faces de um Intelectual	3. Livraria Escolar
GUINÉ-BISSAU	4. Orlando Piedade	4. não	4. Escravos e homens livres	4. Edições Colibri
SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE	5. Maria Manuela Margarido	5. não	5. Alto como o silêncio	5. Europa-América
	6. Albertino Bragança	6. Sim	6. Editora Melhoramentos	6. Corsário Satã
	7. Alda Espírito Santo	7. Sim	7. É nosso o solo sagrado da terra	7. Ulmeiro
	8. Tomaz Medeiros	8. Não	8. Quando os cucumbas cantam	8. Althum.com
	9. Olinda Beja	9. sim	9. Chá do príncipe	9. Althum.com
	10. José Sobral Negreiros	10. Não	10. Poesia É Criação	10. Ateliê Editorial
	11. Joaquim Rafael Branco	11. Não	11. Makuta	11. UNEAS
	12. Marcelo da Veiga	12. não	12. O canto do Ossóbó	12. Editora melhoramento
	13. Joaquim Rafael Branco	13. Sim	13. Articles On Political Parties In São Tomé And Príncipe, including:	13. ALAC
	14. Carlos Espírito Santo	14. Não	14. Escritos	14. Hephaestus Books
				15. Colibri

● País apresentando seus autores    ○ Outros países

Fonte: elaboração própria.

A listagem apresentada neste estudo foi realizada com base nas obras produzidas pelos autores e autoras publicadas no Brasil ou que, até então, permanecem desconhecidos do mercado editorial brasileiro. É preciso ressaltar que essa seleção não tem caráter exaustivo e há uma vasta produção literária africana de língua portuguesa que merece ser explorada e divulgada. Diante disso, é imprescindível que a academia abra espaço para a inclusão de obras e autores que foram marginalizados e subalternizados e, ao mesmo tempo, ampliará o horizonte do conhecimento literário e cultural das comunidades acadêmicas. Nesse sentido, a valorização da diversidade de autores e obras nas instituições de ensino e pesquisa é uma atitude fundamental para a promoção de uma educação mais plural e inclusiva, que respeite e celebre a riqueza da produção literária de diferentes povos e culturas. Em contraponto, o

acesso a obras que não são publicadas no Brasil é difícil e compromete a divulgação de vários autores/as africanos/as.

Ao incluir em sua grade curricular obras produzidas por autores e autoras africanos de língua portuguesa, as escolas e universidades promovem a valorização de vozes que por muito tempo foram silenciadas e marginalizadas, contribuindo para a ampliação do horizonte do conhecimento literário e cultural das comunidades acadêmicas.

### 5.3 AUTORES AFRICANOS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP) ESTUDADOS NO BRASIL

No contexto da pesquisa sobre autores africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) estudados no Brasil, é relevante abordar a escolha da terminologia. Reconhecemos que o termo PALOP pode gerar diferentes interpretações e perspectivas, sendo que algumas pesquisadoras preferem alternativas como Os 5 ou grupo dos 5. Respeitamos plenamente essas visões divergentes e entendemos a importância do diálogo sobre a terminologia utilizada.

Optamos por manter o termo PALOP<sup>11</sup> em nossa pesquisa com o intuito de alinhar-se à linguagem já estabelecida na literatura especializada e garantir a compreensão imediata do grupo de países em foco, que inclui Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Ressaltamos que essa escolha não pretende desconsiderar outras perspectivas, mas visa a uma comunicação clara e eficaz do escopo geográfico e linguístico do estudo.

Sobre a questão da efervescência das literaturas de língua portuguesa na África, é relevante considerar o estudo de Fonseca e Moreira (2017), que contextualiza esse fenômeno como resultado de um intrincado processo de assimilação e despertar consciente nas ex-colônias, especialmente nas décadas de 40 e 50 do século XIX. Nesse contexto, o *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, apesar de sua modéstia, emerge como um repositório singular,

---

<sup>11</sup> Ao adotar a sigla "PALOP" para se referir aos países africanos de língua oficial portuguesa, destaca-se a importância da língua em comum, o português, reconhecendo simultaneamente a riqueza das variações linguísticas presentes em cada nação. Essa escolha evidencia não apenas a conexão linguística, mas também valoriza a diversidade intrínseca dos diferentes modos de expressar a língua portuguesa nos países em questão. Ao contrastar com a designação "CINCO", evidencia-se que este termo não engloba outro país africano que também tem o português como uma das línguas oficiais e faz parte da CPLP, como é o caso da Guiné Equatorial. A preferência pela sigla "PALOP" se justifica, pois ela abrange todos os países em questão, ou até mesmo os que poderão ter o português como língua oficial no futuro. Portanto, ao escolher "PALOP", não apenas se reconhece a conexão pela língua portuguesa, mas também se reconhece a potencial inclusão de outros países, ampliando a abrangência para além do grupo inicialmente mencionado como "os CINCO".

abarcando tanto influências europeias quanto preciosas amostras dos costumes tradicionais africanos.

Os escritores africanos, durante o domínio colonial, enfrentavam uma dualidade inescapável entre as sociedades coloniais e africanas. Essa tensão, essencial para compreender suas narrativas, ecoa na utilização da língua portuguesa, tornando-os verdadeiros homens-de-dois-mundos. Manuel Ferreira, ao desdobrar as fases dessa complexa relação, desde a alienação cultural até a produção em liberdade após a independência nacional, traça uma jornada literária marcada por resistência e busca identitária.

Patrick Chabal (1994), complementa essa análise, destacando quatro fases abrangentes que perpassam desde a assimilação até a consolidação do trabalho literário na contemporaneidade. A riqueza dessas literaturas, consideradas nos grandes momentos de ruptura e nos marcos históricos, desvela uma teia de resistência, resiliência e um constante diálogo entre presente e passado na construção incessante de uma África que se renova perpetuamente.

Ao traçarmos este panorama, não buscamos apenas revelar a trajetória dos PALOP, mas também reconhecer a pertinência dessas obras para o cenário acadêmico brasileiro. Este capítulo se propõe a mergulhar nas nuances temporais, culturais e poéticas, desafiando fronteiras e desvelando a complexidade dessas narrativas muitas vezes sussurradas, mas ricas em significados que transcendem o tempo e o espaço.

É importante ressaltar que a presença dos autores africanos de língua portuguesa no Brasil está diretamente relacionada à história de colonização e exploração que o país compartilha com os países africanos de língua portuguesa. Com a independência desses países, a literatura desses autores passou a ser vista como uma forma de se reconstruir a identidade e a cultura dessas nações, além de combater a imagem estereotipada que havia sido criada pelos colonizadores.

A presença notável dos autores africanos nos círculos literários brasileiros, inicialmente permeada pela influência da literatura portuguesa, revela-se por meio de um rastreamento atento das traduções e publicações ao longo das décadas. O fenômeno, impulsionado pelo interesse crescente nas literaturas africanas, estabeleceu uma ponte literária entre o Brasil e os PALOP, enriquecendo o panorama literário brasileiro com narrativas oriundas do continente africano. (Araújo; Nóbrega. 2024)

Os registros de traduções, lançamentos editoriais e a circulação de obras desses autores africanos nas principais livrarias brasileiras corroboram essa constatação. A análise



bibliográfica revela uma presença consistente de Mia Couto, Pepetela, José Luandino Vieira, Paulina Chiziane e Ondjaki nas prateleiras e currículos acadêmicos do Brasil.

Além disso, a consolidação desses autores nos programas de ensino, eventos literários e produções acadêmicas, como teses e artigos, é um indicativo concreto desse intercâmbio literário. A interseção entre a literatura africana e o contexto acadêmico brasileiro é, portanto, fundamentada em práticas tangíveis que refletem a assimilação e apreciação dessas obras pelos leitores e estudiosos brasileiros.

No entanto, é importante destacar que a seleção desses autores em detrimento de outros é uma questão que merece ser problematizada. Muitos outros autores africanos de língua portuguesa, como os cabo-verdianos Arménio Vieira e Germano Almeida, têm recebido reconhecimento mundial e merecem ser estudados e divulgados no Brasil.

Sobre a forma de difusão dessas literaturas no Brasil, podemos destacar a importância das editoras independentes e das iniciativas governamentais, como o Programa de Apoio à edição e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior (PETRA). Além disso, a presença desses autores em eventos literários, como a Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), também tem contribuído para a difusão dessas literaturas no país.

A obra de Achille Mbembe é amplamente reconhecida como uma contribuição significativa para os estudos africanos e pós-coloniais. Em sua obra *Crítica da Razão Negra* (2018), Mbembe aborda as questões raciais e de colonialidade presentes na sociedade contemporânea, discutindo a forma como a negritude foi historicamente construída e moldada pelo poder colonial.

A África era algo que os negros da América e do Caribe precisavam aprender a conhecer - e, em primeira linha, na forma de uma disputa.<sup>63</sup> A maioria dos pensadores negros da época reivindicava tanto sua africanidade quanto sua americanidade. Bem menos numerosos eram os que buscavam uma secessão.<sup>64</sup> Constituindo uma minoria indesejável em seu país de nascimento, os negros dos Estados Unidos pertenciam a um nós americano, a uma subcultura ao mesmo tempo fundamentalmente americana e Zúmpen-atlântica. Daí o motivo da dupla consciência, que, em autores como Ralph Ellison, pode chegar à recusa em reconhecer mesmo a mais mínima filiação africana. (Mbembe, 2018, p.56-57).

A citação de Mbembe (2018) evidencia a complexidade da identidade negra, especialmente no contexto das diásporas africanas nas Américas e no Caribe. O conceito de dupla consciência, explorado por Mbembe, como exemplificado por autores como Ralph Ellison, ressalta a tensão vivida pelos negros, que, embora pertencentes a uma nação específica, também se veem inseridos em uma subcultura fundamentalmente ligada à diáspora africana. Essa reflexão, ao ser aplicada ao contexto brasileiro, revela-se crucial para uma

análise crítica da recepção e estudo de autores africanos de língua portuguesa no país. A dualidade identitária mencionada por Mbembe sugere a necessidade de uma abordagem mais ampla e sensível, livre de estereótipos e preconceitos coloniais.

Ao dialogarmos entre os textos de Mbembe e da professora Fonseca e Moreira, mergulhamos nas profundezas da complexa relação entre a identidade negra e a produção literária nas literaturas africanas de língua portuguesa. Mbembe, em sua *Crítica da Razão Negra*, desconstrói a construção histórica da razão negra, um sistema erudito de narrativas e discursos que codifica as condições de emergência do sujeito racial negro. A passagem de Mbembe (2018), destaca a metamorfose do termo negro, desde sua origem ibérica até sua consolidação no século XVIII, como uma fantasmagoria que sobreviveu como invólucro exterior.

Essa casca calcificada, essa segunda ontologia que corroeu a vida, o trabalho e a linguagem das pessoas de origem africana, revela não apenas uma questão linguística, mas uma problemática profunda que permeou a percepção ocidental do negro. Portanto, a análise fenomenológica de Mbembe ecoa nas reflexões críticas propostas pela professora Fonseca e Moreira, instigando uma reflexão mais profunda sobre como as instituições acadêmicas no Brasil podem promover uma abordagem mais justa e inclusiva das literaturas africanas de língua portuguesa.

A obra *Crítica da Razão Negra* (2018) serve como elo para a reflexão proposta por Fonseca e Moreira (2007), em *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (2007) acerca das literaturas africanas no contexto da língua portuguesa. O surgimento dessas expressões literárias decorre de um intrincado processo de assimilação e conscientização, delineando a tensão existente entre a sociedade colonial e a sociedade africana. O escritor africano, imerso na dualidade desses dois mundos, transmite essa complexidade por meio de sua produção literária, configurando-se como um homem-de-dois-mundos.

A análise de Fonseca e Moreira (2007), com base nas fases propostas por Manuel Ferreira e Patrick Chabal, lança luz sobre a evolução das literaturas africanas de língua portuguesa. Desde a fase inicial de assimilação, passando pela resistência, desalienação até a consolidação pós-independência, os escritores africanos transitam por um complexo campo de influências, buscando uma identidade cultural e nacional.

Neste diálogo acadêmico, podemos enxergar a convergência das análises de Mbembe e Fonseca e Moreira. A *razão Negra* delineada por Mbembe permeia não apenas a percepção cultural, mas também a linguagem literária. Os escritores africanos, imersos na dinâmica entre o colonizador e o colonizado, carregam consigo o peso dessa razão negra, transformando-a

em palavras, resistência e, eventualmente, na construção de uma identidade renovada para a África.

A compreensão das literaturas africanas de língua portuguesa, como proposta por Fonseca e Moreira (2007), ganha uma dimensão mais profunda quando vista à luz da análise de Mbembe. A literatura não é apenas um reflexo da sociedade; é um ato de resistência contra a razão negra historicamente imposta. Este diálogo entre as perspectivas de Mbembe e Fonseca e Moreira (2007), proporciona uma compreensão rica das complexidades entrelaçadas na narrativa literária africana.

## 6 AUTORES AFRICANOS, NACIONALIDADE E OBRAS NOS MANUAIS ESCOLARES BRASILEIROS

A presente análise visa abordar uma questão de significativa relevância no âmbito das literaturas africanas presentes nos manuais escolares brasileiros. A predominância de autores brancos e homens nos cânones literários brasileiros que englobam essas produções literárias tem sido objeto de discussões substanciais. No entanto, é importante ressaltar que o conceito de cânone literário no contexto brasileiro pode diferir daquele aplicado às literaturas africanas, cujas referências e parâmetros são estabelecidos, em grande parte, pelo mercado editorial. Essa tendência configura-se como um cânone que estabelece uma seleção muitas vezes restrita e pouco diversificada de obras e autores, perpetuando a marginalização e invisibilidade de diversas produções literárias de autores negros e negras.

Nesse contexto, propomos uma análise aprofundada desta problemática, visando compreender de que maneira a prevalência de autores brancos e homens nas seleções literárias das literaturas africanas no Brasil impacta a seleção e valorização de obras e autores negros e negras. Destaca-se a necessidade de evidenciar exemplos concretos que ilustrem essa desigualdade presente nos manuais escolares, uma vez que a análise de um único ponto pode ser insuficiente para sustentar argumentos em uma tese.

Assim, ao longo deste capítulo, será empreendida uma investigação minuciosa, examinando como essa situação desigual pode ser enfrentada e, possivelmente, superada. Para tanto, serão apresentados casos concretos que evidenciem a predominância mencionada, exemplificando de que maneira essa questão se manifesta na prática. Através dessas análises específicas, almejamos oferecer uma contribuição substancial para o debate acadêmico sobre a representatividade nas literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros.

Por exemplo, a escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, ao discorrer sobre o seu livro *Um defeito de cor* (2006), aponta para a invisibilidade e o silenciamento de muitas produções literárias de autores negros e negras no Brasil, incluindo as literaturas africanas. Ela destaca que essas literaturas muitas vezes são vistas como exóticas e folclóricas, e que isso acaba por limitar a seleção e valorização de obras e autores negros e negras.

“O mito da democracia racial é a cortada perfeita para que se continue a negligenciar e silenciar as vozes que se insurgem contra as injustiças sociais e raciais, e a perpetuar a invisibilidade de autores negros e negras na literatura brasileira”. (Gonçalves, 2006, p. 95)

Isso demonstra como a crença na democracia racial pode contribuir para a marginalização das produções literárias de autores negros e negras, incluindo as literaturas africanas, e destaca a importância de se romper com esse mito para se promover uma compreensão mais inclusiva e diversa dessas literaturas.

No seu trabalho intitulado *Crítica acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: um estudo de teses produzidas no período de 2013 a 2017, de (2020)* a pesquisadora Eni Alves Rodrigues destaca a ausência de representação dos escritores africanos nos livros didáticos em Portugal, apontando para uma visão restrita de que apenas autores consagrados como Pepetela, Agualusa, Mia Couto e Paulina Chiziane são reconhecidos representantes das literaturas africanas de língua portuguesa.

A autora argumenta que, embora haja uma maior diversidade de autores e obras de literaturas africanas de língua portuguesa disponíveis no mercado editorial brasileiro, a seleção desses autores ainda é limitada, com os mesmos nomes sendo frequentemente mencionados em detrimento de outros escritores africanos.

Fica clara a necessidade de se verificar a possibilidade de parcerias institucionais para se ampliarem as fontes de estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e para se contemplar a diversidade autoral em estudos acadêmicos. [...] Embora concordemos com a existência do viés epistemológico eurocêntrico dos primeiros estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, produzidos no Brasil, devemos constatar o avanço das pesquisas desenvolvidas com o auxílio de vertentes estéticas mais abarcadoras das nuances culturais dos países africanos colonizados por Portugal e, também, o fato de esses estudos terem contribuído para o questionamento da visão dessas literaturas como exóticas. É importante ressaltar, nos estudos de obras das literaturas africanas de língua portuguesa, o caráter combativo ao colonialismo e questionador de feições harmonizadoras de projetos de nação, ainda que, muitas vezes, não seja destacado o modo como textos e obras eram criados como artefato literário, com um trabalho estético particular. (Rodrigues. 2020. p. 125-18)

Rodrigues (2020) destaca a relevância de estabelecer parcerias institucionais como meio de enriquecer as fontes de estudo sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, ressaltando a necessidade de ampliar a abrangência de autores contemplados em estudos acadêmicos. Essa perspectiva ressoa com a busca por uma representação mais equitativa e plural nas pesquisas, confrontando o viés eurocêntrico que historicamente permeou os estudos literários africanos no Brasil. A base da nossa escrita fundamenta-se na citação de Rodrigues (2020), enfatizando a importância de estabelecer parcerias institucionais para enriquecer as fontes de estudo sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e ampliar a abrangência de autores contemplados em estudos acadêmicos. Essa afirmação é respaldada pela necessidade de confrontar o viés eurocêntrico que historicamente permeou os estudos literários africanos

no Brasil. Ao incorporar essa citação específica, embasaremos academicamente nosso argumento, contribuindo para a solidez e credibilidade do texto.

Ao reconhecer o avanço das pesquisas, a autora enfatiza o papel crucial das vertentes estéticas mais abrangentes, capazes de capturar as variantes culturais dos países africanos colonizados por Portugal. Isso sugere uma evolução na abordagem acadêmica, afastando-se da visão exótica e adentrando uma compreensão mais sofisticada e contextualizada das literaturas em questão. A menção à resistência ao colonialismo e à crítica a projetos de nação harmonizadores destaca a dimensão combativa presente nas obras das literaturas africanas de língua portuguesa. A reflexão sobre o modo como essas obras são criadas como artefatos literários, com um trabalho estético distinto, traz uma dimensão apreciativa à discussão, realçando a importância de reconhecer não apenas o conteúdo político, mas também a expressão artística intrínseca a essas produções.

Portanto, a citação de Rodrigues (2020) reflete uma abordagem crítica que busca não apenas identificar os desafios e vieses passados, mas também reconhecer os progressos realizados nas pesquisas acadêmicas sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, oferecendo uma perspectiva reflexiva e propositiva para futuras investigações.

No entanto, embora o mercado editorial brasileiro possa ter suas falhas em termos de representação, Rodrigues (2020), destaca que o mercado editorial português é também restrito, com poucos autores africanos tendo seus trabalhos publicados em Portugal e, conseqüentemente, pouca representação desses escritos nos manuais escolares portugueses.

Uma explicação possível para essa disparidade poderia ser encontrada nas próprias estruturas coloniais e pós-coloniais que moldaram esses dois países. Portugal teve um papel muito mais direto na colonização e exploração dos territórios africanos do que o Brasil, o que pode ter criado uma barreira cultural e linguística para a aceitação de escritos africanos na literatura portuguesa.

Além disso, as políticas editoriais e culturais em Portugal podem ser menos inclusivas em relação aos autores africanos, uma vez que as editoras portuguesas são mais propensas a publicar autores portugueses e europeus, em detrimento dos autores africanos.

Segundo a professora Inocência Mata, em seu artigo intitulado *Estudos literários africanos e literatura-mundo: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária* (2023), as literaturas africanas foram inseridas nos manuais escolares brasileiros em uma perspectiva de diversidade cultural e de combate ao racismo. Ela observa que essas literaturas têm sido apresentadas, muitas vezes, em um contexto de marginalização social e geográfica, associadas às periferias urbanas ou a contextos de pobreza e exclusão social. Mata critica essa visão

limitada e estereotipada das literaturas africanas e defende que elas devem ser lidas e valorizadas em sua riqueza e diversidade, sem preconceitos ou reducionismos.

Por isso, importa discutir as possibilidades e as condições da ampliação do cânone que a categoria literatura-mundo proporciona, na medida em que permite neutralizar a oposição disjuntiva entre universal e local quando se estudam escritores de países cujas literaturas não estariam no grupo das 'altas literaturas' (Perrone-Moisés, 1998). É que essa hierarquização literária decorrente de premissas prescritivas do cânone, como as expressões 'altas literaturas' ou 'escritor universal' podem sugerir, tem levado a análises comparativas normalmente conduzidas de forma a normalizar juízos provenientes de modos de ler pré-estabelecidos e 'vícios' de recepção gerados por uma canonicidade educacional ocidental que dita as regras de mercado. Literatura-mundo permite, assim, questionar e desvelar a arqueologia dessa hegemonia num mundo em que a diversidade de experiências é celebrada como ponte para o conhecimento do Mundo. (Mata. 2023. p. 48)

De maneira perspicaz, a Professora Mata incita uma discussão crucial sobre as implicações da categoria literatura-mundo na ampliação do cânone literário. Ao destacar a capacidade dessa abordagem em neutralizar a tradicional oposição entre o universal e o local, ela aponta para uma transformação necessária na análise de escritores provenientes de países cujas literaturas não são frequentemente consideradas parte das chamadas 'altas literaturas'. A referência às expressões como 'altas literaturas' e 'escritor universal' ressoa com a crítica contundente de Mata à hierarquização literária decorrente desses termos, que muitas vezes conduzem a análises comparativas normalizadas e viesadas.

Ao ressaltar que tais premissas prescritivas do cânone perpetuam vícios de recepção e modos de leitura pré-estabelecidos, a professora aponta para a necessidade de questionar e desvelar a arqueologia dessa hegemonia educacional ocidental. A alusão à canonicidade educacional que dita as regras de mercado ressalta a influência considerável desses padrões na produção literária e na percepção do valor literário. Ao defender que a literatura-mundo oferece uma via para questionar essa hegemonia, Mata destaca a importância de reconhecer e celebrar a diversidade de experiências como uma valiosa ponte para o conhecimento global, desafiando assim os paradigmas estabelecidos.

Sendo assim, o reconhecimento da diversidade cultural e, sobretudo, a luta contra o racismo, justificaram a introdução das literaturas africanas no ensino brasileiro.

A fala da autora Inocência Mata aponta para uma realidade lamentável no ensino brasileiro, onde as literaturas africanas são tratadas como um subproduto cultural, destinado apenas às periferias geográficas e culturais. Essa marginalização das literaturas africanas no mercado editorial e na academia brasileira revela uma profunda desigualdade e invisibilidade das vozes e perspectivas de autores africanos. Essa concepção reforça um imaginário que

legítima as hierarquias de poder e o racismo estrutural na sociedade brasileira. É preciso reconhecer que as literaturas africanas são uma parte importante da diversidade cultural e literária brasileira e mundial, e devem ser valorizadas e estudadas em pé de igualdade com outras literaturas.

No entanto, é importante ressaltar que a falta de representatividade dos autores africanos na literatura portuguesa e brasileira é um problema sistêmico e complexo, que envolve questões de preconceito, racismo e exclusão cultural. É fundamental que sejam feitas ações para mudar essa realidade, como a promoção de programas de tradução, o incentivo à publicação de autores africanos e a inclusão de obras desses escritores nos livros didáticos (Rodrigues, 2020).

O trabalho de conclusão de curso do pesquisador Evandro Rodrigues, intitulado *A representação do africano e afro-brasileiro nos livros didáticos de História após a Lei 10.639/03* (2018), evidencia a representação homogênea e estagnada da África nos manuais escolares brasileiros. Esses materiais muitas vezes retratam os povos africanos de maneira estereotipada, associando-os a barbaridades, atraso cultural e incapacidade de desenvolver culturas sofisticadas, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, perpetuando estigmas e preconceitos.

Outro aspecto a ser reparado por alguns materiais didáticos, está relacionado à presença em suas narrativas, de termos que refletem e/ou reforçam estereótipos em relação às populações negras, o que em nada contribui para a educação da diversidade racial. (Rodrigues. 2018. p. 104)

Nesta fala, Rodrigo (2018) ressalta uma preocupação pertinente sobre a presença de termos nos materiais didáticos que podem perpetuar estereótipos em relação às populações negras. Esta observação é crucial para garantir que os livros didáticos não apenas incluam a história de África, mas também a apresentem de maneira justa, respeitosa e livre de preconceitos.

O combate às ideologias racistas, conforme abordado nos livros didáticos, é, sem dúvida, uma contribuição valiosa para o processo educacional. Ao reconhecer e desafiar estereótipos, os materiais didáticos desempenham um papel essencial na promoção do respeito entre os educandos e leitores, além de fomentar uma compreensão mais crítica e reflexiva sobre as questões raciais na sociedade contemporânea.

Portanto, a implementação dessas medidas legislativas e o cuidado na seleção de termos nos materiais didáticos não apenas atendem a um imperativo moral de combater o



racismo, mas também enriquecem a educação ao proporcionar uma visão mais abrangente e precisa da história e da diversidade cultural.

Considerando a relevância dos manuais escolares como instrumentos de aprendizado e transmissão de conhecimento, surge a necessidade de questionar o papel desses materiais na promoção da diversidade cultural e na valorização das distintas tradições literárias. Assim, torna-se essencial investigar como os autores africanos são representados nesses manuais no contexto brasileiro, levando em conta não apenas suas obras, mas também sua nacionalidade.

A análise dos bancos de dados Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) e Instituto Nacional do Livro (INL) sobre manuais escolares brasileiros revelou uma presença limitada de autores africanos em comparação com seus pares europeus e norte-americanos. Quando esses autores africanos estão presentes, são predominantemente de nacionalidade angolana, moçambicana e cabo-verdiana, deixando de fora outras nacionalidades relevantes, como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.

Para embasar essa investigação, utilizamos duas fontes de dados cruciais: a Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), que proporciona acesso a uma vasta coleção de materiais, incluindo livros, periódicos e manuscritos, e o Instituto Nacional do Livro (INL), detentor de um acervo significativo relacionado à produção editorial no Brasil. Ao analisar essas bases, identificaremos padrões e lacunas na presença de autores africanos nos materiais didáticos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da representação cultural nas obras utilizadas no ensino brasileiro. Dessa maneira, não apenas nos propomos a preencher uma lacuna acadêmica, mas também a fomentar reflexões críticas sobre a diversidade cultural nos manuais escolares, promovendo uma abordagem mais inclusiva e representativa no âmbito educacional.

Além disso, a presença de obras de autores africanos nos manuais escolares é ainda mais restrita, limitando-se a obras mais conhecidas, como *Mayombe* de Pepetela e *Terra Sonâmbula* de Mia Couto. Obras de autores africanos menos conhecidos ou de países menos representados não são frequentemente encontradas nos manuais.

A escolha de autores e obras pode estar sendo influenciada por estereótipos e preconceitos, perpetuando uma visão limitada e reducionista das literaturas africanas.

Para uma discussão mais aprofundada sobre o tópico da representação dos autores africanos, nacionalidade e obras nos manuais escolares brasileiros, trataremos três artigos que dialogam com o tema.

Esses artigos são importantes para entendermos como a representação dos autores africanos e suas obras têm sido tratada nos manuais escolares brasileiros e na educação em

geral. Eles nos ajudam a entender que ainda há um problema de sub-representação e estereotipação dos africanos e afrodescendentes nos livros didáticos brasileiros, o que reflete uma falta de diversidade e inclusão no sistema educacional.

O primeiro artigo, intitulado *A representação de africano e afro-brasileiro nos livros didáticos de História após a Lei nº 10.639-03: entre escritos e perspectivas docentes*, foi publicado em 2017 na revista *Educação e Pesquisa*, de autoria de Evandro Rodrigues. O autor inicia com uma citação de Ki-Zerbo, destacando a importância de reconhecer que a África tem uma história. *A África tem uma História. (Ki-zerbo, 2010, p. 31).*

A pesquisa objetiva analisar como foram construídas as abordagens sobre africanos e afro-brasileiros em livros didáticos de história após a implementação da referida lei. São utilizados conceitos de representação, conforme definidos por Chartier;

por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é [...] outras, porém, são pensadas num registo diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais. (Chartier.1990, p. 20)

A citação de Chartier aborda a dualidade da representação, destacando dois sentidos distintos. Por um lado, ele explora a representação como a capacidade de tornar presente o ausente, mediante a criação de uma imagem capaz de reconstruir e figurar um objeto na memória. Nesse sentido, a representação atua como instrumento de conhecimento mediato, permitindo a apreensão de algo que não está fisicamente presente. Por outro lado, Chartier também destaca a representação como uma exibição de presença, uma apresentação pública de algo ou alguém.

A dualidade sugerida por Chartier revela a complexidade do conceito de representação, envolvendo tanto a substituição de algo ausente quanto a exibição de algo presente. Essa análise se alinha com diferentes abordagens, algumas voltadas para a reconstrução de objetos na memória e outras mais centradas na relação simbólica, como a proposta por Furetière, que destaca a representação de moral através de imagens ou propriedades das coisas naturais. Assim, a citação ressalta a riqueza e a diversidade de significados atribuídos ao conceito de representação, evidenciando sua relevância em contextos que vão além da mera reprodução visual.

Ao retomarmos a fala inicial de Evandro Rodrigues e conectarmos com a citação de Chartier, percebemos uma congruência no sentido de explorar a complexidade da representação. Evandro Rodrigues, ao analisar os livros didáticos, compreende a representação como uma ferramenta essencial na construção do conhecimento histórico. A citação de Chartier, por sua vez, oferece uma base teórica para entender os múltiplos aspectos da representação, desde a sua função de tornar presente o ausente até a sua expressão como exibição pública.

No contexto da pesquisa sobre os livros didáticos, a dualidade da representação discutida por Chartier pode ser observada. Por um lado, os autores utilizam a representação para desconstruir estereótipos e preconceitos, buscando apresentar a diversidade política na costa ocidental africana e problematizando a narrativa da colonização portuguesa no Brasil. Isso se alinha ao sentido de representação como uma forma de mostrar o que está ausente, oferecendo uma visão mais abrangente e precisa da história.

Por outro lado, ao destacar as lacunas na representação, especialmente no que diz respeito à escravidão e às resistências dos afrodescendentes, a pesquisa indica uma limitação na capacidade dos livros didáticos de apresentar integralmente a complexidade desses temas. Aqui, a representação não apenas como substituição do ausente, mas também como exibição de presença, revela-se relevante. A sugestão de aprofundar a discussão sobre a história africana e afro-brasileira indica um apelo à representação mais ampla e a uma apresentação pública mais completa dessas narrativas.

Portanto, o trabalho de Evandro Rodrigues, ao considerar a representação nos livros didáticos, dialoga com a dualidade proposta por Chartier, destacando a importância da representação como veículo para a construção do conhecimento histórico, mas também reconhecendo suas limitações e instando a uma ampliação e aprofundamento nas representações apresentadas. Essa interconexão enriquece a compreensão sobre como a representação histórica pode moldar nossa percepção e compreensão do passado, tal como apresenta Rodrigues (2018);

Compreendemos o livro didático como documento e portador de representações e significados sobre os fatos e sujeitos históricos, de acordo com as análises e interpretações da história nele contidas que, por sua vez, poderá produzir representações e significados na compreensão sobre a história em gerações dos alunos. Essas representações podem contribuir positivamente ou não, para a formação de cidadãos desprovidos de preconceito e racismo. Diante disso, e considerando o livro didático um recurso pedagógico importante no ensino e aprendizagem dos educandos, concebemos o presente estudo. (Rodrigues. 2018. p.14)

A fala do autor ressalta a importância crucial do livro didático como um documento carregado de representações e significados sobre eventos e personagens históricos. Essa compreensão está intrinsecamente alinhada à abordagem principal de Rodrigues (2018), que, ao analisar os livros didáticos, reconhece a relevância da representação na construção do conhecimento histórico. Ambos os enfoques convergem para a compreensão de que as representações presentes nos livros didáticos desempenham um papel significativo na formação da visão histórica das gerações de alunos. A ideia de que as representações contidas nos livros didáticos podem contribuir positiva ou negativamente para a formação de cidadãos sem preconceitos e racismos está alinhada com as preocupações expressas por Evandro Rodrigues.

Ao abordar lacunas e limitações na representação da história africana e afro-brasileira nos livros didáticos, Rodrigues sugere que uma abordagem inadequada ou incompleta pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. O reconhecimento do livro didático como um recurso pedagógico fundamental na educação reforça a responsabilidade de garantir que esses materiais forneçam representações históricas justas, inclusivas e precisas. Tanto Evandro Rodrigues quanto a citação destacam a relevância do conteúdo dos livros didáticos na formação da consciência histórica dos alunos, enfatizando a necessidade de uma abordagem cuidadosa e crítica para evitar distorções e promover uma compreensão mais completa e equitativa da história.

Já o segundo artigo é um trabalho de conclusão de curso intitulada *A literatura africana nas aulas de língua portuguesa no ensino médio: uma análise de livros didáticos (2018)*, de autoria de Edno Souza João, Soraya do Lago Albuquerque e Alba Valéria Alves Ignácio, defendida no mesmo ano na disciplina de TCC II da UNIVAG - Centro Universitário.

Este estudo, aborda de maneira imparcial a presença das literaturas africanas de língua portuguesa nos livros didáticos distribuídos para o Ensino Médio em escolas estaduais de Várzea Grande, no estado de Mato Grosso. A pesquisa tem como objetivo analisar como essa literatura é representada nos materiais didáticos, identificando os autores citados e os tipos de fragmentos selecionados como amostras dessa expressão literária.

Os autores ressaltam a importância do estudo das literaturas africanas em todos os níveis de ensino, destacando sua relevância para a compreensão da identidade, cultura e história dos povos africanos. Além disso, eles enfatizam o papel crucial da escola na desconstrução de estereótipos e preconceitos, especialmente em relação aos negros, que historicamente foram subalternizados.

A pesquisa discute a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, incluindo o Ensino Médio. Os autores abordam o impacto dessa legislação na seleção de materiais didáticos, destacando a necessidade de cuidado ao abordar temas sensíveis, como a escravidão e a religiosidade afro-brasileira.

O estudo também aponta para a lentidão no processo de mudança e destaca a importância do preparo dos professores para lidar com os conteúdos relacionados à literatura africana. Eles argumentam que a literatura na escola desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão, desconstrução de discursos hegemônicos e construção de uma visão mais respeitosa e justa sobre a diversidade cultural.

Os autores escolhem realizar uma análise crítica e objetiva dos livros didáticos, não com o intuito de crítica destrutiva, mas para verificar se a forma como os conteúdos são apresentados está alinhada com as propostas obrigatórias estabelecidas pela legislação federal. Destacam a relevância de trabalhar a literatura africana não apenas como uma temática específica, mas integrando-a ao currículo escolar de maneira transversal, especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira.

Para elucidar como a Lei 10.639 tem sido trabalhada no âmbito dos livros didáticos, selecionamos três obras de Língua Portuguesa que têm sido distribuídas nas escolas da rede pública e que pertencem a três editoras diferentes. Vale enfatizar que a nossa proposta investigativa em relação aos livros didáticos não tem o teor de crítica destrutiva e nem mesmo de repressão ao que está disponibilizado nos livros. Pretendemos verificar se a forma como está distribuído o conteúdo e o período em que serão trabalhadas as amostras de literatura africana de língua portuguesa é condizente com o que temos como proposta obrigatória apresentada pela instância federal e que não deve de forma alguma, ser suprimida das salas de aula, uma vez que a discussão deste assunto com os alunos viabiliza uma chance única onde é possível refletir sobre um assunto tão importante e relevante não apenas para o negro, mas para toda a população brasileira. (João; Albuquerque; Ignácio. 2018. p. 6)

A análise dos pesquisadores João, Albuquerque, e Ignácio oferece uma visão crítica e detalhada sobre a presença das literaturas africanas nos livros didáticos de Língua Portuguesa, focando em três coleções específicas: *Novas Palavras*, *Vozes do Mundo*, e *Linguagem e Interação*. A abordagem metodológica, que não busca criticar destrutivamente, mas compreender a conformidade com a legislação e promover uma discussão enriquecedora, reflete um compromisso sério com a promoção da diversidade cultural nas salas de aula brasileiras.

A análise específica de cada coleção revela discrepâncias significativas na representação das literaturas africanas. A coleção *Novas Palavras* é apontada como sendo insuficiente na inclusão dessas literaturas, enquanto *Vozes do Mundo*, embora aborde temas relacionados aos afro-brasileiros, ainda carece de uma abordagem mais crítica e desconstrutiva dos estereótipos. Por outro lado, *Linguagem e Interações* se destaca como o mais completo, abrangendo o estudo voltado para a desconstrução do estereótipo, embora também apresente áreas que precisam ser aprimoradas.

A inclusão de fragmentos literários e poéticos de escritores africanos, como Castro Alves, Agostinho Neto, Mia Couto, e outros, destaca a riqueza e a importância dessas vozes na construção da identidade cultural. A crítica construtiva levanta a necessidade de uma abordagem mais abrangente e profunda dessas obras, enfatizando a importância de desconstruir estereótipos e contribuir para a formação de uma consciência crítica sobre a história e a cultura africanas.

No texto complementar dos pesquisadores, é crucial ressaltar que a literatura africana é um tesouro cultural vasto e diversificado que merece uma representação mais equitativa nos livros didáticos. A citação de Marc Ferro sobre a importância da forma como aprendemos história na infância destaca a responsabilidade dos livros didáticos na construção da visão de mundo dos alunos. Portanto, a inclusão de literaturas africanas não é apenas uma exigência legal, mas também uma oportunidade única de proporcionar uma educação mais inclusiva e enriquecedora.

Ao explorar fragmentos literários específicos e a história da escravidão, o texto sublinha a necessidade de abordar os eventos históricos de forma crítica e contextualizada. Os exemplos de escritores africanos, como Mia Couto e José Craveirinha, demonstram a riqueza cultural que pode ser explorada e apreciada pelos alunos. O reconhecimento da contribuição dos negros para a cultura brasileira e a ênfase na literatura como meio de desconstrução de estereótipos são pontos fundamentais para uma educação antirracista.

No entanto, o texto também destaca que há desafios a serem superados. A falta de representação adequada em algumas coleções destaca a necessidade de revisão constante e aprimoramento dos materiais didáticos. A chamada à ação para os docentes, enfatizando a importância do professor na capacitação e na promoção de um ambiente educacional colaborativo, ressalta a interdependência entre livros didáticos e práticas pedagógicas inovadoras.

Portanto, a conclusão da análise ressalta não apenas a necessidade de ajustes nos materiais didáticos, mas também a importância do papel ativo dos docentes. A capacitação

dos professores e a promoção de um ambiente educacional colaborativo são elementos essenciais para garantir uma educação que não apenas atenda aos requisitos legais, mas também fomente uma compreensão mais rica e respeitosa da diversidade cultural nas salas de aula brasileiras.

Já no capítulo abordado no livro organizado por Solange Aparecida de Souza Monteiro, escrito pelos pesquisadores Vanessa Santos Fontequê, Jamaira Jurich Pillati, Juliana Ferri, Rosa Shizue Abe, Sidney Lopes Sanchez Júnior e Patrícia Ferreira Concato de Souza, focaliza a representação do negro no livro didático de Alfredo Boulos Júnior, com ênfase na implementação da Lei nº 10.639 (2003-2012).

A pesquisa busca analisar o capítulo *Abolição e Republicado livro didático História, Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior nas edições de 2003 e 2012*, considerando as mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação à representação do negro. Inicia-se com uma contextualização das transformações na sociedade brasileira e a necessidade de reconhecimento do papel dos negros africanos na construção da história do Brasil.

O estudo destaca a legislação que ampara o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, especialmente a Lei Nº 10.639/03, e as Diretrizes Curriculares Nacionais que visam à valorização da diversidade étnico-racial brasileira e à correção de distorções na representação da história, cultura e identidade dos povos afrodescendentes.

A análise comparativa dos capítulos das edições de 2003 e 2012 do livro didático foca em identificar mudanças e continuidades em relação ao conteúdo, estrutura e temática. A pesquisa visa verificar se os livros fornecem elementos para que os alunos possam refletir sobre a contribuição dos povos africanos, promovendo o desenvolvimento do senso crítico e a participação ativa na sociedade.

Na seção de considerações sobre o livro didático, é apresentada uma visão sobre a legislação que orienta o trabalho da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no Brasil, enfatizando a importância do reconhecimento recente da existência e resistência dos povos africanos para a história do país. As Diretrizes Curriculares Nacionais são destacadas como orientadoras para a promoção da educação das Relações Étnico-Raciais.

A pesquisa prossegue abordando o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Guia do Livro Didático, e as orientações contidas nesses documentos para garantir a contemplação de conteúdos referentes à História e Culturas Afro-Brasileira e Indígena. A análise comparativa é então detalhada, enfocando as mudanças na representação do negro nos capítulos de Abolição e República nas edições de 2003 e 2012, destacando a presença de subtítulos e fragmentos textuais denominados saiba mais. Além disso, aponta para a extensão

considerável dos textos e destaca a tentativa do autor de manter a maior imparcialidade possível. A ênfase na representação dos personagens históricos, especialmente a população escravizada, como abolicionistas, é evidenciada, sugerindo uma abordagem que busca equilíbrio e inclusão, como descreve (Boulos. 2003);

Entre os abolicionistas havia pessoas de diferentes grupos sociais: políticos de família tradicional, como Joaquim Nabuco, homens livres e membros de classes populares, como o jornalista negro José do Patrocínio, além de alguns profissionais liberais, provenientes das camadas médias, como o paulista Antônio Bento e o advogado baiano Luis Gama, também negro. (Boulos, 2003, p. 28).

A citação extraída do capítulo Abolição e República da edição de 2003 do livro História, Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior oferece uma perspectiva sobre a diversidade dos abolicionistas, incluindo políticos, homens livres, membros de classes populares e profissionais liberais, sendo notável a menção ao jornalista negro José do Patrocínio e ao advogado baiano Luis Gama.

A escolha do termo abolicionistas para referir-se aos negros escravizados é intrigante e reveladora. Ao utilizar essa designação, o autor busca reconhecer o protagonismo desses indivíduos na luta contra a escravidão, desvinculando-os da passividade muitas vezes associada à condição de escravo. Desta forma, há uma intencionalidade em atribuir um papel ativo e engajado aos negros na conquista de sua liberdade.

A menção a figuras como José do Patrocínio e Luis Gama destaca a diversidade de perfis que compunham o movimento abolicionista, contrapondo a ideia estereotipada de que apenas indivíduos de classes privilegiadas estavam engajados nesse processo. O autor, ao evidenciar essa diversidade, contribui para uma representação mais abrangente e fiel da complexidade social e étnica envolvida na luta pela abolição da escravidão.

Entretanto, é relevante questionar a abordagem do autor em relação à imparcialidade mencionada no texto introdutório. A escolha de termos como abolicionistas pode, de certa forma, direcionar a narrativa, e a análise crítica deve considerar se tal escolha reflete, de fato, uma imparcialidade na representação histórica ou se há gradações que merecem uma reflexão mais profunda.

Nesse contexto, a citação revela uma abordagem que visa proporcionar uma visão mais inclusiva da história, reconhecendo a contribuição significativa de diferentes grupos na conquista da liberdade, ao mesmo tempo em que ressalta a necessidade de uma análise crítica quanto à possível influência de vies na narrativa apresentada.



Os trabalhos tratam diretamente da sub-representação de autores africanos e suas obras nos manuais escolares brasileiros. As análises apresentadas evidenciam a necessidade de se repensar a forma como as literaturas africanas são apresentadas nas escolas brasileiras, promovendo uma representação mais justa e diversa da produção literária deste continente.

Ao analisar as diferentes fases da inclusão de autores africanos nos manuais escolares brasileiros, torna-se evidente a evolução e os desafios enfrentados ao longo do tempo. Antes da promulgação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, a presença desses autores nas obras didáticas era praticamente inexistente, denotando uma negligência em abordar de maneira mais abrangente a riqueza e a diversidade literária africana. Um exemplo ilustrativo dessa fase anterior é o livro didático *História Geral do Brasil*, amplamente utilizado nas escolas antes da implementação da mencionada lei. Publicado na década de 1990, esse livro carecia de uma abordagem inclusiva das literaturas africanas, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e visões distorcidas sobre a história e a cultura do continente africano. A ausência de representatividade literária africana nessas obras contribuiu para a construção de narrativas unilaterais e, por vezes, preconceituosas.

Com a promulgação da Lei 10.639/03, um movimento significativo direcionou-se à revisão dos conteúdos dos manuais escolares. No entanto, desafios subsistem, incluindo a resistência à implementação efetiva da legislação em algumas instituições, a falta de capacitação adequada dos professores e a escassez de materiais didáticos que contemplem de forma abrangente as contribuições literárias africanas. A inclusão mais expressiva de autores africanos nos manuais escolares é crucial não apenas para promover uma visão mais precisa e equitativa da história, mas também para fomentar o respeito à diversidade cultural e valorizar as contribuições de diferentes grupos étnicos para a formação da sociedade brasileira. Portanto, a seleção cuidadosa de conteúdos e a abordagem dessas temáticas são cruciais para superar os desafios remanescentes e construir um ambiente educacional mais inclusivo e enriquecedor.

Com a existência da Lei 10.639/03, observou-se uma mudança gradual, porém ainda insuficiente, na representação de autores africanos nos manuais escolares. Um exemplo desse período pós-lei é o livro didático *História em projetos. As primeiras culturas humanas, os primeiros impérios e as primeiras religiões monoteístas* (2007), adotado em algumas escolas nos primeiros anos após a legislação. Apesar dos avanços apresentados, persistiam lacunas na abordagem crítica e representativa das literaturas africanas.

Dez anos após a implementação da lei, constatamos uma melhoria gradativa na diversidade de autores e obras africanas, mas ainda há desafios a serem superados. O livro didático *Formas e Cores da África*, adotado em algumas redes de ensino a partir de 2013, representa essa fase. Apesar de trazer uma gama mais ampla de autores, a abordagem muitas vezes permanece superficial, carecendo de uma análise crítica mais aprofundada.

Atualmente, com a discussão contínua sobre a representação cultural nos materiais didáticos, surgem novos desafios e oportunidades. Um exemplo contemporâneo é o livro didático *Trilhas da Diversidade*, adotado em algumas escolas a partir de 2020. Este livro abordará de maneira mais inclusiva as literaturas africanas, incorporando análises críticas e reflexivas. No entanto, a eficácia dessa mudança dependerá da constante revisão e aprimoramento das práticas pedagógicas e da produção editorial.

## 6.1 AFRICANIZANDO O PANORAMA LITERÁRIO BRASILEIRO: DESVELANDO O SILENCIAMENTO DAS VOZES AFRICANAS E PROMOVEDO TRANSFORMAÇÕES EDITORIAIS

A literatura, que deveria ser uma plataforma inclusiva para vozes diversas, muitas vezes oculta uma realidade mais sombria: o racismo editorial/sistêmico. No contexto brasileiro, isso se manifesta de maneira eloquente quando analisamos a seleção de autores/as africanos/as e as barreiras que enfrentam para que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias reconhecidas. As teorias críticas da raça e pós-colonial, imbuídas de suas perspectivas africanas, trazem à luz essa complexidade. A teoria crítica da raça, empreendida por notáveis autores como Frantz Fanon, bell hooks e Angela Davis, Lélia González revela o racismo como um sistema enraizado de opressão que perpassa todas as estruturas sociais. A teoria pós-colonial, fundamentada em pensadores influentes como Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak, oferece uma perspectiva profunda sobre as dinâmicas complexas que permeiam as literaturas africanas em língua portuguesa, particularmente no contexto brasileiro. Essa abordagem crítica transcende a temporalidade do colonialismo, direcionando nosso olhar para as persistências e influências contemporâneas das estruturas coloniais.

Edward Said, em sua obra seminal *Orientalismo* (1978), reconstruiu as representações eurocêntricas do Oriente, evidenciando como as narrativas coloniais moldaram não apenas a percepção, mas também a produção de conhecimento. Homi Bhabha, por meio do conceito de *hibridismo cultural*, destaca a complexidade das identidades pós-coloniais, desafiando noções

fixas e unilaterais. Gayatri Spivak, com seu trabalho em *Pode o Subalterno Falar?* (2009), ressalta a importância de ouvir às comunidades historicamente silenciadas.

Ao aplicarmos esses princípios ao cenário literário brasileiro, marcado pela celebração aparente da diversidade cultural, a teoria pós-colonial nos convoca a ir além da superfície. Ela nos alerta para a presença sutil do racismo editorial/sistêmico, evidenciando que as estruturas coloniais persistem nas avaliações e valorizações das vozes literárias. Apesar da riqueza presente nas tradições literárias africanas e afro-brasileiras, autores/as africanos/as ainda encontram consideráveis obstáculos para alcançar visibilidade nas prateleiras das livrarias e nos catálogos editoriais.

Said (1978), revela as dinâmicas de poder subjacentes que permeiam as interações entre o Ocidente e o Oriente, destacando a influência do conhecimento como instrumento de dominação afirmando que;

No momento em que ocorre uma coincidência entre controle real e poder, a ideia do que um determinado lugar era (poderia ser, poderia se tornar) e um lugar real - nesse momento, a luta pelo império é lançada. Essa coincidência é a lógica tanto para os ocidentais tomarem posse da terra quanto, durante a descolonização, para os nativos resistirem à sua recuperação. O imperialismo e a cultura associada a ele afirmam tanto a primazia da geografia quanto uma ideologia sobre o controle do território. O sentido geográfico faz projeções - imaginativas, cartográficas, militares, econômicas, históricas, ou em um sentido geral cultural. Também possibilita a construção de vários tipos de conhecimento, todos de alguma forma dependentes do caráter percebido e do destino de uma geografia específica. [...] Todas as culturas tendem a fazer representações das culturas estrangeiras para melhor dominá-las ou de alguma forma controlá-las. No entanto, nem todas as culturas fazem representações das culturas estrangeiras e, na verdade, as dominam ou controlam. Esta é a distinção, acredito eu, das culturas ocidentais modernas. Isso requer o estudo do conhecimento ou das representações ocidentais do mundo não europeu para ser um estudo tanto dessas representações quanto do poder político que expressam. (Said.1978, p.78-100)

O parágrafo inicial aborda a aplicação dos princípios da teoria pós-colonial ao contexto literário brasileiro, enfatizando a persistência do racismo editorial/sistêmico e os desafios enfrentados pelos autores africanos e afro-brasileiros para obter visibilidade nas esferas editoriais. Essa reflexão crítica destaca as estruturas de poder que moldam a produção, distribuição e recepção das obras literárias desses autores.

A citação de Said (1978) enriquece essa discussão ao explorar as dinâmicas de poder subjacentes nas interações entre o Ocidente e o Oriente, destacando o papel do conhecimento como um instrumento de dominação. Ao examinar as representações culturais ocidentais do mundo não europeu, a citação ressalta não apenas sua capacidade reflexiva, mas também seu poder de perpetuar relações desiguais de poder.

Assim, ao retomar a discussão inicial, é evidente que a análise se aprofunda na compreensão das complexas relações entre conhecimento, poder e representação, especialmente no contexto pós-colonial. Isso destaca a importância de uma abordagem crítica e reflexiva não apenas nas literaturas em questão, mas em todas as esferas da cultura e da sociedade contemporânea.

As estatísticas alarmantes expõem disparidades evidentes, indicando a urgência de enfrentar as barreiras sistêmicas que perpetuam a desigualdade. Essas barreiras são multifacetadas e exigem uma abordagem holística, considerando não apenas a representação, mas também a produção, distribuição e recepção literária.

Portanto, ao compreendermos a teoria pós-colonial<sup>12</sup> como uma ferramenta analítica, não apenas reconhecemos as iniquidades presentes, mas também transformaremos as estruturas que contribuem para a marginalização literária. Adotar abordagens pós-coloniais não se trata apenas de celebrar a diversidade, mas de redefinir as bases sobre as quais o conhecimento literário é construído, promovendo uma verdadeira equidade e reconhecimento para as literaturas africanas em língua portuguesa. A falta de representatividade nas editoras é um reflexo da ausência de diversidade no setor editorial, onde estereótipos e preconceitos exercem influência no processo de seleção. Esses preconceitos, frequentemente sutis, limitam a variedade de vozes e perpetuam a marginalização. Além disso, a escassez de recursos, como redes de apoio e financiamento, restringe as oportunidades, exacerbando a desigualdade.

Autores/as notáveis, como o moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, cuja obra *Ualalapi* (1987) é um exemplo, Lucílio Manjate, moçambicano em seu romance *Rabhia* (2019), e os santomenses Francisco Costa Alegre, Conceição Lima e Alda Espírito Santo em seus livros *Da Nacionalidade à Santomensidade (Nova República)* (1993), *A dolorosa raiz do micondó* (2006) e *mataram o rio da minha cidade* (2013) ilustram de maneira contundente as adversidades enfrentadas por autores/as africanos/as dentro e fora de África. Suas obras, reconhecidas por sua riqueza e provocação, podem não receber a merecida atenção devido ao racismo sistêmico presente no meio editorial brasileiro, mesmo alguns dos autores citados terem seus livros publicados no Brasil como o caso do autor Ungulani Ba Ka Khosa e o Lucílio Manjate. A falta de visibilidade dos autores africanos/as no cenário literário brasileiro

---

<sup>12</sup> A teoria pós-colonial analisa os efeitos do colonialismo e da descolonização nas culturas e sociedades. Ela desafia narrativas dominantes, destaca relações de poder e dá voz a grupos marginalizados. Em nosso estudo, a teoria pós-colonial emerge como uma ferramenta essencial para iluminar os meandros pelos quais o colonialismo continua a moldar as avaliações e representações das literaturas africanas. Ao expor as estruturas de poder subjacentes e os desafios enfrentados pelos autores dessas tradições para obter reconhecimento e visibilidade, ela oferece uma lente crítica para compreendermos as dinâmicas complexas e muitas vezes invisíveis que permeiam essas expressões culturais.

pode ser entendida à luz da teoria pós-colonial, que examina as dinâmicas de poder e marginalização resultantes do colonialismo e suas ramificações contemporâneas. A invisibilidade desses autores/as reflete não apenas um legado persistente de dominação e hierarquias culturais estabelecidas durante o período colonial, mas também a continuidade dessas estruturas de poder no contexto pós-colonial.

Na teoria pós-colonial, a questão da visibilidade e representação das vozes subalternas é central. A falta de reconhecimento dos autores africanos/as no cenário literário brasileiro destaca como as narrativas dominantes, muitas vezes influenciadas por padrões eurocêntricos, continuam a perpetuar a marginalização e a exclusão das vozes não hegemônicas.

Como aponta Spivak (2010);

A tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Tentei argumentar que a preocupação substancial com a política dos oprimidos, que é frequentemente responsável pelo apelo de Foucault, pode ocultar um privilégio do intelectual e do sujeito "concreto" da opressão que, na verdade, agrava o apelo" (Spivak, 2010, p. 79)

No contexto da teoria pós-colonial, a falta de visibilidade dos autores africanos/as no cenário literário brasileiro reflete a continuidade das narrativas dominantes, que muitas vezes marginalizam vozes não hegemônicas. Spivak (2010) ressalta a importância de criar espaços para que os sujeitos subalternos possam expressar suas vozes e serem ouvidos. Ela também adverte contra o risco de que a preocupação política dos oprimidos possa, na verdade, reforçar o privilégio do intelectual e do sujeito "concreto" da opressão. Esta percepção destaca a necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva na representação e visibilidade das vozes subalternizadas no cenário literário e cultural.

Além disso, a falta de visibilidade desses autores/as compromete o acesso do público a narrativas diversas e enriquecedoras, limitando assim a oportunidade de desafiar e subverter as narrativas coloniais e eurocêntricas predominantes. Portanto, ao relacionar a falta de visibilidade dos autores africanos/as com a teoria pós-colonial, destacamos como a persistência das estruturas coloniais influencia as dinâmicas culturais e literárias contemporâneas, reforçando a necessidade de uma análise crítica e uma abordagem mais inclusiva no cenário literário e cultural.

A tessitura desses casos com fundamentos teóricos, revelam de maneira inegável a ascendência da representatividade literária em termos quantitativos e qualitativos. A representação literária, em sua essência, configura-se como a ratificação da indispensável

importância de narrativas genuínas e multifacetadas, inaugurando um território propício para a proliferação de vozes historicamente marginalizadas.

Todavia, a diligência acadêmica exige uma verificação detalhada das teorias invocadas, transcende a mera enunciação e demanda comprovação concreta. Nesse sentido, é imprescindível não apenas identificar as teorias pertinentes, mas também fundamentar sua aplicação por meio de análises substantivas que ratifiquem a contribuição dessas teorias para a ampliação da representatividade literária. A junção entre teoria e prática torna-se, portanto, um aspecto crítico na validação e na compreensão do impacto das narrativas autênticas e diversas, corroborando a construção de um ambiente propício ao florescimento das vozes historicamente subalternizadas.

O racismo editorial/sistêmico é uma questão profundamente enraizada que influencia a seleção de autores africanos/as na literatura brasileira. Para sustentar essa argumentação, é crucial examinar o racismo institucional presente em diversas estruturas e instituições.

Silvio Almeida (2019), aborda o racismo institucional como um fenômeno arraigado nas estruturas e práticas das instituições brasileiras. Ele destaca a presença sistemática do racismo em vários setores da sociedade, desde o sistema de justiça até as políticas públicas. Almeida argumenta que o racismo institucional perpetua desigualdades sociais e limita o pleno exercício dos direitos e oportunidades das comunidades negras. Sua análise contribui significativamente para uma compreensão mais profunda dos mecanismos que sustentam a marginalização e a exclusão racial no Brasil.

A análise de Almeida (2019) sobre o racismo institucional lança luz sobre a interconexão entre as estruturas sistêmicas de discriminação e as práticas de exclusão no campo editorial. Ao demonstrar como as instituições refletem e perpetuam padrões discriminatórios, seu trabalho oferece visões cruciais para entendermos os obstáculos enfrentados por autores africanos/as em obter visibilidade e reconhecimento no cenário literário brasileiro.

Sendo assim, a diversificação editorial emerge como um elemento crucial para a transformação do cenário literário, requerendo que as editoras assumam a responsabilidade de ampliar o espectro de vozes que influenciam as decisões editoriais. Esta responsabilidade vai além da mera inclusão étnica e procura abranger a riqueza das experiências e perspectivas variadas que os autores/as africanos/as trazem consigo. Nesse contexto, a voz da renomada autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie ressoa, ao destacar a imperatividade de desafiar estereótipos e conceder espaço a uma multiplicidade diversificada de vozes literárias (Adichie, 2009).

No âmbito da promoção literária, a emergência de plataformas alternativas como coletâneas, revistas literárias e *websites* dedicados a autores/as africanos/as e de origem africana reveste-se de um papel essencial, como no caso do portal literafro que é um portal dedicado à literatura afro-brasileira, que aborda temas relacionados à cultura, história e experiências das populações africanas e afrodescendentes no Brasil e a seção literafricas do literafro é uma abordagem mais específica para as literaturas africanas de língua portuguesa e outras literaturas do continente africano, bem como para as obras de autores e autoras afrodescendentes de diferentes países. O objetivo do literafro e da seção literÁfricas<sup>13</sup> é promover a valorização da cultura africana e afro-brasileira, ampliando e disponibilizando ferramentas para o estudo e a pesquisa dessas literaturas. A revista *Kwani?* fundada em 2003 no Quênia, é paradigmática, fornecendo um espaço vital para vozes literárias até então sub-representadas. Além de desafiar narrativas dominantes, a *Kwani?* exibe a profunda relevância de descentralizar a produção literária e abraçar a multiplicidade de perspectivas. (Kwani. 2013)

A questão da acessibilidade e financiamento desempenha um papel crucial. Programas de apoio financeiro direcionados a autores/as africanos/as e suas jornadas literárias são imperativos para nivelar um campo desigual. Um exemplo notável é o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece a oportunidade para estudantes africanos cursarem graduação em universidades brasileiras, possibilitando a troca de experiências culturais e literárias. Além disso, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) tem se destacado como um espaço de encontro entre culturas e narrativas literárias africanas e afro-brasileiras, proporcionando um ambiente propício para o diálogo intercultural. Essas iniciativas exemplificam o comprometimento em oferecer apoio e ampliar as vozes literárias africanas, contribuindo para romper com as barreiras financeiras que podem restringir suas produções.

Para avançar, é essencial que a literatura africana seja elevada à sua plenitude, transcendendo os limites impostos pelas narrativas eurocêntricas. Isso requer a inclusão de autores/as africanos/as nos currículos escolares, assim como a celebração de eventos literários dedicados a esse gênero literário específico.

---

<sup>13</sup> A partir de 2020, tem início a parceria com o **GEED – Grupo de Estudos de Estéticas Diaspóricas**, igualmente apoiado pelo CNPq, e centrado na pesquisa das literaturas africanas e afro-diaspóricas, coordenado desde 2022, pela Profa, Dra, Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM) e pela Profa. Dra. Lílian Paula Serra e Deus (UNILAB-Malês). O resultado desta interlocução está concretizado na aba **literÁfricas**, coordenado pela Professora Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca, já com mais de uma centena de artigos produzidos por estudiosos das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, bem como da produção da afro-diáspora de língua inglesa e francesa e Entrevistas. Fonte: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/literafricas>

Segundo Thale (2020), a transcendência dessas ações vai além de fronteiras geográficas. Um exemplo notável é o movimento Afrolit Sans Frontières<sup>14</sup>, que se destaca ao ultrapassar limites geográficos, procurando unir autoras africanas de diversas partes do mundo. Através de discussões virtuais, leituras públicas e debates, o Afrolit Sans Frontières cria um espaço essencial para que essas autoras compartilhem suas histórias, experiências e perspectivas. Dessa forma, elas desafiam não apenas as barreiras geográficas, mas também superam os desafios de acesso ao mercado literário global, evidenciando o poder intrínseco das abordagens colaborativas e transnacionais para enfrentar as complexidades associadas ao racismo editorial e sistêmico.

Em resumo, o ato de diversificar as vozes literárias por meio de abordagens inclusivas e a promoção de plataformas alternativas, bem como a disponibilização de financiamento adequado e a valorização das literaturas africanas, são passos cruciais para compreender a complexidade das literaturas africanas no mercado editorial brasileiro. Além disso, a importância de movimentos africanos, como a Afrolit Sans Frontières, ecoa de forma significativa, demonstrando a eficácia das colaborações transnacionais no sentido de unir vozes e transformar o cenário literário, tanto local quanto globalmente. No contexto brasileiro, estratégias como a promoção de autores e autoras negras, a publicação de obras que reflitam a diversidade étnico-racial do país, a revisão de políticas editoriais para garantir representatividade e o incentivo à formação de profissionais negros no mercado editorial são fundamentais para combater o racismo estrutural e promover uma indústria literária mais inclusiva e equitativa.

Diante do exposto, é imperativo reconhecer que a transformação do panorama literário brasileiro não pode se desvincular da luta contra o racismo estrutural que permeia a sociedade. Ao desvelar o silenciamento das vozes africanas, não apenas nas páginas dos livros, mas também nas estruturas sociais, econômicas e culturais, evidenciamos a necessidade premente de ações que reverberem além das páginas impressas.

A resposta ao cenário de opressão está intrinsecamente ligada à valorização das vozes negras na literatura e à promoção de plataformas alternativas. Enquanto a Afrolit Sans Frontières oferece um exemplo palpável de como colaborações transnacionais podem unir vozes e alterar a paisagem literária global, no Brasil, editoras como Malê e Nandyala têm desempenhado um papel crucial nesse enfrentamento.

---

<sup>14</sup> Afrolit Sans Frontières é um movimento literário online que surgiu em 2020 durante a pandemia de COVID-19. Criado por Zukiswa Wanner e outros escritores africanos, ele promove a literatura africana contemporânea através de eventos online, como leituras de obras e discussões. O movimento busca conectar escritores e leitores globalmente, superando as restrições físicas e destacando a diversidade cultural do continente africano.



O desmonte das estruturas de racismo no mercado editorial brasileiro tem sido liderado por editoras como Mazza, Malê, Pallas e Nandyala, entre outras, que se dedicam a ampliar a representatividade e a diversidade na literatura brasileira. Essas editoras não apenas publicam obras de autores negros, mas também promovem narrativas que desafiam estereótipos e valorizam as experiências e perspectivas das comunidades afrodescendentes. Ao destacar o papel ativo dessas editoras, reconhecemos não apenas a importância da representatividade na literatura, mas também o impacto significativo que as iniciativas locais têm no enfrentamento do racismo estrutural e na construção de uma indústria editorial mais inclusiva e diversificada.

O combate ao racismo não é apenas uma responsabilidade dos movimentos negros, mas sim uma tarefa coletiva que demanda uma reflexão profunda sobre as estruturas que perpetuam a desigualdade. Ao encerrar este subcapítulo, concluímos que a diversificação das vozes literárias, a promoção de iniciativas inclusivas e a desconstrução do silenciamento das vozes africanas são passos cruciais para uma transformação real no panorama literário brasileiro. Essas ações, somadas a um compromisso contínuo com a justiça social, contribuirão para a construção de um ambiente mais equitativo e representativo nas letras brasileiras.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho propõe uma análise crítica das literaturas africanas em língua portuguesa, com foco no contexto literário, acadêmico e mercadológico brasileiro. Sob o título *Escritas Silenciadas: O Racismo Editorial/Sistêmico Brasileiro na Seleção de Autoria Africana e Suas Implicações no Ensino e na Pesquisa no Brasil*, a pesquisa visa desvelar e confrontar os desafios subjacentes à representação dessas escritas, explorando o impacto do racismo editorial nas escolhas de autorias africanas e suas consequências no ambiente educacional e de pesquisa brasileiro. A dissertação almeja não apenas analisar, mas também provocar reflexões críticas e estimular ações transformadoras em direção a uma representação mais justa e inclusiva.

O primeiro capítulo, *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil — Questão editorial e a inserção por meio das universidades*, constituiu um ponto de partida fundamental para a compreensão do lugar dessas literaturas no contexto literário brasileiro. Ao longo deste capítulo, mergulhamos nas nuances da presença dessas obras, destacando a relevância e os desafios inerentes à sua inserção, especialmente no ambiente universitário. A reflexão sobre a presença das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no campo literário brasileiro revelou-se uma jornada multifacetada. Examinamos como essas obras são muitas vezes marginalizadas, relegadas a espaços periféricos no panorama literário nacional. A escassez de representação nas prateleiras das livrarias e a limitada visibilidade em eventos literários evidenciam um cenário onde vozes significativas são silenciadas.

Destacamos, sobretudo, a urgência de uma integração mais robusta dessas obras nos currículos acadêmicos. A academia, como espaço de produção e disseminação do conhecimento, desempenha um papel central na legitimação e promoção de expressões literárias diversas. A necessidade de incluir as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nos cursos de Letras e áreas afins não apenas enriquece a formação dos estudantes, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos arraigados.

A divulgação editorial, por sua vez, emerge como um elemento-chave na democratização do acesso a essas obras. O desafio de ampliar a presença das Literaturas Africanas nas prateleiras das livrarias não apenas demanda uma revisão nas políticas editoriais, mas também requer uma conscientização mais ampla sobre a importância dessas narrativas para a compreensão integral da cultura e da história brasileiras.

Assim, ao retomar o que foi discutido neste capítulo, percebemos que a questão editorial não é apenas uma barreira pragmática, mas um reflexo de estruturas mais amplas de

marginalização literária. A necessidade de uma maior representação não se limita apenas à quantidade de obras disponíveis, mas à criação de um espaço inclusivo que reconheça a diversidade como um elemento fundamental na tessitura do cenário literário brasileiro e as editoras que incluem politicamente a proposta da diversidade em seus catálogos têm contribuído significativamente para o enfrentamento de barreiras sistêmicas.

Ao concluirmos esta análise, torna-se evidente que a inserção das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil não é apenas uma questão acadêmica ou editorial, mas uma pauta urgente para a construção de um campo literário mais representativo. Esta pesquisa buscou identificar as lacunas existentes e procurou apontar para a necessidade de ações efetivas que possam transpor as fronteiras do discurso teórico, adentrando os espaços concretos de ensino, publicação e promoção literária.

Em última análise, a riqueza dessas literaturas só será plenamente reconhecida quando superarmos não apenas as barreiras práticas, mas também as barreiras ideológicas que perpetuam a invisibilidade. A construção de uma narrativa literária mais inclusiva requer o engajamento ativo de todos os agentes envolvidos no processo literário, desde os acadêmicos e editores até os leitores. Somente por meio dessa colaboração consciente e da superação de resistências arraigadas será possível verdadeiramente africanizar o panorama literário brasileiro, proporcionando uma transformação duradoura e significativa na forma como percebemos, valorizamos e promovemos as diversas vozes que contribuem para a riqueza cultural do Brasil.

No transcurso do segundo capítulo, *Literaturas Africanas em Língua Portuguesa estudadas nas Universidades da Bahia (UFBA e UNEB) e do Ceará (UNILAB-CE e UNILAB-BA)*, dedicamo-nos a uma análise aprofundada do ensino e pesquisa dessas literaturas em contextos acadêmicos específicos. Ao debruçar-nos sobre as experiências das universidades da Bahia e do Ceará, compreenderemos não apenas a presença, mas também o impacto dessas literaturas na formação cultural e acadêmica dos estudantes.

Nesse cenário, tornou-se evidente que as instituições de ensino superior desempenham um papel crucial na legitimação e difusão das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. A presença dessas obras nos currículos acadêmicos não apenas contribui para a formação mais abrangente e inclusiva dos estudantes, mas também atua como um agente transformador na desconstrução de estereótipos e na promoção da diversidade cultural.

O exame detalhado das práticas adotadas pelas universidades da Bahia e do Ceará revelou iniciativas notáveis que vão além do simples oferecimento de disciplinas. Programas de pesquisa, eventos culturais e parcerias com comunidades locais emergiram como

ferramentas valiosas na promoção e difusão dessas literaturas. Estas iniciativas não só enriquecem o ambiente acadêmico, mas também estabelecem pontes essenciais entre a academia e a sociedade, fomentando um diálogo enriquecedor que transcende os limites dos muros universitários.

O reconhecimento da diversidade cultural presente nessas universidades pode não ser imediatamente evidente na abordagem acadêmica, mas aponta para a construção de identidades mais plurais e autênticas. Embora o reconhecimento direto possa não ter sido observado, há indícios e sinais indiretos que sugerem um movimento nessa direção. A valorização de autores africanos nas grades curriculares não apenas amplia o repertório literário dos estudantes, mas também contribui para uma compreensão mais ampla e contextualizada das complexidades culturais que permeiam as sociedades brasileira e africana.

Portanto, ao retomar os caminhos trilhados neste capítulo, percebemos que a análise das práticas acadêmicas revela não apenas a importância do ensino dessas literaturas, mas também a necessidade de reconhecer e promover as iniciativas locais que, de maneira efetiva, contribuem para a disseminação e valorização dessas expressões literárias. A educação superior, ao abraçar essa missão, se posiciona como um agente fundamental na construção de uma consciência crítica e na promoção de uma sociedade mais inclusiva e reflexiva.

À medida que a pesquisa avança, vislumbramos a interconexão entre os capítulos, onde a reflexão sobre o panorama literário brasileiro, iniciada no primeiro capítulo, se entrelaça com a análise específica das práticas acadêmicas no segundo. Esta inter-relação ressalta a complexidade e a integralidade da temática em foco, destacando que a promoção das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa demanda uma abordagem holística, que transcende as fronteiras disciplinares e geográficas.

Ao concluir este capítulo, reafirmamos a necessidade de reconhecer as universidades como agentes de transformação cultural e acadêmica, enfatizando a responsabilidade de promover uma educação que esteja verdadeiramente alinhada com os princípios da diversidade e do respeito mútuo. Este percurso de análise e reflexão não apenas identificou as conquistas alcançadas, mas também sublinhou a importância de continuar a trajetória rumo a uma integração mais profunda e efetiva das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no âmbito acadêmico. A busca pela excelência na formação cultural e acadêmica dos estudantes requer uma constante revisão e aprimoramento das práticas existentes, guiada pelo compromisso inabalável de construir pontes que conectem as diversas vozes que compõem o rico mosaico literário brasileiro.

No desdobrar do terceiro capítulo, *Relevância da Lei 10.639/03 na formação de futuros professores*, adentramos o universo normativo que impulsiona transformações fundamentais no panorama educacional brasileiro. Ao analisar a influência da legislação que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, mergulhamos nas complexidades inerentes à formação de futuros professores e, por conseguinte, na construção de uma sociedade mais plural e justa.

Neste capítulo, a Lei 10.639/03 emergiu como um farol orientador na busca por uma educação mais inclusiva e representativa. Discutimos minuciosamente como essa legislação desempenha um papel crucial ao moldar a formação de profissionais da educação, capacitando-os não apenas com conhecimento teórico, mas com as ferramentas necessárias para abordar a diversidade cultural de maneira sensível e informada. A implementação dessa lei não se limita a uma exigência legal; ela se traduz em um compromisso ativo com a construção de uma narrativa educacional que reflita a riqueza e a pluralidade da sociedade brasileira.

Ao retomar as reflexões presentes neste capítulo, destacamos que, ao se debruçar sobre a importância da Lei 10.639/03, evidenciamos a urgência de integrar plenamente a temática afro-brasileira e africana nos currículos de formação de professores. A transformação da educação não ocorre apenas na inclusão de conteúdos, mas na capacitação dos educadores para abraçar e disseminar uma abordagem pedagógica que reconheça e celebre a diversidade.

Dessa forma, o entendimento crítico sobre a relevância dessa legislação transcende o aspecto normativo, alcançando voos na esfera prática e cotidiana da sala de aula. Os futuros professores, ao internalizarem os princípios delineados pela Lei 10.639/03, tornam-se agentes ativos na promoção de uma educação que confronta estereótipos, desconstrói preconceitos e fomenta a compreensão intercultural.

Ademais, aprofundar-se nesse capítulo permitiu-nos vislumbrar não apenas a necessidade de adesão e implementação efetiva da legislação, mas também os desafios enfrentados nesse processo. A resistência a mudanças, a falta de recursos adequados e a necessidade de uma formação continuada foram apontadas como barreiras que demandam esforços coletivos para serem superadas. À luz dessas considerações, reforçamos que a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo não se restringe a marcos legais, mas exige uma revisão constante das práticas pedagógicas e um compromisso inabalável com a igualdade. A educação é a mola propulsora da transformação social, e a formação de professores é um elo vital nessa cadeia de impacto positivo.

Deste modo, ao revisitar as variantes discutidas neste capítulo, concluímos que a relevância da Lei 10.639/03 transcende seus artigos e parágrafos; ela se insere no tecido mesmo da construção de uma sociedade mais justa, equitativa e culturalmente rica. A jornada pela implementação plena e eficaz dessa legislação continua a exigir esforços coletivos e compromissos inabaláveis, guiados pela convicção de que a educação é a chave mestra para a construção de um futuro mais inclusivo e igualitário.

No decorrer do quarto capítulo, intitulado *A importância das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na desconstrução dos rótulos sobre África*, aprofundamo-nos em uma análise minuciosa sobre o papel vital desempenhado por essas obras literárias na desconstrução de estereótipos historicamente vinculados ao continente africano. Este capítulo, por sua vez, não apenas delineou a influência transformadora dessas narrativas, mas também ressaltou a sua capacidade intrínseca de fomentar uma compreensão mais autêntica e enriquecedora da diversidade cultural africana.

Ao penetrar nas páginas dessas literaturas, emergiu uma constatação clara: elas não se limitam a meros registros artísticos, mas constituem ferramentas potentes na desconstrução de preconceitos arraigados. A capacidade de desvelar as complexidades das vivências africanas, por meio de uma rica tapeçaria de narrativas, confere a essas obras um papel social significativo na subversão de rótulos redutores.

Ao refletir sobre este capítulo, somos compelidos a reconhecer que as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa não apenas desafiam, mas reconfiguram paradigmas estabelecidos. A narrativa literária emerge como um meio eficaz de resistência contra a perpetuação de estereótipos prejudiciais, proporcionando uma plataforma para vozes até então silenciadas. Dessa forma, este capítulo não apenas abordou a importância intrínseca dessas literaturas, mas também realçou seu papel como agentes catalisadores de uma mudança de perspectiva mais ampla.

Além disso, ao revisitar as reflexões contidas neste capítulo, torna-se evidente que as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa não só desmantelam rótulos, mas também contribuem para a construção de uma narrativa mais autêntica e inclusiva. Elas oferecem alternativas poderosas aos estereótipos, revelando a riqueza e a complexidade das experiências africanas de maneira que transcende as limitações de representações unilaterais.

Destacamos, portanto, que a relevância deste capítulo não reside apenas na desconstrução de estereótipos, mas na provocação de uma reflexão crítica sobre a maneira como as narrativas são construídas e perpetuadas. A literatura, nesse contexto, surge como

uma força dinâmica capaz de moldar a percepção coletiva e, por conseguinte, influenciar atitudes e comportamentos.

Neste sentido, a conclusão extraída do quarto capítulo se materializa na compreensão de que as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, ao desempenharem seu papel desconstrutor, não apenas desafiam visões estereotipadas, mas, de maneira mais fundamental, contribuem para a criação de um panorama cultural mais inclusivo e enriquecido. Elas não são apenas instrumentos de desconstrução, mas agentes de construção ativa de novas narrativas, mais respeitadas, plurais e genuinamente representativas da diversidade africana.

Ao revisitar o quinto capítulo, intitulado *Autores africanos, nacionalidade e obras nos manuais escolares brasileiros*, somos confrontados com a profunda análise empreendida sobre a presença desses autores nos manuais escolares, bem como a crucial importância de sua integração nos currículos para uma compreensão mais abrangente das literaturas africanas. Este capítulo, portanto, não apenas delineou a lacuna existente nesse âmbito, mas também destacou a significativa relevância da representatividade na construção de identidades e no fomento a uma educação genuinamente plural.

Ao adentrar esse capítulo, mergulhamos na realidade muitas vezes negligenciada dos manuais escolares, essenciais na construção do conhecimento e na formação de perspectivas. O exame minucioso revelou não apenas a escassez de representação de autores africanos, mas também a necessidade premente de reformulações estruturais nos materiais didáticos utilizados em sala de aula. Destacamos a importância intrínseca de oferecer aos estudantes uma gama diversificada de vozes literárias, a fim de enriquecer suas compreensões sobre o mundo e, especialmente, sobre as contribuições culturais africanas.

Ao retomar as reflexões presentes neste capítulo, evidenciamos que a sub-representação de autores africanos nos manuais escolares não é apenas uma lacuna pedagógica, mas também uma perpetuação de desigualdades e visões limitadas. A ausência dessas vozes na formação escolar contribui para a reprodução de estereótipos e para a criação de uma visão de mundo unilateral. Nesse contexto, a necessidade de inclusão de autores africanos nos manuais escolares transcende a esfera educacional, configurando-se como um imperativo social para uma construção de identidade mais completa e uma promoção efetiva da diversidade cultural.

Adicionalmente, ao relembrar as gradações discutidas neste capítulo, concluímos que a representatividade não é apenas uma questão de inclusão literária, mas uma ferramenta fundamental na desconstrução de narrativas monolíticas. A presença de autores africanos nos manuais escolares não é apenas um reflexo de diversidade, mas uma afirmação concreta de

que todas as vozes importam e são essenciais para a compreensão holística da experiência humana.

Portanto, a análise crítica desse capítulo reforça a necessidade urgente de repensar e reformar os currículos escolares, garantindo que a diversidade literária seja uma prioridade indiscutível. A inclusão de autores africanos não é apenas um ajuste simbólico, mas uma intervenção substancial na construção do conhecimento e na promoção de uma educação que valoriza a multiplicidade de perspectivas.

Ao destacar essas considerações, reiteramos que a presença de autores africanos nos manuais escolares não é apenas uma medida corretiva, mas uma estratégia ativa na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e culturalmente enriquecida. A educação, quando moldada por uma diversidade literária autêntica, torna-se uma poderosa ferramenta na quebra de barreiras e na promoção de uma compreensão mais profunda e respeitosa entre diferentes culturas.

Já no sexto e último capítulo, *Autores africanos, nacionalidade e obras nos manuais escolares brasileiros*, subtítulo africanizando o panorama literário brasileiro: desvelando o silenciamento das vozes africanas e promovendo transformações editoriais, mergulhamos aprofundadamente na análise das complexidades que envolvem a representação de autores africanos nos manuais escolares brasileiros e as barreiras enfrentadas para que suas vozes ecoem no panorama literário do país.

Neste capítulo, elucidamos como a ausência dessas vozes nos manuais escolares contribui para o silenciamento persistente das ricas expressões literárias africanas. A resistência à diversificação editorial, a escassez de financiamento e a negligência dessas literaturas nos currículos educacionais revelaram-se como obstáculos formidáveis. Autores renomados, como Chimamanda Ngozi Adichie e Ngũgĩ wa Thiong'o, tornaram-se testemunhas vivas dessas dificuldades, evidenciando que a luta por visibilidade transcende fronteiras geográficas.

Ao reconstituir essas questões, percebemos que o desafio vai além da mera inclusão de obras nos manuais escolares. Estamos diante de uma batalha por reconhecimento, uma luta para desvelar e valorizar as vozes que por muito tempo foram marginalizadas. A falta de representatividade não é apenas uma lacuna na educação; é um reflexo da necessidade urgente de uma reavaliação profunda nos sistemas editoriais e educacionais.

Ao refletirmos sobre este capítulo, torna-se claro que a transformação desejada não ocorre apenas por meio da inclusão simbólica de alguns nomes, mas exige uma reestruturação completa do modo como abordamos a literatura africana nas escolas. A diversidade cultural



não deve ser apenas uma nota de rodapé; deve ser o alicerce sobre o qual construímos as bases da educação.

Dessa forma, ao concluir este capítulo, não podemos deixar de enfatizar a necessidade de uma abordagem mais holística e inclusiva nos manuais escolares, que vá além de simplesmente apresentar autores africanos. Devemos abraçar uma perspectiva que celebre não apenas a diversidade de autores, mas também a multiplicidade de vozes e experiências que enriquecem o cenário literário brasileiro.

Em síntese, ao finalizar esta jornada de exploração das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil, desde a sua presença nas universidades até a sua batalha por reconhecimento nos manuais escolares, emerge a clareza de que o caminho para uma representação justa e inclusiva é complexo, mas vital. Cada capítulo revelou desafios, mas também apontou para possíveis soluções e caminhos de transformação.

Outro aspecto relevante abordado, como já mencionado, é a importância das literaturas africanas na desconstrução de estereótipos e rótulos negativos historicamente associados à África. Ao apresentar narrativas e perspectivas diversas, essas obras desafiam visões simplistas e preconceituosas, proporcionando uma compreensão mais complexa e rica do continente africano e de suas múltiplas culturas. Nesse sentido, a literatura se revela como uma poderosa ferramenta para a promoção do diálogo intercultural.

Concluimos, assim, que esta pesquisa não se resume apenas a um registro de dificuldades, mas constitui um chamado à ação. A representação autêntica e inclusiva das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil requer esforços coletivos, envolvendo não apenas o meio acadêmico, mas também os setores legislativo, editorial e educacional. Portanto, reforçamos a importância de submeter os outros capítulos do texto para revisão textual. Esta é uma chamada para romper com o silenciamento persistente e construir um futuro onde a diversidade cultural seja não apenas reconhecida, mas celebrada em todas as suas nuances e expressões literárias.

## REFERÊNCIAS

AGAZZI, Giselle Larizzati; **Africanidades e educação literária: as literaturas africanas de língua portuguesa no currículo escolar**. *Ágora – Revista Acadêmica de Formação de Professores*. Unimes Virtual. Edição Especial – março. 2015.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Rodolfo Teixeira. Contemporary Literature from Africa. **Journal Periferias**, 2023. Disponível em: [litafrika: Artistic Encounters - Revista Periferias](https://www.periferias.org.br/litafrika:ArtisticEncounters-RevistaPeriferias). Acesso em: 05 set 2023.

ALVES-GARBIM, Juliana Franco. **A voz de Mãe Beata de Yemonjá em perspectiva: o (não) lugar das poéticas orais afro-brasileiras no mercado editorial**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

AMADO, Leopoldo. GUINÉ-BISSAU: 30 Anos de Independência. **Africana Studia**, n.8, 2005, p. 109-135.

AMORIM, Claudia; CHRISTIAN, Fischgold; JUNIOR, João, Olinto, Trindade; MATOS, Mayara. Literaturas africanas 1. **Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2019. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/022019/ea3b542a9f72d89e25d6b18c746adcd7.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ARAÚJO, Elana Gonçalo de; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. **A Presença das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Poliedro – Sistema de Ensino**. Id online Rev. Psic., fevereiro/2024, vol.18, n.70, p.1-15, ISSN: 1981-1179.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BARBOSA, Juliana. **Afrolit Sans Frontieres: atrás das cenas, em frente à camera**. Revista periferia. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/afrolit-sans-frontieres-atras-das-cenas-em-frente-a-camera/> . Acesso em: 5 set. 2023.

BOULOS, Júnior Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania 8ª Série**. 1 ed. São Paulo. FTD, 2003.

BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BUENO, A. de G. Literaturas africanas e afro-brasileira no Ensino Fundamental II. São Paulo. 2015.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Formação contínua na perspectiva da diversidade étnico-racial: diálogo entre o Instituto Federal do Espírito Santo e os docentes da educação básica da rede pública**. Relatório de pesquisa (Pós-Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CAVALCANTI, L. de S. **O lugar como espacialidade na formação do professor de Geografia**: breves considerações sobre práticas curriculares. Revista brasileira de educação em Geografia, v. 1, n. 2, p. 01-18, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo> . Acesso em: 12 dez. 2023.

CERQUEIRA, Hildebrando, Almeida. **LEBABIMIBOME**: espiritualidade africana e resistência à escravidão. Open Acesso. ODEERE, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 202-236, 2021.

Chabal, P. Vozes moçambicanas: Literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega. 1994.

CHARTIER. Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa – Difel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **Meio sol amarelo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHINUA Achebe. Um Homem de Povo. Companhia das Letras. São Paulo. 1958

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma História de Poligamia**. 1. ed. Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira** – volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Lisboa: Edições 70, 1982

CRUZ, C. R. Na tessitura do tempo: a Coleção de Autores Africanos. Abril – NEPA / UFF, v. 12, n. 24, p. 45-56, 11 jun. 2020.

DAVID, Débora Leite. **Dois cárceres, uma certeza: a morte. Um estudo comparado entre 'A vida verdadeira de Domingos Xavier, de José Luandino Vieira e 'Memórias do cárcere', de Graciliano Ramos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DE GODOY, Maria Carolina. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (orgs.) Belo Horizonte, UFMG, 2011. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 41, 2013, p. 271–273.

DE HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **IMPRESSÕES DE VIAGEM**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. São Paulo: Editora Rocco, 1992.

DE MORAES, Anita Martins. Guimarães Rosa lido por africanos: impactos da ficção rosiana nas literaturas de Angola e Moçambique. 2012. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/guimaraes-rosa-lido-por-africanos-impactos-da-ficcao-rosiana-nas-literaturas-de-angola-e-mocam>. Acesso em: 29 mar. 2023.

DE SOUSA, Elaine Aparecida. **Lei nº 10.639/03: a formação de professores e a questão racial no Brasil**. In: **SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto**. Educação e ação afirmativa: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

DOS REIS, Luiza Nascimento. **Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960)**. Recife: Editora UFPE, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2016.

FALCONI, Jessica. Ler o Sul. Os estudos de literaturas africanas em Portugal na década de 80. 2013. [online]. **Configurações**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/2088#quotation>. Acesso em: 21 mar. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. Autor angolano recusa prêmio Camões. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2505200636.htm>. Acesso em: 29 mar. 2022.

FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T. **PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio, n. 16, p. 13-72, 11 maio 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Maria Nazareth Soares Fonseca. Caletrosópio. (Entrevista) BERNARDO NASCIMENTO DE AMORIM. **Dossiê: Tecendo memórias, preservando heranças, iluminando caminhos: vozes femininas nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa**. Ouro Preto (UFOP). Vo. 10. n. 1. 224-269. (2022) Disponível em: <file:///C:/Users/oldfr/Downloads/336-161-PB.pdf> . Acesso em: 10 jan. 2024.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Breve histórico das literaturas africanas de língua portuguesa na PUC Minas**. 2012. Disponível em: [https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120905153204.pdf](https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120905153204.pdf) . Acesso em: 20 nov. 2023.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de pesquisa. Série ensaios**, n. 16, 2007.

GARCIA, Flavio; PAZ, Demétrio Alves. APRESENTAÇÃO. **Caderno Seminal**, [S. l.], n. 43, 2022. DOI: 10.12957/seminal.2022.71508. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/71508> . Acesso em: 10 jan. 2024.

GOMES, N. L. (org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na Escola na perspectiva da Lei n. 10.639/2003**. Brasília: MEC/UNESCO, 2012

GOMES, N. L. G. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. p. 143-155, USP. 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). Superando o racismo na escola. Brasília: SECAD, 2005

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 1. ed. São Paulo: Record, 2006.

HAMILTON, Russell G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. **Via Atlântica**, v. 2, n.2, 1999.

JAIME, Pedro; LIMA, Ari. Da África ao Brasil, Entrevista com o Prof. Kabengele Munanga. **REVISTADE ANTROPOLOGIA**, V. 56. Nº 1. SÃO PAULO, USP, 508-551. 2013.

JOÃO. E. S; Albuquerque. S. L; Ignácio. A. V. A. **A literatura africana nas aulas de língua portuguesa no ensino médio**: uma análise de livros didáticos. UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande. Mato grosso. 2018.

JOSÉ Eduardo Agualusa. **O vendedor de passados**. 1. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2004.

JÚNIA, Raquel. **História e cultura africana e indígena nas escolas. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)**. Rio de Janeiro. 2010-2022 Disponível em : <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/historia-e-cultura-africana-e-indigena-nas-escolas> acessado em: 12. Set. 2022.

JUNIOR, Brandão de Oliveira. **Agostinho Neto e Agostinho da Silva: Exílios, encontros e desencontros entre intelectuais no Atlântico Sul**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

JUNIOR, Gilson, Brandão, Oliveira. **Reflexões acerca da primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil**. Associação Nacional de História (ANPUH). São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Jul. 2011

KAPULANA. JOSÉ LUANDINO VIEIRA. Kapulana editora. 2019. Disponível em: <https://www.kapulana.com.br/jose-luandino-vieira/> . Acessado em: 18. Mar. 2023

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Lisboa: Europa-América, 1991.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África / 2.ed. rev.** – Brasília: UNESCO, p. 992. 2010.

KWANI? Manuscript Prize shortlist announced. African Writers Trust. 2013. Disponível em: <https://africanwriterstrust.org/2013/06/19/kwani-manuscript-prize-shortlist-announced/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LABAN, Michel et al. Luandino: **José Luandino Vieira e sua obra**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LARANJEIRA, P. As literaturas africanas de língua portuguesa. **Scripta**, v. 3, n. 6, p. 237-244, 22 mar. 2000.

LEITE, Débora. **Dois cárceres, uma certeza: A morte**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.

LIMA, Licínio C. **Organização escolar e democracia radical**: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. São Paulo, Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2000.

LOPES, Manuel. **Chuva Braba**. Lisboa: Ulisseia, 1965.

MATA, Inocência. **Estudos literários africanos e literatura-mundo**: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária. Revista Brasileira de História. Lisboa. 2023.

MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELONI, Otavio Henrique; FRANCO, Roberta Guimarães. **Literaturas Africanas II**. Volume Único. Rio de Janeiro. Fundação CECIERJ. 2019.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Organizadora). **Representação Do Negro No Livro Didático De Alfredo Boulos Júnior Com a Implementação Da Lei Nº 10.639 (2003-2012)**. Cultura: Conceito Sempre Em Desenvolvimento. 2019.

MORAES, Via Lima. Luandino Vieira: engajamento e utopia. **Zunái - Revista de poesia & debates**, 2012. Disponível em: [http://www.revistazunai.com/ensaios/vima\\_lia\\_martin\\_luandino\\_vieira.htm](http://www.revistazunai.com/ensaios/vima_lia_martin_luandino_vieira.htm). Acesso em: 01 dez. 2023.

MUDIMBE, V.Y. **The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge**. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. **Revista África**, [s.l/s. n], 2012.

MUNANGA, Kabengele. **O texto do livro Executivos Negros: Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial**, de autoria de Pedro Jaime, que tenho o prazer de prefaciar. [Prefácio]. Executivos negros: racismo e diversidade no mundo empresarial. São Paulo: EDUSP. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis**, v. 18, n. 1, p. 109–122, 2016. DOI: 10.5007/2175-8034.2016v18n1p109. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2016v18n1p109> . Acesso em: 8 jan. 2024.

NASCIMENTO, Élide Maria do. **A formação de professores de língua portuguesa no Brasil: análise das ações formativas do Profletras na Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

NEDILSON JORGE. **História da África e Relações com o Brasil**. 1. ed. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2018.

NETO, Agostinho. **Poemas de Angola**. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

NUNES, B. A. B.; Santos, D. R. O ensino de literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil e em Portugal: relações entre cultura, identidade e diversidade. **Língua & Literatura**, v. 20, n. 38, 2018.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **O Ensino de História Africana: a presença da África nos manuais escolares brasileiros e portugueses (1990-2004)**. In: PANTOJA, Selma (Org.). *Identidades, Memórias e Histórias em terras africanas*. Brasília: LGE, Luanda: Nzila, 2006.

OLIVEIRA, Bruno, Ribeiro; SANTANA, Rafael, Barbosa, de Jesus. **O papel social da literatura africana**. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Online. Out. 2021.

ONDJAKI. **Os Transparentes**. 1. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.

PARADISO, Silvio Ruiz; SOUSA, Andreza Santiago. **As literaturas africanas de língua portuguesa nos currículos de letras das universidades federais brasileiras**. *Revista Porto das Letras*, v. 7, n. 3, jan/mai. 2021.

PAULINA, Chiziane. **Niketche: Uma História de Poligamia**. Editora Companhia de Bolso. São Paulo. 2002.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres et al. **Pós-colonialismo e literatura: questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa**. Amapá: UNIFAP Editora, 2017.

PEREIRA, Marcos, Paulo; LIMA, Francisco, Wellington, Rodrigues; MOREIRA, Kássio; SILVA, Natali, Fabiana, da Costa. **Pós-colonialismo e literatura questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa**. UNIFAP Editorial. Amapá. 2017.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta - a imprensa negra no século XIX (1833-1899)**. 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro. 2010.

PORTAL Geleés. **Nota da Pallas Editora sobre a dissolução do grupo de educação antirracista formado por 11 editoras. 2021**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nota-da-pallas-editora-sobre-a-dissolucao-do-grupo-de-educacao-antirracista-formado-por-11-editoras/> . Acesso em: 29 mar. 2023.

PORTELA, Letícia Rocha. **Paulina Chiziane, escritora Moçambicana, recebe o Prêmio Camões**. Superintendência de inclusão, política afirmativa e diversidade SIPAD. Paraná. 2021.

PROJETO pedagógico curricular do curso de licenciatura em letras português da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). 2016. Disponível em: [https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/PPC-Letras-campusdosmales.pdf?\\_ga=2.56245035.1231400890.1680153471-1185701074.1680153471](https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/PPC-Letras-campusdosmales.pdf?_ga=2.56245035.1231400890.1680153471-1185701074.1680153471) . Acesso em: 29 mar. 2023.



PUBLISHNEWS. **Projeto Escola Antirracistase desfaz depois da polêmica envolvendo a Companhia das Letras**. Disponível em:

<https://www.publishnews.com.br/materias/2021/09/14/projeto-escola-antirracista-se-desfaz-depois-da-polemica-envolvendo-a-companhia-das-lettras> . Acesso em: 2 dez. 2023.

REIS, Luiza Nascimento. **Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960)**. Recife. Editora FFPE. 2021.

RESENHA de: MATA, Inocência (coord.). **Discursos memorialistas africanos e a construção da História**. Lisboa, Macau: Colibri, Universidade de Macau, 2017.

RODRIGUES, E. A.; DEUS, L. P. S. e; CARVALHO, W. M. de. **Entre fronteiras e trânsitos: a trajetória literária do escritor de Guiné-Bissau, Eliseu Banori**. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 259–268, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/7342> . Acesso em: 25 jan. 2024.

RODRIGUES, Eni Alves. **Crítica acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa no brasil: um estudo de teses produzidas no período de 2013 a 2017**. Belo horizonte. 2020. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_EniAlvesRodrigues\\_8320.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_EniAlvesRodrigues_8320.pdf) . Acesso em: 15 mar. 2023.

RODRIGUES, Evandro. **A representação do africano e afro-brasileiro nos livros didáticos de história após a Lei 10.639/03: entre escritos e perspectivas docentes**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, p. 126, 2018.

RODRIGUES, Evandro. **A representação do africano e afro-brasileiro nos livros didáticos de História após a Lei 10.639/03: entre escritos e perspectivas docentes**. Trabalho de conclusão de curso (TCC), CÁCERES – MT, 2018. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/433109/2/A%20representa%C3%A7%C3%A3o%20do%20africano%20e%20afro-brasileiro%20nos%20livros%20did%C3%A1ticosde%20Hist%C3%B3ria%20ap%C3%B3s%20a%20Lei%2010.639-03\\_%20entre%20escritos%20e%20perspectivas%20docentes.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/433109/2/A%20representa%C3%A7%C3%A3o%20do%20africano%20e%20afro-brasileiro%20nos%20livros%20did%C3%A1ticosde%20Hist%C3%B3ria%20ap%C3%B3s%20a%20Lei%2010.639-03_%20entre%20escritos%20e%20perspectivas%20docentes.pdf) . Acesso em: 08 mar. 2022.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SANTOS, A. S. R. **Dos Manuais Didáticos à Prática Docente: Representações Africanas e Afrodescendentes na Sala de Aula**. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

SCHLICKMANN, Mariana. A trajetória dos estudos africanos no Brasil: 1930 a 1980. **Temporalidades**, v. 8, n. 1, p. 417-444, 2016. ISSN: 1984-6150.

SCHUCMAN, L. V. O Branco e a Branquitude: Letramento Racial e Formas de Desconstrução do Racismo. **Portuguese Literary and Cultural Studies**, [s.l/s. n], p. 171-189, 2022.



SECCO, Carmen Lucia Tindó. “**Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana**”. Prefácio in: **SOUSA, Noémia**. Sangue negro. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2016.

SEMEDO, Odete. **Entre o ser e o amar**. Bissau: INEP, 1996.

SILVA, A. C. S. da, & Mendonça, F. (2018). Africanidades: diálogos com as literaturas africanas de língua portuguesa? **Revista Convergência Lusíada**, n. 34, p. 156-172, 2018.

SILVA, Maurício. Silva, Cidinha. Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. **Via Atlântica**, v. 20, n. 1, 2019.

SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

TAVARES, Ana Paula. Cinquenta anos de literatura angolana. **Via Atlântica**, n. 3, p. 123-133, 1999.

TAVARES, Gustavo. A formação de professores para o ensino de literaturas africanas e afro-brasileiras no Brasil: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro**, v. 25, e250039, 2020.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Um Grão de Trigo**. 1. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.

## **ANEXOS**

## CADERNO DE IMAGENS DA CHEGADA DOS ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL (1960):

Fonte: *Luiza nascimento dos Reis* (2021)



**FIGURA 1:** Ebenézer Lasebikan (segundo da esquerda para a direita). 1963. Acervo do CEAO.

Centro de Estudos Afro-Orientais,  
Universidade da Bahia,  
São Salvador,  
Bahia,  
Brazil.

Sofia State University,  
50-48 No.12,  
Block 6 Room 234,  
Sofia 13,  
9<sup>th</sup> Feb. 1963

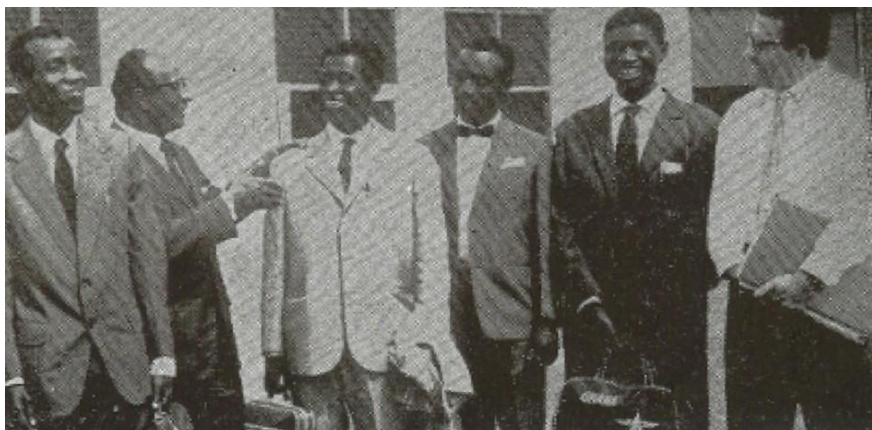
Dear sir,  
I am a Nigerian from Yoruba Tribe with the  
desire to study in the renowned University of Bahia.  
I would be very grateful if this centre could be  
kind enough to make my desire a reality by  
awarding me a scholarship to cover the cost of  
my studies in the University.

I am 23 years old. I graduated from High School in  
1958 and passed the University of Cambridge's  
West African School Certificate Examination in  
Seven Subjects. In 1961 I entered for and passed London  
University's General Certificate of ~~Education~~ Education  
Examination in British Constitution at Advanced  
level and Economics. Today I am a 1<sup>st</sup> year student of  
the above named university after learning the  
Bulgarian language for six months. The main reason  
for my intension to change my university is that  
my course is not available in the country.

Sir, should I be considered for this award I would  
like to study Economics in the University of Bahia. I  
would like to state that apart from English language  
I speak Bulgarian language fluently and have  
a considerable knowledge of Russian. I would not  
in the least mind spending some time learning  
the Portuguese language before entering the university.  
I am confident that you would give my application  
due consideration. Thanks,

I remain  
Yours sincerely  
E. Ola. Adebisi

N.B. Please should this centre  
find it impossible to meet my  
demand. It will be very much  
appreciated if this application  
could be passed to any quarters  
deemed capable of helping me.



**FIGURA 2:** Correspondência de B. Ola Adebisi para CEAO, 09/02/1963. Acervo do CEAO.

**FIGURA 3:** Raymundo de Souza Dantas (segundo da esquerda para a direita) e Vivaldo da Costa Lima (último à direita) em meio aos estudantes ganenses de partida para o Brasil. George Frempong está ao lado de Vivaldo Lima. The Ghanaian Times, em 05/12/1961. Acervo do AHI.



**FIGURA 4:** Primeira turma de estudantes bolsistas do Itamaraty no CEAO, em 1961. George Frempong é o primeiro agachado, da direita para esquerda. Acervo do CEAO.



**FIGURA 5:** Recepção aos estudantes ganenses na UBa. Waldir Oliveira (segundo da esquerda para a direita). Acervo do CEAO.



**FIGURA 6:** Recepção aos estudantes ganenses na UBa. Acervo do CEAO.



**FIGURA 7:** Samuel Cobbold. Acervo do CEAO.



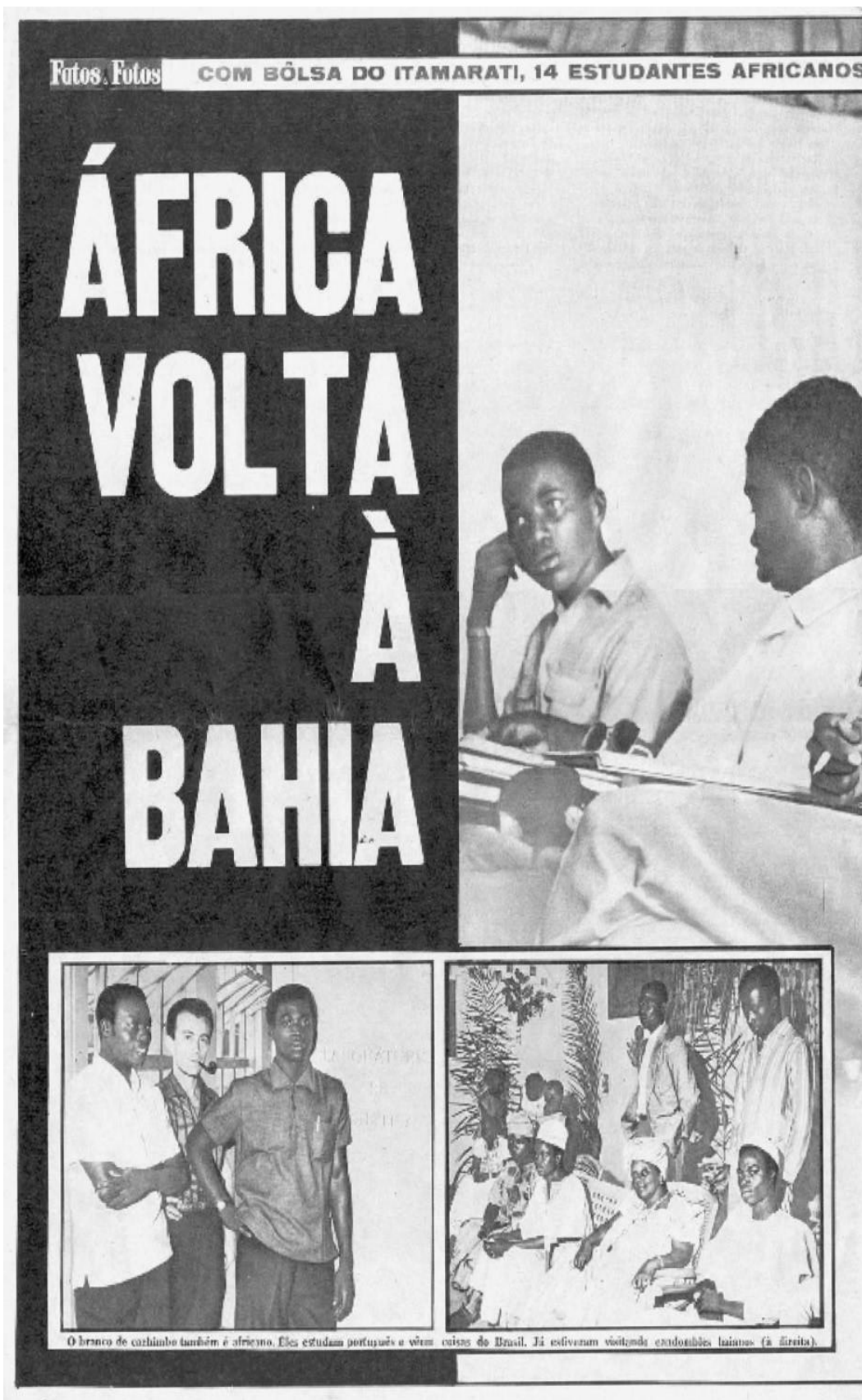
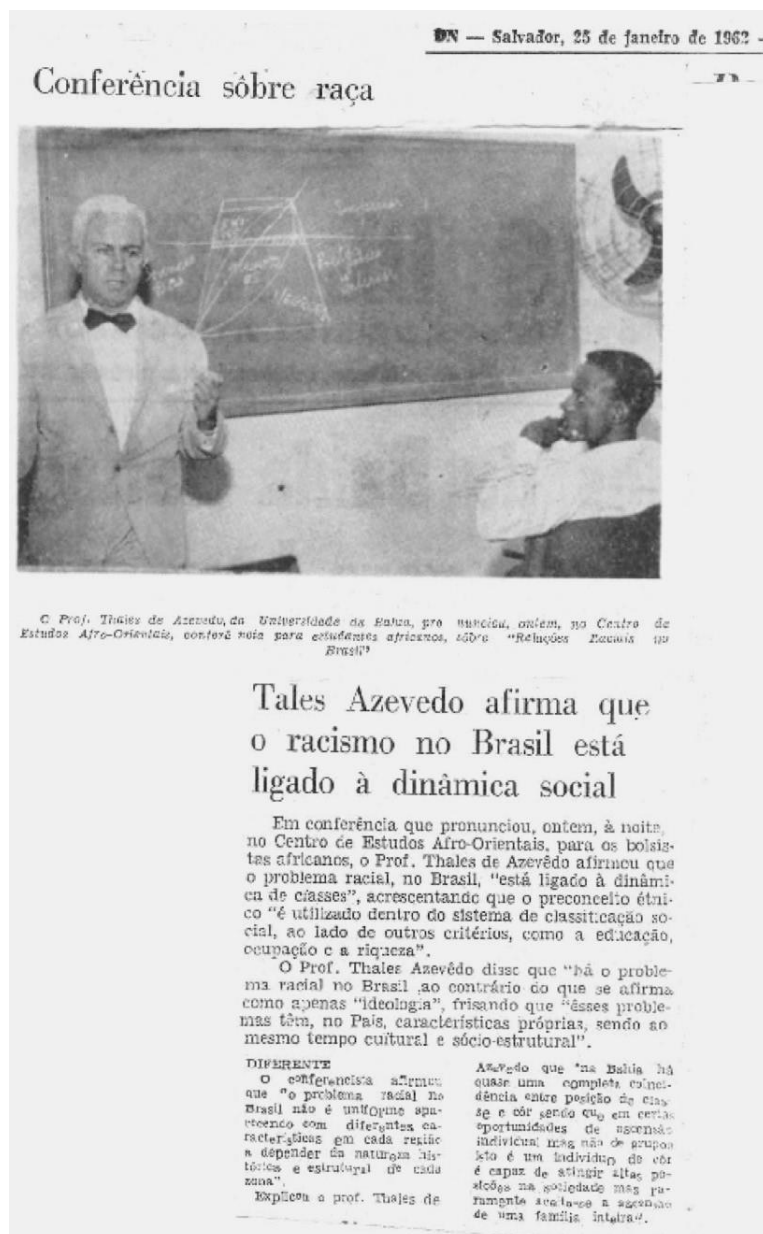


FIGURA 8: Reportagem Fatos e Fotos, Salvador: [s.n.], 20/01/1962. Acervo do CEAO.



**FIGURA 9:** Reportagem Fatos e Fotos, Salvador: [s.n.], 20/01/1962. Acervo do CEAO.



**FIGURA 10:** Tales de Azevedo ministra palestra para a primeira turma de os estudantes africanos no CEAO. Diário de Notícias, Salvador: [s.n.], 25/01/1962.





## ITAMARATI COMBATE DISCRIMINAÇÃO

**Avisa a 'boites' que racismo é proibido**

O Itamarati mandou informar aos proprietários das boites Jirau e Little Clube que, de acordo com a lei Afonso Arinos, é proibido haver discriminação racial no país. Estudantes boiistas africanos foram impedidos de entrar em duas boites e seus donos alegam que não foi por racismo, mas por falta de lugar.

"Agora que o Brasil procura estreitar as laços de amizade com as nações africanas, que se cria um Instituto de Estudos Afro-Brasileiros, que se pensa em fazer uma Universidade Brasileira na África, que estudantes daquele país vêm estudar aqui, como parte do intercâmbio cultural, que está começando a ser feito, a atitude do Itamarati — diz Abdias Nascimento (fundador do Teatro Experimental do Negro) — é ruidosa. O nosso Ministério de Relações Exteriores não pode querer lutar contra o preconceito de cor, quando é um dos primeiros a adotá-lo".

**NÃO É NOVIDADE**

Para o artista, o que aconteceu com os estudantes africanos não é novidade. "Por mais paradoxal que pareça, sempre houve racismo no Brasil. E a coisa vem de dentro da própria sociedade", diz Abdias de eu, não sinto, por melhor que seja. Uma das poucas exceções foi para Rómulo Santos Dantas, que só foi nomeado depois de grande pressão. Todos os anos milhares de cor pretos vestibulam no Instituto Rio Branco, mas nunca são admitidos".

Lembra Abdias que o livro não poderia ter acontecido em Portugal, pois agora que o presidente João Goulart se prepara para voltar à África e que naturalmente uma maior aproximação com

aquelas nações, a notícia de que os boites estrangeiros estavam criando problemas de discriminação no país que se diz amigo, é horrível. "Pode criar sérios problemas para o Brasil e para o Teatro Experimental do Negro pois queremos levar um espetáculo de teatro brasileiro para a África".

"Ninguém precisa dizer aos senhores do Itamarati o que deveria fazer para acabar de vez com esta discriminação racial que, se não para o mundo é infeliz e nunca de desaparece, para um país de formação étnica como a nossa é ruidosa. Se o Itamarati quiser agir, não como feitor" — concluiu Abdias.

FIGURA 12: Recorte do Jornal Diário Carioca, Rio de Janeiro: [s.n.], 28/04/1962.

**Itamarati não cumpre compromisso** A TARDE (Salvador) 15/02/1963

# ESTUDANTES AFRICANOS NÃO PODERÃO FICAR NA BAHIA

A Bahia hospedou o segundo grupo de estudantes africanos que vem realizar estudos superiores em estabelecimentos de ensino brasileiro.

No ano passado, veio estudar jovem da Nigéria, Gbano, George, Gbano e Iba de Cabo Verde, refletindo as esperanças de uma nova África e a internacionalização que dispensa os tradicionais ajeitos mais antigos, despertando a curiosidade e o apreço das áreas cênicas da Bahia.

Assim, após meses, vem agora o terceiro grupo de estudantes africanos, vindos de Angola, Congo, Guiné, Gambia, Serra Leoa e Guiné-Bissau, totalizando 15 alunos, sendo 10 homens e 5 mulheres.

### FASE DE ADAPTAÇÃO

A recepção dos alunos africanos é feita no Hotel Itamarati, onde eles ficam hospedados durante a primeira semana de adaptação. Durante esse período, os alunos recebem orientação sobre a vida acadêmica e social em Salvador.

### ASPECTOS DA CULTURA

Os estudantes africanos trazem consigo uma rica herança cultural, refletida em suas artes, danças e tradições. Durante sua estadia em Salvador, eles têm a oportunidade de compartilhar sua cultura com os brasileiros.

### NEGRO

Um dos aspectos mais interessantes da cultura dos estudantes africanos é a presença de elementos negros em suas tradições e práticas religiosas.

Após dois dias de adaptação, os estudantes africanos foram recebidos em uma recepção realizada no Hotel Itamarati. Durante a cerimônia, os alunos foram apresentados aos funcionários do hotel e receberam orientações sobre a vida acadêmica e social em Salvador.

Os estudantes africanos estão sendo recebidos em um ambiente acolhedor e seguro, onde eles poderão aproveitar ao máximo sua estadia em Salvador.



Grupos de estudantes africanos, vindos de todo o exterior, aguardam em um ambiente acolhedor em Salvador, Bahia, antes de iniciarem seus estudos superiores em estabelecimentos de ensino brasileiro.

Benedito Cordeiro Clotey, diretor de uma entidade em Arara (Ghana) visita o campus Itamarati da Universidade da Bahia.

FIGURA 13: Recorte do Jornal A Tarde. Salvador: [s.n.], 15/02/1963.

1961 60

FIDELIS CABRAL DE ALMADA

Nacionalidade: Portuguesa

Idade: 24 anos

Estado civil: solteiro

Ocupação: estudante de Direito

Próximas estudos: Deseja concluir os estudos de Direito e estudar Ciências Políticas na Cidade de S. Paulo.

Língua que fala: Português, Francês, Inglês e Italiano. Possui ainda conhecimentos de espanhol e italiano.

Outras informações: Frequentou as Faculdades de Direito de Coimbra e de Lisboa. Tem intenso treino das línguas mencionadas durante as frequentes viagens que fez ao estrangeiro. Visitou todos os países da Europa ocidental durante cinco anos consecutivos. Realizou várias viagens durante as férias grandes. Frequentou cursos de férias e campos de trabalho em diversos países.

Assinatura: C. A. P. E. Caixa Postal 5031  
Cidade Universitária  
São Paulo

Assinatura: Direção Universidade de São Paulo




FIGURA 14: Ficha de matrícula de Fidelis Cabral da Almada. 1961. Acervo do CEAO

1962

**NOME:** Adelaide Yeboaa Adu

**NACIONALIDADE:** Ghana

**PASSAPORTE nº** 21.663 **EXPEDIDO EM:** 22-09-1962

**IDADE:** 5-08-1940 (22 anos) **EST. CIVIL:** solteira

**ESTUDOS REALIZADOS:** Secundário completo

**PROFISSÃO:** Estudante

**LÍNGUAS QUE FALA:** Inglês, Francês

**LÍNGUAS QUE CONHECE:** Inglês, Francês

**ESTUDOS A REALIZAR:** Filosofia

**ENDEREÇO:** Solar Santo Antonio, Av. Sete nº 535 - Barra




FIGURA 15: Ficha de matrícula de Adelaide Yeboaa Adu. 1962. Acervo do CEAO.

RELACÃO DOS PEDIDOS DE BOLSAS PARA ESTUDANTES AFRICANOS E ASIÁTICOS  
A PARTIR DE SETEMBRO DE 1964

NOME	PAÍS DE ORIGEM	EST. REALIZADOS	ESTUDOS PROPOSTOS	DATA DO PEDIDO
1 - Zerrekki Malika	Argélia	-	Curso de férias	20/9/64
2 - Julien Vicent de Souza	Dahomey	Licença em Sociologia, Economia, e Direito, economia e costumes do ultramar (Univ. de Paris)	Estágio no CEAO	20/10/64
3 - Erastus Aroloye	Nigéria	-	Curso de férias	23/11/64
4 - Charles Akding	Ilha Maurício	Licença em Inglês (Univ. de Poitiers)	Curso de férias	2/2/65
5 - Augustin Mutela	Congo (Leo.)	-	Curso de férias	13/2/65
6 - Felahi Yinka N. Sherule	Nigéria	Ciência Política (Cornell Univ. USA)	Curso de férias	20/2/65
7 - Taiwo A. Odusote	Nigéria	Secundário	Curso de formação em Medicina	15/3/65
8 - Long-Lung Wang	China (Formosa)	Engenharia Agríc. (Univ. de Taiwan)	Post-graduação em Agronomia	12/4/65
9 - Georges Baruzakis	Guiné	-	Curso de férias	3/6/65
10 - Jide Shkomi	Nigéria	-	Curso de férias	3/7/65
11 - Edeouhou Densen	Costa do Marfim	-	Curso de férias	20/8/65
12 - Sammy O.C. Molokou	Nigéria	Secundário	Curso de formação em Medicina	10/9/65
13 - Albert Makelele	Congo (Leo.)	Economia	Estágio no CEAO	25/10/65

FIGURA 16: Lista de pedidos de bolsa de estudos no CEAO. 1964 e 1965

### MATERIAL NORTEADOR DAS ENTREVISTAS

PERGUNTA	RESPOSTA	DESCRIÇÃO
O que você acha da inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros?	Eu acho que é de suma importância a inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros. Acho que precisamos desconstruir a visão eurocêntrica que temos da literatura e das artes de um modo geral, e a literatura africana é um importante passo nesse processo. Acredito que ao estudar literaturas africanas, os estudantes podem ter uma compreensão mais ampla do mundo e das diferentes perspectivas existentes. Além disso, a literatura africana traz questões relevantes, como o racismo e o preconceito, que são muito pertinentes para a sociedade brasileira.	Opinião da professora sobre a inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares.
E sobre a presença dos autores africanos nas obras escolares brasileiras?	Eu acho que é de suma importância a presença dos autores africanos nas obras escolares brasileiras. Acho que precisamos desconstruir a visão eurocêntrica que temos da literatura e das artes de um modo geral, e os autores africanos são fundamentais nesse processo. Eles trazem consigo uma riqueza literária e cultural que enriquece o panorama literário brasileiro, além de permitir uma reflexão mais profunda sobre a nossa própria identidade cultural.	Avaliação do professor sobre a representação dos autores africanos nas obras escolares brasileiras.
E como você avalia a formação de professores do ensino superior nesse sentido?	A formação de professores do ensino superior deve estar atenta à inclusão das literaturas africanas em língua portuguesa nos seus currículos, tanto nas disciplinas específicas de literatura quanto em disciplinas transversais. É preciso que os professores estejam capacitados para abordar essas literaturas de forma crítica e contextualizada, a fim de desconstruir estereótipos e preconceitos e contribuir para uma educação antirracista e inclusiva.	Perspectiva da professora sobre a formação de professores do ensino superior em relação às literaturas africanas.
O que você acha da inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros?	Eu acredito que é fundamental incluir as literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros. Essa inclusão promove uma educação mais diversa e inclusiva, além de contribuir para combater estereótipos e preconceitos sobre a África.	Opinião de estudante sobre a importância da inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros.

PERGUNTA	RESPOSTA	DESCRIÇÃO
Quais autores africanos dos países de língua portuguesa já ouviram falar ou estudaram? Se conhecer, onde ouviu ou estudou?	Estou familiarizado com autores como Mia Couto, Chimamanda Ngozi Adichie, José Eduardo Agualusa, Luís Bernardo Honwana, Ana Paula Tavares, entre outros. Aprendi sobre eles em cursos optativos, pesquisas pessoais e durante minha formação acadêmica com os colegas africanos que sugeriram.	Conhecimento dos estudantes sobre autores africanos dos países da de língua portuguesa e como adquiriram esse conhecimento.
Qual é a sua opinião acerca das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros?	Acredito que seria muito importante incluir literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros. Isso ajudaria a promover uma educação mais diversa e inclusiva, e poderia ajudar a combater estereótipos e preconceitos sobre a África. Pena não termos estudado de maneira mais aprofundada no curso de Letras.	Opinião dos estudantes sobre a inclusão das literaturas africanas nos currículos escolares brasileiros.
Qual é a sua opinião sobre a questão racial nos autores africanos estudados no Brasil?	Para ser sincero, não acho que têm nos apresentados de forma eficaz os autores que abordam sobre essas temáticas, geralmente nos chegam autores que os professores mais leem, ao invés de nos apresentarem maior número de autores e a gente conhecer na integra mais autores africanos. Muitas vezes, as obras desses autores abordam questões relacionadas à síndrome racial, à violência e à desigualdade social. Por isso, acredito que é essencial que essas obras sejam estudadas e toleradas em contextos educacionais, para que possam refletir sobre esses problemas e buscar formas de superá-los.	Perspectiva dos estudantes sobre a questão racial nos autores africanos estudados no Brasil.
Disciplinas sobre Literaturas africanas fazem parte da sua grade curricular? Se sim, são eletivas ou optativas?	Não, não fazem parte da minha grade curricular atualmente.	Informação sobre a presença de disciplinas sobre literaturas africanas na grade curricular dos estudantes e sua natureza (eletivas ou optativas).
O que gostaria de saber sobre as literaturas africanas? (Não obrigatório)	Eu gostaria de saber mais sobre a história e a cultura de diferentes países africanos, e como essas influências se manifestam nas literaturas africanas.	Interesses dos estudantes em relação ao conhecimento sobre as literaturas africanas.